

A MÍSTICA DA ILUMINAÇÃO



As Idéias Irracionais de um Homem Chamado **U.G.**

"A busca termina com a constatação de que não existe nenhuma iluminação. Ao buscar, você quer se libertar do self, mas o que quer que você faça para se libertar dele é o self. Como posso fazer com que você entenda algo tão simples? Não há 'como'. Se eu disser isso a você, vou apenas adicionar mais impulso a essa busca..."

U.G. KRISHNAMURTI

A MÍSTICA DA ILUMINAÇÃO



As Idéias Irracionais de um
Homem Chamado **U.G.**



*Inteligência
Atuante*
PUBLICAÇÕES

Texto Revisado e Traduzido por *MARÍLIA ALMEIDA*
a partir do Website *HTTP://WWW.WELL.COM/USER/JCT/*
Título Original: *THE MYSTIQUE OF ENLIGHTENMENT*
Arte Gráfica Digital Organização: *LUCIANO IMOTO*

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

AVISO DE COPYRIGHT

“Meus ensinamentos, se essa é a palavra que você quer usar, não possuem copyright. Você é livre para reproduzir, interpretar, distribuir, distorcer, fazer o que quiser, até mesmo assumir autoria, sem meu consentimento ou de ninguém.”

U.G.

CONTEÚDO

	APRESENTAÇÃO	9
I	U.G.	13
II	A Mística da Iluminação	69
III	Não Existe Poder Fora do Homem	97
IV	Entre o Desnorteamto e o Entendimento	130

APRESENTAÇÃO

Aqui está talvez o livro mais simples e não *nonsense* já escrito sobre a verdade que muitos buscadores espirituais estão procurando e que a maioria dos gurus chamam de 'iluminação', enquanto U.G. Krishnamurti chama de 'estado natural'.

Nessa seleção de conversas U.G sustenta que 'a tão falada iluminação' é um fenômeno puramente biológico, que somente quando estamos completamente livres da cultura, convenções, pensamento religioso e intelectual, o corpo pode, com sua própria 'inteligência extraordinária', libertar o ser humano para ficar em seu estado natural. U.G tem vivido neste estado desde que viveu uma estranha e bizarra experiência, que chamou de "Calamidade", na Suíça, em seu quadragésimo nono aniversário. A partir de então, se tornou conhecido mundialmente, tanto na Europa e na Índia, como uma pessoa que discursa com autoridade sobre o tema.

As 'conversas' de U.G são informais e acontecem em qualquer lugar. Ele não é parente de JK (Jiddu Krishnamurti - 1895~1986), outro famoso líder espiritual indiano, cujos ensinamentos ele um dia admirou, e agora considera 'arcaicos'.

Ele é provavelmente o mais controverso de todos os especialistas nesse tema, entre gurus e não-gurus, e tem sido chamado de 'profeta da anti-sabedoria'.

A MÍSTICA DA ILUMINAÇÃO é uma nova e única companhia de beira de estrada preciosa para todos aqueles no 'caminho' ou pensando em partir para ele. Ele conta a estória íntima de um homem que conhece o 'negócio sagrado' por dentro e que revela, de uma maneira franca e direta, como se tornou 'livre' não por causa, mas apesar de uma vida inteira de prática espiritual.

ALICE FURLAUD

Escritora, comentarista de rádio
e articulista do jornal "New York Times"



Uppaluri Gopala Krishnamurti
(9/07/1918 ~ 22/03/2007)

Para os chamados “buscadores de Deus”, Felicidade ou Iluminação, este livro tem muito pouco que o recomende. Mas, para aqueles que se cansaram da busca e desenvolveram um ceticismo equilibrado, este pequeno volume pode ter valor inestimável.

Esta é a história de um homem que teve tudo - consideração, riqueza, cultura, fama, viagens, carreira - e desistiu de tudo para encontrar por si mesmo a resposta à uma questão que o queimava por dentro:

"Há realmente algo como Liberdade, Iluminação ou Liberação atrás de todas as abstrações que as religiões nos deram?"

Parte Um

U.G.

(Compilação baseada em conversas
na Índia e Suíça, de 1973 a 1976)

As pessoas me chamam de 'um homem iluminado' — eu odeio esse termo. Elas não conseguem encontrar nenhuma outra palavra que possa descrever o modo como estou funcionando. Ao mesmo tempo, eu enfatizo que não existe esse negócio de iluminação. Eu digo isso porque toda a minha vida eu procurei e quis ser um homem iluminado e eu descobri que a iluminação não existe sob qualquer condição. É então o questionamento a respeito de uma pessoa ser iluminada ou não vem à tona. Eu não dou a mínima por um Buda do século seis antes de Cristo, inclusive todos os outros reivindicadores que temos em nossa sociedade. Eles são um bando de exploradores, prosperando sobre a credulidade do povo. Não há poder fora do homem. O homem criou Deus através do medo. Então o problema é o medo, e não Deus.

* * *

Eu descobri para mim e por mim mesmo que não há nenhum 'self' ou 'eu' para realizar - esta é a realização da qual estou falando. Ela surge como um sopro que despedaça. Ela te atinge como um raio. Você investiu tudo em uma cesta, a da auto-realização, e, no final, de repente você descobre que não há um 'eu' para ser descoberto, nenhum 'eu' para ser realizado – e você diz para si mesmo: *"Que diabos eu venho fazendo em toda a minha vida?!"*. Isso mexe com você.

* * *

Todo o tipo de coisa aconteceu comigo - eu sobrevivi a elas, como vê. A dor física foi insuportável - por isso eu digo que você realmente não quer isso. Eu queria poder te dar uma visão disso, um toque disso - assim você não iria querer tocar mais nisso. O que você busca não existe; isso é um mito. Você não vai querer ter nada a ver com isso.

UG: Você vê, eu o possuo - eu não sei, qualquer que seja o nome que você dê para isso; eu não gosto de usar as palavras 'iluminação', 'liberdade', 'moksha' ou 'libertação'; todas estas palavras são carregadas, elas possuem uma conotação própria – e isso não pode ser trazido à tona por meio de nenhum esforço seu; isso apenas acontece. E por quê acontece com um indivíduo, e não outro, eu não sei.

Questionador: Então, isso aconteceu com você?

UG: Isso aconteceu comigo.

Q: Quando, Senhor?

UG: No meu quadragésimo-nono ano.

Mas qualquer coisa que você faça buscando o futuro – a adoção ou busca da verdade ou da realidade – te distancia de seu próprio estado natural, no qual você sempre está. Não é algo que você possa adquirir, alcançar ou cumprir como um resultado de seu esforço – por isso uso a palavra ‘acausal’. Isso não tem causa, mas, de alguma maneira, a busca acaba.

Q: Você acredita, Senhor, que isso não é resultado da busca? Eu pergunto porque eu ouvi dizer que você estudou filosofia, que se associou a pessoas religiosas...

UG: Veja, a busca te distancia de si mesmo – ela está na direção oposta – e não tem absolutamente nenhuma relação com isso.

Q: Apesar disso, isso aconteceu, mas não por causa dela?

UG: Apesar disso – sim, essa é a palavra. Tudo o que você faz torna impossível para o que já está lá expressar a si mesmo. Aí está o por quê eu chamo isso de ‘seu estado natural’. Você sempre se encontra nesse estado. Mas o que impede alguém de se expressar ao seu próprio modo é a busca. Ela está sempre na direção errada. Então, tudo o que você considera profundo, sagrado, contamina essa consciência. Você pode não (*risos*) gostar da palavra ‘contaminar’, mas tudo o que você considera sagrado, santo e profundo é uma contaminação.

Então, não há nada que você possa fazer. Está em suas mãos. Eu não gosto de usar a palavra 'graça' - graça de quem? Você não é um indivíduo especialmente escolhido; você merece isso, eu não sei por quê.

Se isso fosse possível para mim, eu estaria capacitado a ajudar alguém. Mas isso é algo que eu não posso dar, porque você tem isso. Por quê eu deveria dar isso a você? É ridículo pedir uma coisa que você já possui.

Q: Mas eu não sinto isso, e você sim.

UG: Não é uma questão de sentir, descobrir isso; você nunca irá descobrir. Não há maneira de descobrir tudo por você mesmo; isso começa a se expressar. Não há consciência...Veja, eu não sei como expressá-lo. O pensamento de que eu sou diferente de outras pessoas nunca surge em minha consciência.

Q: Isso é assim desde o começo, quando você se tornou consciente de si mesmo?

UG: Não, eu não posso dizer isso. Eu estava buscando, atrás de algo que ninguém jamais havia mencionado na atmosfera religiosa. Então, responder a essa questão não é fácil, porque eu terei que buscá-la em minhas origens. Talvez ela apareça, eu não sei (*risos*).

* * *

Q: Apenas por curiosidade, assim como Nachiketa, eu estou muito interessado em conhecer como essas coisas aconteceram com você pessoalmente, até o ponto em que você esteja consciente disso.

UG: Veja, essa é uma longa história; não é tão simples.

Q: Nós adoraríamos ouvi-la.

UG: Não, veja, eu terei que contar a você toda a minha vida – isso levará um longo tempo. A estória da minha vida vai até um ponto, e então ela pára – não há mais biografia depois disso. Os dois biógrafos interessados em escrevê-la possuem duas abordagens diferentes. Um diz que o que eu fiz – o *sadhana* (exercícios espirituais), a minha educação e todas as minhas experiências – me colocaram aqui. Eu digo que isso aconteceu apesar disso tudo (*gargalhada*). O outro biógrafo não está muito interessado em minhas declarações ‘apesar disso’, porque não há muito material para ele escrever um grande volume (*gargalhada*). Eles estão mais interessados nisso. Os editores também estão interessados nesse tipo de coisa. Isso é bastante natural porque você está trabalhando em um campo onde o relacionamento de causa e efeito sempre funciona – por isso você se interessa em descobrir a causa, como esse tipo de coisa acontece. Então, nós voltamos a onde começamos, à estaca zero: ainda estamos preocupados com ‘como’.

Minha formação não tem valor algum: ela não pode ser um modelo para ninguém, porque é única. Todo evento em uma vida é algo único à sua maneira. Suas condições, seu ambiente, suas raízes – tudo é diferente. Todo evento em sua vida é único.

Q: Eu não busco um modelo para dar ao resto do mundo – eu não estou perguntando por esse ângulo. Nós vemos uma estrela, o sol, a lua – é como isso; não que eu gostaria de imitá-lo. Isso pode ser relevante, quem sabe? Por

isso eu disse que sou Nachiketa aqui: eu não quero ir embora sem saber a verdade sobre você.

UG: Você precisa de um *Yama Dharmaraja* para responder às suas perguntas.

Q: Se você não se importa, você será *Yama Dharmaraja*.

UG: Eu não me importo. Ajude-me. Você vê, eu não tenho salvação, eu não sei por onde começar. Por onde acabar, eu sei (*gargalhada*). Acredito que terei que dizer toda a minha estória.

Q: Nós não nos incomodamos de ouvi-la.

UG: Ela não aparece.

Q: Você precisa estar inspirado.

UG: Eu não estou inspirado e sou a última pessoa que pode inspirar alguém. Eu preciso te contar, para satisfazer sua curiosidade, o outro lado, o lado sujo da minha vida.

(Ele nasceu no dia nove de julho de 1918, no Sul da Índia, em meio a uma família de classe média alta da casta Brâmane. Como o nome de sua família era Uppaluari, lhe foi dado o nome Uppaluari Gopala Krishnamurti. Sua mãe morreu logo após seu nascimento e ele foi criado por seus avôs maternos na pequena aldeia de Gudivada, próxima a Masulipatam.)

Eu fui criado em uma atmosfera muito religiosa. Meu avô era um homem muito culto. Ele conhecia Blavatsky (afundadora da Sociedade Teosófica) e Olcott, e então, mais tarde, a segunda e terceira geração dos Teosofistas.

Todos eles visitavam nossa casa. Ele era um grande advogado, um homem muito rico, muito culto e, estranhamente, muito ortodoxo. Ele era um tipo de criança confusa: ortodoxia e tradição de um lado, e então, o oposto, Teosofia e tudo mais, do outro lado. Ele fracassou em estabelecer um equilíbrio. Esse foi o começo do meu problema.

(U.G constantemente ouviu que sua mãe disse, pouco antes de morrer, que ele “nasceu com um destino imensuravelmente grande”. Seu avô levou isso a sério e desistiu de advogar para se dedicar à criação e educação de U.G. Seus avós e amigos estavam convencidos que ele era um yoga bhrashta que veio com polegadas de iluminação de sua vida passada.)

Em seu papel, meu avô aprendeu sobre homens e se dedicou, por alguma razão – eu não quero entrar em todo o negócio – para criar uma atmosfera profunda e me educar do modo correto, inspirado pelos Teosofistas e todos os outros. E, toda manhã, aqueles sujeitos vinham à minha casa e liam o Upanishads, Panchadasi, Nyshkarmya Siddhi, os comentários, os comentários dos comentários, das quatro às seis horas, e esse pequeno garoto de cinco, seis ou sete anos – eu não sei – tinha que ouvir toda aquela besteira. Então, depois de muito tempo, quando alcancei meu sétimo ano, eu conseguia repetir a maioria dessas coisas, as passagens de Panchadasi, Nyshkarmya Siddhi e essa, aquela e outras. Então, muitos homens sagrados visitavam minha casa – a Ordem Ramakrishna e outras (as nomeie) – era uma casa aberta para todos os homens sagrados. Então, descobri quando era relativamente jovem que todos eles eram hipócritas: eles diziam e

acreditavam em algo, mas suas vidas eram superficiais, nada. Esse foi o começo da minha busca.

Meu avô costumava meditar (ele está morto e não quero falar mal dele). Ele costumava meditar, por uma ou duas horas, em uma sala para meditação. Um dia, um pequeno bebê, de um ou dois anos de idade, por alguma razão começou a chorar. Aquele cara desceu e começou a bater na criança, que quase ficou azul – e esse homem, veja, meditava duas horas todos os dias. “Olhe! O que foi isso que ele fez?”. Aquilo se tornou um tipo de (eu não quero usar o termo psicológico, mas não há como escapar dele) experiência traumática - “Deve haver algo engraçado em todo o negócio da meditação. Suas vidas são superficiais, vazias. Eles falam maravilhosamente, se expressam de uma maneira muito bonita, mas, e quanto à suas vidas? Há esse medo neurótico; eles dizem algo, mas isso não funciona em suas vidas. O que há de errado com eles?” - não que eu os esteja julgando.

As coisas foram acontecendo e, então, eu me envolvi com essas coisas. “Há algo para acreditar –Buda, Jesus, os grandes mestres? Todo mundo está falando sobre moksha, libertação, liberdade. O que é isso? Eu quero saber por mim mesmo. Todos eles são sujeitos inúteis, mas, ao mesmo tempo, deve haver alguma pessoa nesse mundo que é uma personificação e um apóstolo de todas essas coisas. Se há uma, eu quero descobrir por mim mesmo”.

Então, muitas coisas aconteceram. Naqueles tempos descobri que havia um homem chamado Sivananda

Saraswati – ele foi um evangelista do Hinduísmo. Entre os quatorze e vinte e um anos (eu estou pulando muitos eventos desnecessários) eu costumava encontrá-lo muitas vezes. E eu fiz tudo, todas as austeridades. Eu era tão jovem, mas estava determinado a descobrir se havia algo como *moksha*, e eu queria aquela *moksha* para mim. Eu queria provar para mim e para todos que não poderia haver nenhuma hipocrisia nessas pessoas – “Elas são todas hipócritas” – então eu pratiquei yoga, meditação, estudei tudo. Eu vivenciei todo tipo de experiência das quais os livros falavam – *samadhi*, *super-samadhi*, *nirvikalpa samadhi*, todas. E disse para mim mesmo: “O pensamento pode criar qualquer experiência que você queira – felicidade, beatitude, êxtase, dissolução – todas elas. E eu sou a mesma pessoa as fazendo mecanicamente. A meditação não vale nada para mim. Ela não está me levando a lugar algum”.

Então, veja, o sexo se torna um tremendo problema para mim, um garoto humano e jovem. “Isso é algo natural, biológico, uma vontade do corpo humano. Por quê todas essas pessoas querem negar o sexo e suprimir algo natural, que é parte do todo, visando conseguir outra coisa? Isso é mais real e mais importante para mim do que *moksha*, libertação e tudo mais. Isso é a realidade – eu penso em Deus e Deusas e tenho sonhos molhados. Por quê eu deveria me sentir culpado? É algo natural; eu não tenho nenhum controle sobre isso. A meditação não me ajudou, o estudo não me ajudou e minhas disciplinas não me ajudaram. Eu nunca toquei no sal, em pimentas ou em nenhuma especiaria”. Até que um dia eu encontro esse

homem, Sivananda, comendo manga a portas fechadas - "Aqui está um homem que negou tudo na esperança de conseguir algo, mas esse sujeito não pode se controlar. Ele é um hipócrita" – eu não quero falar mal dele – "Esse tipo de vida não é para mim".

* * *

Q: Entre seus quatorze e vinte e um anos, como diz, você sentiu uma grande necessidade de sexo. Você casou, então?

UG: Não, eu não me apressei; eu permiti aquilo. Eu quis vivenciar a vontade sexual: "Suponha que você não faça nada, o que acontece com isso?". Eu quis entender todo o negócio. "Por quê eu quero me satisfazer nesses auto-erotismos? Eu não sei nada sobre sexo – então, por quê eu penso em todo o tipo de imagens sexuais?". Esse era o meu questionamento, a minha meditação; e não sentar em postura de lótus ou me interiorizar. "Como estou apto a formar essas imagens?" – eu nunca assisti a um filme, eu nunca vi, você sabe, pôsteres - "Como é isso? Isso é algo interno, não externo. O que vem de fora é estimulante – são estímulos externos. Mas há outro tipo de estímulo que é interno – isso é mais importante para mim. Eu posso cortar todos os estímulos externos, mas como eu posso cortar o que vem de dentro?". Eu quis descobrir.

Eu também queria descobrir o quê era essa experiência sexual. Apesar de nunca ter vivenciado o sexo, eu parecia saber como era aquela experiência. Isso continuou e eu não me apressei para ter sexo com uma mulher; eu permiti às coisas acontecerem a seu próprio modo. Eu não queria me casar naquela época. Meu objetivo era

me tornar um cético, um monge – não me casar. Mas as coisas aconteceram e eu disse a mim mesmo: “Se meu objetivo é satisfazer a minha vontade sexual, por que não me casar? A sociedade está aí para isso. Por quê você deveria transar com uma mulher? Você pode ter uma expressão natural do sexo no casamento”.

* * *

Eu cheguei a um ponto, quando eu tinha vinte e um, no qual me senti muito mais forte que todos os mestres – Buda, Jesus ou Sri Ramakrishna. Todos brincaram consigo mesmos, se iludiram e iludiram a todos. Isso não poderia estar certo – “Onde está o estado do qual essas pessoas falam e o descrevem? Essa descrição me parece sem sentido. Todos dizem: “Não fique com raiva” – eu tenho raiva o tempo todo. Estou cheio de atividades íntimas brutais, então, isso é falso. O que essas pessoas estão me dizendo para ser é algo falso, e por quê isso é falso, irá me falsificar. Eu não quero viver uma vida falsa. Eu sou ganancioso, e eles me dizem para não ter ganância. Há algo errado. Mas eu não estou preparado para me mudar e falsificar para estar em um estado sem ganância; para mim, a ganância é a realidade”. Eu vivi no meio de pessoas que falaram sempre dessas coisas – e posso te dizer que todos foram falsos. Então, de alguma maneira, o que você chama de ‘náusea existencialista’ (eu não usei essas palavras na época, mas agora conheço esses termos), a revolta contra tudo o que é sagrado e santo, apareceu e jogou tudo fora: “Chega de slokas, religião e exercícios – o que existe em mim é algo natural. Eu sou bruto,

um monstro cheio de violência – essa é a realidade. Eu sou cheio de desejos. Sem desejos, ganância ou raiva – essas coisas não têm sentido para mim; elas são falsas, e elas não são apenas falsas, elas estão me falsificando”. Então eu disse a mim mesmo: “Desisti de todo negócio”, mas isso não é tão simples, como vê.

Então, alguém aparece enquanto estava discutindo todas essas coisas. Ele me encontra praticamente ateuista (mas não um praticante do ateísmo), cético de tudo, herege até minhas botas. E diz: “Há um homem aqui, em algum lugar de Madras, em Tiruvannamalai, chamado Ramana Maharshi. Vá vê-lo. Ele é a personificação humana e viva da tradição Hindu”.

Eu não queria ver nenhum homem sagrado. Se tivesse visto um, teria visto todos. Eu nunca procurei pessoas sentadas aos pés dos mestres, aprendendo algo; porque todo mundo diz: “Faça mais e mais da mesma coisa e você irá conseguir isso”. O que eu consegui foram mais e mais experiências e então essas experiências demandaram permanência – e não há permanência. Então: “Os homens sagrados são todos falsos. Eles somente estão me dizendo o que está nos livros que eu posso ler. Fazer o mesmo de novo e novamente – isso eu não quero. Eu não quero experiências. Eles estão tentando dividir uma experiência comigo. Eu não estou interessado nessa experiência. Para mim, não há diferença entre a experiência religiosa e a sexual ou qualquer outra. Eu não estou interessado em vivenciar Brahman; em vivenciar a realidade ou a verdade. Elas podem ajudar os outros; mas não podem me ajudar. Eu não estou interessado em fazer mais do

mesmo; o que fiz é o bastante. Se você quer resolver um problema matemático na escola, você o repete continuamente. Então, você o soluciona e descobre que a resposta está no problema. Então, que diabos você está fazendo, tentando solucioná-lo? É mais fácil encontrar a resposta antes ao invés de passar por tudo isso”.

Então, com relutância, hesitação, sem vontade, eu fui ver Ramana Maharshi. Aquele sujeito me arrastou. Ele disse: “Vá lá uma vez. Algo irá acontecer com você”. Ele falou isso e me deu um livro, *Search in Secret India*, de Paul Brunton. E eu li o capítulo relacionado a esse homem: “Tudo bem, não me importo, deixe-me ir vê-lo”. Ele estava sentado e, em sua presença, eu senti: “Ó quê! Como esse homem pode me ajudar? Esse sujeito que está lendo tiras cômicas, cortando vegetais, brincando com isso, aquilo e o outro – como esse homem pode me ajudar? Ele não pode me ajudar”. De qualquer forma, eu sentei. Nada aconteceu; eu olhei para ele, e ele olhou para mim. “Em sua presença você se sente silencioso, suas questões desaparecem, seu olhar te muda” - tudo o que restou de uma estória, que na minha visão era uma coisa fantasiosa. Eu sentei. Havia um monte de questões, questões bobas – então: “As dúvidas não desapareceram. Eu estava sentado havia duas horas, e as questões continuavam. Tudo bem. Deixe-me fazer algumas perguntas a ele” – porque, naquele momento, eu queria muito *moksha*. “Você supostamente é um homem livre” – eu não disse isso. “Você pode me dar o que tem?” – eu perguntei a ele, mas ele não me respondeu. Então, depois de algum lapso de tempo, eu repeti a pergunta: ‘Ó que quer que você tenha,

“você pode me dar?”. Ele disse: “Eu posso dar a você, mas você pode pegar?”. Garoto! Pela primeira vez esse sujeito disse que tinha algo e eu não podia pegá-lo. Ninguém antes dele havia dito: “Eu posso te dar”, mas esse homem disse: “Eu posso te dar, mas você pode pegá-lo?”. Então eu disse a mim mesmo: “Se há algum indivíduo neste mundo que pode pegá-lo, sou eu, porque eu fiz sete anos de sadhana. Ele pode pensar que eu não posso pegá-lo, mas eu posso. Se eu não posso, quem poderá?” - esse era o meu estado de espírito naquele momento. Você sabe (*risadas*), eu era muito confiante.

Eu não era seu seguidor e não havia lido nenhum de seus livros. Então, eu fiz mais algumas perguntas a ele: “Pode alguém ser livre algumas vezes e não ser livre outras?”. Ele disse: “Ou você é livre, ou você não o é em absoluto”. Havia outra pergunta da qual não me lembro. Ele me respondeu de um modo muito estranho: “Não há degraus levando você a isso”. Mas eu ignorei todas essas coisas. Essas perguntas não importavam para mim – as respostas absolutamente não me interessavam. Mas essa pergunta: “Você pode pegá-lo?”... “Quão arrogante ele é!” - era o que eu sentia. “Por quê eu não posso pegar isso, o que quer que seja? O que era isso que ele tinha?” - essa era a minha pergunta natural. Então, a questão foi formulada: “Qual é esse estado que todas essas pessoas – Buda, Jesus e todos – estavam? Ramana está nesse estado – supostamente está, eu não sei – mas aquele sujeito é parecido comigo, um ser humano. Como ele pode ser diferente de mim? O que outros dizem ou estão dizendo não tem nenhuma importância para mim; qualquer um

pode fazer o que ele está fazendo. O que há? Ele não pode ser muito diferente de mim. Ele também nasceu de seus pais. Ele tem idéias particulares sobre todo o negócio. Algumas pessoas dizem que algo aconteceu com ele, mas como ele é diferente de mim? O que há? O que é esse estado?" - essa foi a pergunta fundamental, a pergunta básica – que perdurou. "Eu preciso descobrir que estado é esse. Ninguém pode me dar esse estado; eu estou sozinho. Eu tenho que continuar nesse mar sem mapa ou compasso, sem barco, sem até mesmo uma balsa para me levar. Eu vou descobrir por mim mesmo o que é esse estado no qual aquele homem está". Eu quis muito aquilo, senão, não teria doado minha vida.

Q: Não entendo esse negócio de dar e pegar.

UG: Eu não posso dizer nada sobre o que ele quis dizer quando disse: "Eu posso te dar, mas você pode pegá-lo?". Mas, de algum modo, essa pergunta me ajudou a formular a minha própria. Veja, se alguém estivesse a ponto de me fazer uma pergunta similar agora, eu diria que não há nada para se alcançar de ninguém. Quem sou eu para dar isso a você? Você tem o que eu tenho. Nós todos estamos no número 25 da Rua Sannidhi, e você está me perguntando: "Onde é o número 25 da Rua Sannidhi?". Eu digo que você está nela. Não que eu sei que estou nela. Mas você quer saber onde está e está me perguntando isso.

* * *

(UG diz que nunca mais visitou Ramana ou qualquer uma “dessas pessoas religiosas”, e nunca mais tocou em nenhum livro religioso exceto para estudar para seus exames de filosofia.)

Então, a minha busca real começou. Toda a minha formação religiosa estava dentro de mim. Então, eu comecei a explorá-la. Por alguns anos estudei psicologia e filosofia (Oriental e Ocidental), misticismo, todas as ciências modernas – eu comecei a explorar sozinho todas as áreas do conhecimento humano. A busca continuou e “qual é aquele estado?” era a minha pergunta, e ela tinha intensidade própria. Então: “Todo esse conhecimento não me satisfaz. Para quê ler tudo isso?”. Psicologia era um dos temas que escolhi para um diploma de mestrado – infelizmente, naquele momento, era parte de nosso currículo. Eu estava interessado em psicologia pela simples razão de que a mente sempre me intrigou: “Onde está a mente? Eu quero saber algo sobre ela. Aqui, dentro de mim, eu não vejo nenhuma, mas todos esses livros falam sobre a mente. Vamos, deixe-me ver o que os psicólogos Ocidentais têm a dizer sobre a mente”. Um dia, eu perguntei ao meu professor: “Nós estamos falando sobre a mente todo o tempo. Você sabe, por si mesmo, o que é a mente? Nós estamos estudando tantos livros – Freud, Jung, Adler, etc. Todas essas coisas eu sei – eu li as definições e descrições que estão nesses livros – mas você sabe alguma coisa sobre a mente?”. Ele disse: “Não faça perguntas inconvenientes como essa (*gargalhada*). São perguntas muito perigosas. Se você quer passar na prova, apenas faça anotações, as memorize e as repita

no caderno de respostas – você conseguirá seu diploma”. “Eu não estou interessado no diploma, mas em descobrir a mente”.

(Seu avô morreu, abandonou a Universidade de Madras sem completar a graduação e se casou em 1943.)

A partir daí eu me envolvi com a Sociedade Teosófica por causa de minhas raízes. Eu herdei a Sociedade e um monte de dinheiro de meu avô. Isso facilitou a minha vida: eu possuía um grande montante de dinheiro naquele momento – cinqüenta ou sessenta mil dólares. Então, pude fazer todo tipo de coisas. Eu me envolvi com a Sociedade Teosófica como orador (eventualmente, U.G foi nomeado General Secretário Conjunto da Sociedade na Índia), mas meu coração não estava nisso – “Toda essa informação de segunda-mão. Qual é o objetivo em dar palestras?”. Eu era um orador muito bom naquele tempo, mas não o sou mais. Eu era um orador de primeira classe, lecionando em todo lugar, em cada plataforma. Eu discurssei em cada universidade da Índia. “Isso não é algo real. Alguém que tenha cérebro pode juntar essa informação e então jogá-la fora. O que estou fazendo? Por quê estou perdendo meu tempo? Isso não é meu ganha-pão, não é meu meio de sobreviver. Se isso é seu ganha-pão, tudo bem, aí eu posso entender, você repete como um papagaio e sobrevive; mas isso não é meu ganha-pão. E ainda estou interessado em algo”.

Então (no final de 1940, perto do fim de seu trabalho na Sociedade Teosófica), J. Krishnamurti aparece. Ele

tinha acabado de retornar dos Estados Unidos e começado seu novo tipo de...

Q: Você é parente de Krishnamurti?

UG: 'Krishnamurti' é apenas um nome de nascimento, não é um nome de família. O nome da família dele é Jiddu - 'Krishnamurti' é um nome até comum: Jiddu Krishnamurti.

Eu me envolvi com ele e o ouvi por cerca de sete anos, todas as vezes que veio ao país. Eu não o conhecia pessoalmente, por causa de todo o negócio de 'Professor Mundial' e tudo que cria algum tipo de distância. "Como um Professor Mundial pode ser criado? Professores Mundiais nascem, não se fazem" - esse era o meu pensamento. Eu conhecia todo o cenário, todo o negócio. Eu não fazia parte do círculo central; eu sempre estava na periferia, nunca quis me envolver. Havia a mesma hipocrisia, no sentido de que não havia nada na vida deles; eles eram superficiais – os bolsistas, as mentes mestradas e pessoas notáveis. "O que é isso? O que está por trás disso?"

Então, Krishnamurti apareceu e, após sete anos, as circunstâncias nos aproximaram. Eu o encontrava todo dia – nós discutimos toda a coisa. Eu certamente não estava interessado em suas abstrações. Suas aulas certamente não me interessavam. Eu disse a ele uma vez: "Você pegou o jargão psicológico do dia e está tentando expressar algo por meio desse jargão. Você adota análises e chega a um ponto que isso não é análise. Esse tipo de análise está somente paralisando as pessoas; não as está ajudando. Isso está me paralisando". Minha pergunta foi

a mesma: “O que é isso que você tem? Não estou interessado nas abstrações que joga em mim. Há algo por trás dessas abstrações? O que é? De algum modo, tenho a sensação – eu não sei dizer por quê – que o que está por trás dessas abstrações é o que me interessa. Eu tenho a sensação – pode ser apenas minha opinião – que talvez você (para dar um símile tradicional e familiar) não tenha experimentado o açúcar, mas pelo menos você parece ter olhado para o açúcar. O modo como você descreve as coisas me dá a sensação de que pelo menos você viu o açúcar, mas eu não tenho certeza se você o provou”.

Então, nós brigamos por anos e anos (*risos*). Havia algumas diferenças pessoais entre nós. Eu queria algumas respostas francas e honestas e ele não as me deu por suas próprias razões. Ele era muito defensivo – estava defendendo algo. “O que você defende? Pendure seu passado e tudo o mais em uma árvore e deixe isso para as pessoas. Por quê você quer se defender?”. Eu quis algumas respostas francas e honestas sobre sua formação e ele não me respondeu de modo satisfatório. E então, perto do fim, insisti: “Vamos, não há nada por trás das abstrações que você está jogando em mim?”. E aquele sujeito disse: “Você não tem como saber isso por si”. Acabou – esse foi o fim do nosso relacionamento, como vê: “Se eu não tenho como conhecê-lo, você não tem como me comunicá-lo. Que diabos estamos fazendo? Eu gastei sete anos. Adeus. Não quero vê-lo novamente”. E fui embora.

(Foi provavelmente a partir desse momento que U.G ficou intrigado com o aparecimento de poderes psíquicos.)

Antes do meu quadragésimo nono ano eu tive tantos poderes, tantas experiências, mas não prestei qualquer atenção a elas. No momento em que via um homem, eu podia ver todo seu passado, presente e futuro sem que ele me dissesse nada. Eu não os usei; eu estava me perguntando, intrigado: “Por quê eu tenho esse poder?”. Algumas vezes eu disse coisas e elas sempre aconteceram. Eu não pude descobrir o mecanismo disso – eu tentei: “Como é possível que eu diga algo assim?”. Elas sempre aconteceram. Eu não brinquei com isso. Então, elas tiveram certas conseqüências desagradáveis e criaram sofrimento para algumas pessoas.

* * *

(U.G estava viajando pelo mundo, ainda lecionando. Em 1955, ele, sua esposa e seus quatro filhos se mudaram para os Estados Unidos em busca de tratamento para a poliomielite de seu filho mais velho. Em 1961, seu dinheiro acabou e ele sentiu que começava um tremendo caos que ele não poderia e não desejava controlar, durou seis anos e terminou com uma ‘calamidade’ (como ele chama sua entrada no estado natural). Seu casamento terminou. Ele colocou sua família em um avião de volta para a Índia e foi para Londres. Chegou na cidade sem dinheiro e começou a mendigar na cidade. Por três anos, viveu ocioso nas ruas. Seus amigos o viam como se caminhasse de ponta cabeça ladeira abaixo, mas ele diz que, naquele momento, sua vida lhe pareceu perfeitamente natural. Mais tarde, pessoas religiosas usaram a frase dos místicos ‘a noite negra da alma’ para descrever esses anos, mas, em sua visão, não havia “nenhum esforço heróico contra a tentação e o mundanismo, nenhuma luta livre da alma com as vontades, nenhum clímax poético, mas apenas um simples murchar da vontade”).

Depois disso, foi como se minha cabeça não existisse: “Onde está a minha cabeça? Eu tenho uma cabe-

ça ou não? A cabeça parece estar aqui. De onde vem esses pensamentos?” - essas foram as minhas perguntas. A cabeça estava ausente e apenas essa parte estava se movendo. Não havia vontade de fazer nada: eu era como uma folha soprada aqui, lá e em todo lugar, vivendo uma vida suja. Isso perdurou. Finalmente, eu não sei o que aconteceu, um dia eu disse a mim mesmo: “Este tipo de vida não é bom”. Eu era praticamente um parasita, vivendo da caridade de algumas pessoas sem saber de nada. Não havia vontade – eu não sabia o que estava fazendo – e eu estava praticamente louco. Eu estava em Londres, peregrinando pelas ruas – sem lugar para viver, a noite toda. Um policial sempre me parava: “Você não tem um abrigo? Nós iremos colocá-lo na prisão”. Esse era o tipo de vida que eu levava. Durante o dia eu podia sentar no British Museum – eu conseguia um tíquete. O que ler no British Museum? Eu absolutamente não estava interessado em ler - nenhum livro me interessava – mas, para fingir que eu estava lá lendo algo, eu costumava pegar um dicionário de sinônimos da gíria underground – dos criminosos. Eu lia isso para passar o tempo e à noite ia a algum lugar. Essa situação perdurou.

Até um dia que eu estava sentado no Hyde Park. Um policial apareceu e disse: “Você não pode ficar aqui. Nós iremos expulsá-lo”. Para onde ir? O que fazer? Estava sem dinheiro –acredito que eu tinha apenas cinco centavos de um dólar no meu bolso. Mas um pensamento veio à minha cabeça: “Vá para a Missão Ramakrishna”. Isso foi tudo e saiu do nada – talvez foi

uma predição. Não havia futuro para mim, exceto peregrinar pelas ruas. Além disso, aquele sujeito estava me perseguindo. Então, peguei o metrô até um ponto no qual não podia mais continuar. De lá, andei até a Missão para encontrar o Swami. Disseram-me: “Você não pode vê-lo agora. São dez horas da noite. Ele não irá vê-lo; ele não irá ver ninguém”. Eu disse à secretária que tinha que vê-lo. De algum modo, ele veio. Então, coloquei esse álbum de recortes diante dele – quem eu era; minhas palestras, os comentários do *The New York Times* sobre elas e toda a minha formação. De alguma maneira, eu havia mantido aquele livro comigo, o álbum de recortes que meu empresário havia preparado para mim na América. “Isso era eu, e este sou eu agora”. Então, ele disse: “O que você quer?”. Eu disse: “Eu quero ir à sala de meditação e sentar ali a noite inteira”. Ele disse: “Você não pode fazer isso. Nós temos uma política que consiste em não deixar ninguém usar a sala de meditação depois das oito da noite”. Eu disse: “Então, eu não tenho para onde ir”. Ele disse: “Eu irei arranjar um quarto para você. Fique no hotel essa noite e depois volte”. Então, eu fiquei no hotel. No outro dia, fui lá ao meio-dia, cansado. Eles estavam comendo e me deram almoço. Pela primeira vez eu tive uma refeição de verdade. Eu havia perdido até mesmo o apetite pela comida; eu não sabia o que era fome ou sede.

Depois do almoço, o Swami me chamou e disse: “Eu estou procurando por um homem exatamente como você. Meu assistente que estava fazendo o trabalho editorial está mentalmente doente – ele acabou indo para o hospi-

tal. Eu tenho que lançar esse número para o Centenário Vivekananda. Nesse momento, você é o homem certo para mim. Você pode me ajudar". Eu disse: "Eu não posso escrever nada. Talvez eu faça edição hoje em dia, mas agora eu não posso fazer nada. Sou um homem acabado. Eu não posso ajudar em nada". Ele disse: "Não, não. Juntos, podemos fazer algo". Ele queria alguém com formação em filosofia Indiana e tudo o mais. Mas ele podia ter quem quisesse, mas disse: "Não, não. Está tudo bem. Descanse por algum tempo, fique aqui e irei cuidar de você". Eu disse: "Eu não quero fazer um trabalho literário. Me dê um quarto e irei lavar suas louças ou algo do tipo, mas estou singularmente incapaz de fazer esse tipo de trabalho". Ele disse: "Não, não. Eu quero isso". Então eu tentei fazer algo; não para me satisfazer; não para satisfazê-lo, mas de alguma maneira, juntos, nós lançamos o tema.

Ele estava me pagando cinco libras, como todos os outros Swamis. Pela primeira vez eu tinha cinco libras para gastar, então: "O quê fazer com isso?". Eu havia perdido o senso do valor do dinheiro porque eu não o tinha. Houve um tempo em que eu podia preencher um cheque de cem mil rúpias; depois de algum tempo, não tinha um paise em meu bolso; agora, cinco libras. "O que farei com isso?". Então, eu decidi ver todos os filmes em Londres com aquele dinheiro. Eu costumava ficar na Missão e trabalhar pela manhã, comer lá e sair a uma da tarde para ver um filme. Até que eu não encontrava nenhum filme para ver. Nos arredores de Londres passavam três filmes por um xelim, ou algo do tipo. Então, consumi todos os filmes e gastei todo o meu dinheiro.

Eu costumava sentar na sala de meditação e refletir sobre a meditação das pessoas. “Por quê eles fazem todas essas coisas tolas?”. Já nesses tempos sentia mudanças no meu organismo, mas tive uma experiência muito estranha naquele centro de meditação. Seja o que fosse – minha predição ou algo parecido – os fatos estavam lá: pela primeira vez, senti algo peculiar... Eu estava sentado, sem fazer nada, olhando para todas aquelas pessoas, sentindo pena delas: “Essas pessoas estão meditando. Por quê elas querem entrar no samadhi? Elas não vão conseguir nada – eu passei por tudo isso – e elas estão brincando consigo mesmas. O que eu posso fazer para salvá-las de desperdiçar toda as suas vidas fazendo esse tipo de coisa? Isso não vai levá-las a nada”. Eu estava sentado lá – inexistente, desolado – quando senti algo muito estranho: um movimento dentro do meu corpo. De repente, descobri que algo estava se mexendo: alguma energia estava saindo do meu pênis e por meio dela (cabeça) como se houvesse um buraco. Estava se movendo assim (em círculos), no sentido horário, e, depois, no sentido anti-horário. Era como o anúncio de cigarros Wills no aeroporto. Foi uma coisa engraçada, mas eu não relacionei isso com absolutamente nada. Eu era um homem acabado. Alguém estava me alimentando, cuidando de mim, não pensava no dia seguinte, mas, ainda assim, dentro de mim havia algo: “É um modo perverso de se viver. É a perversidade levada ao extremo. Isso não é nada”. Mas ainda assim, minha cabeça estava perdida – o que eu poderia fazer? Isso perdurou. Depois de três meses, eu disse: “Estou indo. Eu não posso fazer esse tipo de coisa”.

Perto do fim, o Swami me deu algum dinheiro, quarenta ou cinquenta libras. Então eu decidi...

Eu ainda tinha um tíquete aéreo para voltar à Índia. Então, fui para Paris, troquei o tíquete e consegui algum dinheiro porque ele tinha sido pago em dólares. Com essas trinta e cinco libras, eu acredito que tinha, aproximadamente, cento e cinquenta libras. Por três meses vivi em Paris, em um hotel, peregrinando pelas ruas como havia feito antes. A única diferença é que eu tinha algum dinheiro no meu bolso. Mas esse dinheiro desapareceu aos poucos. Depois de três meses, decidi que tinha que ir, mas resistia em voltar para a Índia. De alguma forma, não queria voltar por causa da minha família e filhos. Eu estava apavorado em voltar para a Índia – aquilo iria me complicar e todos viriam até mim. Eu não queria ir em absoluto; resisti a isso. Finalmente...Eu tinha uma conta no banco na Suíça por anos e pensava que ainda poderia ter algum dinheiro nela. O último recurso era ir à Suíça, tirar o dinheiro e ver o que acontecia. Então, saí do hotel, entrei em um táxi e disse: "Leve-me à Gare de Lyon". Mas os trens de Paris à Zurique (onde tinha a conta) partiam da Gare de l'Est, e não sei por quê eu disse para me levar a Gare de Lyon. Então, ele me deixou na Gare de Lyon e entrei no trem que ia para Gênova.

Eu cheguei em Gênova com cento e cinquenta francos, ou algo parecido, para gastar. E continuei a viver em um hotel, apesar de não ter dinheiro para pagar a conta. Depois de duas semanas, eles me deram a conta: "Vamos, dinheiro! O que me diz sobre a conta?". Eu não tinha dinheiro. Lavei minhas mãos. A única coisa que me

restou foi ir ao Consulado Indiano e dizer: “Me mande para a Índia. Estou acabado, como vê”. Então, a resistência de voltar acabou. Eu fui ao Consulado e mostrei meu álbum de recortes.

“Um dos mais brilhantes oradores que a Índia já teve”, com comentários de Norman Cousins e Radhakrishnan sobre meus dons. O vice-cônsul disse: “Nós não podemos mandar esse homem para a Índia às custas do Governo. O que você acha? Tente e consiga algum dinheiro e, nesse meio tempo, venha e fique comigo”. Então, veja, isso perdurou. Lá, conheci uma senhora suíça (Valentine de Kerven). Ela era a tradutora do Consulado, mas naquele dia estava na recepção porque a recepcionista estava ausente por algum motivo. Nós começamos a conversar e nos tornamos amigos íntimos. Ela disse: “Se você quer ficar, eu posso providenciar para que fique na Suíça. Se não quer ir para a Índia, não vá”. Depois de um mês, o Consulado me mandou embora, mas nos viramos – ela me deu uma casa na Suíça e saiu de seu emprego. Ela não era rica; tinha apenas um pouco de dinheiro, sua pensão, mas poderíamos viver com ele.

Então, fomos a Saanen. Aquele lugar era importante para mim. Estive lá em 1953, enquanto viajava pela região, e, quando o vi, algo em mim disse: “Saia do trem e passe algum tempo lá”. Então, passei uma semana. E disse a mim mesmo: “Esse é o lugar onde devo passar o resto da minha vida”. Eu tinha muito dinheiro naquele momento, mas minha esposa não queria ficar na Suíça, por causa do clima. Então, muitas coisas aconteceram e nós fomos para a América. Até que esse so-

inho incompleto se materializou. Nós fomos para Saanen porque sempre quis viver lá, então continuei a viver. Até que J. Krishnamurti escolheu Saanen, por alguma razão, para suas palestras todo verão. Eu vivi lá; não estava interessado em Krishnamurti. Eu não estava interessado em nada. Valentine viveu comigo por alguns anos antes dos meu quadragésimo nono aniversário. Ela pode te dizer que eu nunca falei sobre isso com ela – meus interesses na verdade e na realidade – nada. Eu nunca discuti esse tema com ela nem com mais ninguém. Não havia busca em mim ou nenhuma busca a algo, mas algo engraçado estava acontecendo.

Durante um tempo (eu o chamo de ‘incubação’), todo o tipo de coisas estavam acontecendo dentro de mim – dores de cabeça constantes, dores terríveis no cérebro. Eu engoli não sei quantas centenas de aspirinas. Nada me aliviou. Não era enxaqueca ou nenhuma daquelas dores de cabeça conhecidas, mas dores de cabeça tremendas. Eu precisava daquelas pílulas de aspirinas e de quinze a vinte xícaras de café todo dia para me libertar! Um dia, Valentine disse: “O quê! Você está tomando quinze xícaras de café todo dia. Você sabe o que isso significa em termos de dinheiro? São três ou quatrocentos francos por mês. O que é isso?”. Era absolutamente uma coisa terrível para mim.

Todos os tipos de coisas engraçadas aconteceram comigo. Eu lembro de quando eu esfreguei meu corpo e apareceu um brilho fosforoso. Valentine costumava correr do quarto para ver, pois pensava que eram carros passando no meio da noite. Todas as vezes que eu rolava na cama

aparecia uma luz brilhosa (*risos*), era muito engraçado – “O que é isso?”. Isso era eletricidade, um campo eletromagnético. Primeiramente, pensei que era por causa das roupas de nylon e sua eletricidade estática; mas, então, parei de usar roupas de nylon. Eu era um herege cético até os dedos dos meus pés; nunca acreditei em nada; mesmo se visse um milagre acontecer diante de mim. Eu absolutamente não aceitava isso – assim como não aceitava fazer as pazes com esse homem. Nunca me ocorreu que algo dessa natureza estava se formando em mim.

Coisas muito estranhas aconteceram, mas eu nunca intitulei essas coisas como libertação, liberdade ou moksha porque, naquele momento, tudo saía do meu organismo. Eu tinha chegado a um ponto que disse a mim mesmo: “Buda iludiu a si e iludiu aos outros. Todos os mestres e salvadores da humanidade são malditos tolos – eles se enganaram. Então, não estou mais interessado nesse tipo de coisa”. Então, isso saía completamente do meu organismo. E essa situação perdurou a seu próprio modo – coisas peculiares – mas eu nunca disse a mim mesmo: “Bem (*risos*), estou chegando lá, estou mais perto disso”. Não há aproximação a isso, não há distanciamento disso, não há proximidade disso porque ele é diferente, está preparado. Não há preparação para isso; isso apenas te atinge como se fosse uma tonelada de tijolos.

Então, (em abril de 1967) eu estava em Paris quando J. Krishnamurti também estava. Alguns de meus amigos sugeriram: “Por quê você não vai ouvir seu velho amigo? Ele está aqui dando uma palestra”. “Tudo bem, eu não o escutei por muitos anos - quase vinte – deixe-me

ouvi-lo". Quando cheguei, me pediram dois francos. Eu disse: "Não estou preparado para pagar dois francos para ouvir J. Krishnamurti. Não, vamos, deixe-nos ir e fazer alguma coisa tola. Vamos a uma boate de strip-tease, ao 'Folies Bergere' ou ao 'Casino de Paris'. Vamos, entraremos lá por vinte francos". Então, lá estávamos no 'Casino de Paris' vendo o show. Eu tive uma experiência estranha naquele momento: não sabia se eu era o dançarino ou se havia outro dançarino dançando no palco. Uma experiência muito estranha: um tipo de movimento peculiar aqui, dentro de mim (isso agora é natural). Não havia divisão: não havia ninguém olhando para o dançarino. A questão se eu era o dançarino, ou havia um dançarino lá no palco, me confundiu. Esse tipo de experiência peculiar de ausência de divisão entre mim e o dançarino me confundiu e incomodou por algum tempo – então, fomos embora.

A questão "o que é aquele estado" tinha uma intensidade fantástica para mim – não uma intensidade emocional. Quanto mais tentei encontrar uma resposta e mais fracasei em encontrá-la, mais intensidade a questão ganhou. É como (eu sempre dou este símile) um palhiço de arroz. Se um amontoado de palhiço de arroz está aceso, ele continua queimando internamente; você não vê nenhuma chama por fora, mas quando você o toca, ele logicamente te queima. Exatamente do mesmo modo, a questão perdurava: "O que é esse estado? Eu quero isso. Acabou". Krishnamurti disse: "Você não tem como". Mas eu ainda quero saber como esse estado é, o estado no qual Buda estava, Sankara estava e todos esses mestres estavam".

Então, (em julho de 1967) começou uma nova fase da minha vida. Krishnamurti estava discursando novamente em Saanen. Meus amigos me arrastaram até lá e disseram: “Agora pelo menos é gratuito. Por quê não vai lá e o ouve?”. Eu disse: “Tudo bem. Eu irei ouvi-lo”. Quando o ouvi, algo engraçado aconteceu – um sentimento peculiar de que ele estava descrevendo meu estado, e não o dele. Por quê eu queria conhecer seu estado? Ele estava descrevendo movimentos, a consciência, o silêncio – “Nesse silêncio não há alma; não há ação” – todo tipo de coisas. Então, “eu estou nesse estado. Que diabos eu venho fazendo por trinta ou quarenta anos, ouvindo todas essas pessoas e me esforçando, tentando entender o seu estado ou o estado de outra pessoa, Buda ou Jesus? Agora eu estou nesse estado”. Então, saí da tenda e não olhei para trás.

Então – foi muito estranho – aquela pergunta “o que é esse estado?” se transformou em outra: “Como eu sei que estou nesse estado, o estado de Buda, o estado que tanto quis e pedi a todo mundo? Eu estou nesse estado, mas como eu sei? No dia seguinte (seu aniversário de quarenta e nove anos), eu estava sentado em um tronco embaixo de uma árvore com vista para um dos locais mais bonitos do mundo: os sete rios e sete vales (de Saanenland). Eu estava sentado lá. Não que a pergunta estivesse lá; mas todo o meu ser era a pergunta: “Como eu sei que estou nesse estado? Há algum tipo de divisão peculiar, que faz com que eu saiba que estou nesse estado. A minha formação – o que li, o que vivenciei, o que eles disseram – está em busca desse estado, então, ela projetou esse estado”. Eu disse a mim mesmo: “Olhe aqui, velho camarada, depois

de quarenta anos você não deu um passo; você está no quadrado número um. Você está na mesma situação fazendo a mesma pergunta, “como eu sei?”, porque essa é a sua formação, composta pela descrição do estado por essas pessoas, que acabaram criando esse estado para você. Você está brincando consigo mesmo. Você é um tolo maldito”. Então, nada. Mas ainda havia em mim um sentimento peculiar de que eu estava no estado.

Eu não tive nenhuma resposta para a pergunta “como eu sei que estou nesse estado?”. Era como se ela estivesse em um rodadoiro – e ela perdurou. Então, de repente, a pergunta desapareceu. Nada aconteceu; ela apenas desapareceu. Eu não disse a mim mesmo: “Oh, meu Deus! Agora eu achei a resposta”. Até aquele estado desapareceu – o estado que pensei estar, o estado de Buda, Jesus – até ele desapareceu. A pergunta desapareceu. A coisa toda acabou para mim, e isso é tudo, como vê. Daí em diante, nunca disse a mim mesmo: “Agora eu tenho as respostas para todas essas perguntas”. Aquele estado que eu disse “esse é o estado” – aquele estado desapareceu. A questão desapareceu. Acabou, veja. Não é vazio, não é branco, não é nada dessas coisas; a questão desapareceu de repente, e isso é tudo.

* * *

(O desaparecimento de sua pergunta fundamental, ao descobrir que ela não tinha resposta, foi um fenômeno psicológico, como U.G diz, “uma ‘explosão’ interna repentina, explodindo cada célula, nervo e glândula do corpo”. E com essa ‘explosão’, a ilusão de que havia a continuidade do pensamento, que havia um centro, um ‘eu’ lincando os pensamentos, não estava mais lá)

Então, o pensamento passa a não poder lincar. Sua conexão se quebra, e, uma vez que ela está quebrada, ela acaba. E não é somente uma vez que o pensamento explode; toda vez que um pensamento surge, ele explode. Então, essa continuidade chega a um fim e o pensamento cai em um ritmo natural.

Desde então eu não fiz nenhuma pergunta de nenhum tipo, porque as perguntas não podem mais existir. As únicas perguntas que faço são bem simples (“Como eu vou a Hyderabad?”, por exemplo) e funcionam nesse mundo – e as pessoas têm respostas para elas. Para essas outras, ninguém tem resposta – então, não há mais perguntas.

Tudo na minha cabeça foi comprimido – não havia lugar para nada em meu cérebro. Pela primeira vez, eu me tornei consciente da minha cabeça quando tudo se apertou dentro dela. Então, esses vasanas (impressões do passado), ou como você quiser nomeá-las, tentaram aparecer algumas vezes, mas as células cerebrais estavam tão ‘apertadas’ que as vasanas não tiveram mais oportunidade de brincar. A divisão não podia mais existir – era uma impossibilidade física; e você não precisa fazer nada quanto a isso, como vê. Por isso que essa ‘explosão’ toma lugar (eu uso a palavra ‘explosão’ porque é como uma explosão nuclear) e deixa atrás de si reações em cadeia. Cada célula de seu corpo, localizadas bem no meio da medula, têm que sofrer essa ‘mudança’ e - eu não quero usar a palavra – é uma mudança irreversível. Não há o que discutir com relação ao seu retorno, a ‘queda’. É irreversível: um tipo de alquimia.

É como uma explosão nuclear – estraçalha todo seu

corpo. Não é algo fácil; é o fim de um homem – é estraçalhando que ela explode cada célula e nervo de seu corpo.

Eu passei por uma tortura física terrível. Não que eu ‘vivencieí’ a explosão; você não pode vivenciar a ‘explosão’ – mas seus efeitos posteriores, a queda, mudam toda a química do seu corpo.

* * *

Q: Senhor, você deve ter vivenciado, se eu puder usar essas palavras, planos mais altos...

UG: Planos? Não há planos – nenhum plano, nenhum nível. Há uma coisa muito estranha que resulta dessa ‘explosão’, ou como quiser nomeá-la: em nenhum momento o pensamento de que sou diferente de você entra na minha consciência. Nunca. Nunca esse pensamento entra na minha consciência e me diz que você é diferente de mim e eu sou diferente de você, porque, não adianta, não há mais um centro. Apenas com esse centro como referência que você cria todos os outros pontos.

Q: De algum modo, você certamente deve ser diferente de outras pessoas.

UG: Psicologicamente, provavelmente.

Q: Você disse que aquelas mudanças químicas fantásticas tomaram conta de você. Como você sabe disso? Você já foi examinado, ou é sua própria conclusão?

UG: Os efeitos posteriores dela (‘explosão’), como agora os sentidos operam sem nenhuma coordenação ou centro

– é tudo o que eu posso dizer. Outra coisa: a química mudou – a alquimia e mudança toma conta de seu corpo e não há modo de livrar seu organismo da continuidade do pensamento. Então, desde que não haja continuidade de pensamento, você pode dizer facilmente que algo aconteceu, mas o que aconteceu na verdade? Eu absolutamente não tenho como vivenciar isso.

Q: Pode ser que a mente esteja brincando e que eu meramente pense que sou um “homem explodido”.

UG: Eu não estou tentando vender nada aqui. É impossível formular isso. É algo que aconteceu fora do campo, da área, na qual eu esperei, sonhei e quis mudanças. Então, eu não chamo isso de mudança. Eu realmente não sei o que aconteceu comigo. O que estou dizendo a você é o modo como estou funcionando, mas, basicamente, não há nenhuma diferença. Como pode haver alguma diferença entre você e eu? Não pode haver; mas, pelo modo como estamos nos expressando, parece haver. Eu tenho a sensação de que há alguma diferença, e qual é essa diferença é o que estou tentando entender. Esse é o modo como estou funcionando.

* * *

(U.G. percebeu, na semana posterior à ‘explosão’, mudanças fundamentais no funcionamento dos sentidos. No último dia, seu corpo passou por ‘um processo de morte física’ (Nirvikalpa samadhi), e as mudanças se tornaram características permanentes.)

Então, as mudanças começaram – do dia seguinte em diante, por sete anos – todo dia acontecia uma mu-

dança. Primeiro, eu descobri a maciez da pele e o piscar de meus olhos parou, e então houve mudanças no paladar, olfato e audição – eu reparei nessas cinco mudanças. Talvez elas já estivessem lá antes e eu apenas as percebi pela primeira vez.

(No primeiro dia) eu reparei que a minha pele estava macia como seda e tinha um brilho dourado peculiar. Eu estava me barbeando e, toda vez que tentava me barbear, o barbeador escorregava. Eu troquei sua lâmina, mas não adiantou. Eu toquei em meu rosto. Meu toque estava diferente, assim como o modo que eu segurava a máquina de barbear. Especialmente a minha pele estava macia como seda e tinha esse brilho dourado. Eu não relacionei isso absolutamente com nada; apenas observei.

(No segundo dia) eu me conscientizei pela primeira vez que minha mente estava no que eu chamo de ‘estado arrebatado’. Eu estava na cozinha, no andar de cima, e Valentine havia preparado sopa de tomate. Eu olhei para ela e não sabia o que era. Ela disse que era sopa de tomate. Então, eu a experimentei e reconheci: “Esse é o gosto que uma sopa de tomate tem”. Em seguida eu engoli a sopa e em seguida retornei para esse quadro mental estranho – apesar de ‘quadro mental’ não ser a palavra para isso; era um quadro de ‘sem mente’ – no qual esqueci novamente o que era aquilo. E perguntei de novo: “O que é isso?”. Novamente, ela disse que era sopa de tomate. Eu a experimentei de novo. Novamente, engoli e esqueci. Eu brinquei com isso por algum tempo. Era um ne-

gócio tão engraçado naquele momento, esse 'estado arrebatado'; agora, ele se tornou normal. Eu não perco mais tempo com devaneios, me preocupando, conceituando e pensando no que a maioria das pessoas pensam quando estão sozinhas. Minha mente está engajada apenas quando é necessário, por exemplo, quando você me faz perguntas, quando preciso arrumar o gravador de fitas, ou algo do tipo. O resto do tempo minha mente está nesse 'estado arrebatado'. Claro que agora eu tenho minha memória novamente – eu a perdi em um primeiro momento, mas agora a consegui de volta – mas minha memória está em minhas raízes e apenas vem brincar quando necessário, automaticamente. Quando não é necessário, não há mente, não há pensamento, há apenas vida.

(No terceiro dia) alguns amigos vieram à minha casa jantar. Eu disse: "Tudo bem, irei preparar algo". Mas eu não podia cheirar e degustar da forma correta. Eu me tornei gradualmente consciente de que esses dois sentidos foram transformados. Todas as vezes que um odor entrava pelas minhas narinas ele irritava meu centro olfativo – quer viesse do aroma mais caro ou do esterco de vaca, era a mesma irritação. E então, todas as vezes que eu experimentava algo, eu apenas provava o ingrediente dominante – o sabor dos outros ingredientes apareciam aos poucos. A partir daquele momento, o perfume não fez mais sentido para mim e comida apimentada não tinha nenhum apelo. Eu poderia provar apenas a pimenta dominante, a especiaria ou o que quer que fosse.

(No quarto dia) algo aconteceu com os meus olhos. Estávamos sentados no restaurante 'Rialto' e eu me conscientizei que tinha uma 'visão panorâmica, como um espelho côncavo. As coisas apareciam em minha direção e se moviam para dentro de mim; e se distanciavam de mim, parecendo que se moviam de dentro de mim. Era um tipo de quebra-cabeças – como se meus olhos fossem uma câmera gigante que mudava de foco sem que eu fizesse nada. Agora, me acostumei com esse quebra-cabeça. Atualmente, é a forma como vejo. Quando você me dirige em seu Mini, sou como um câmera man movendo uma câmera em uma plataforma levadiça: os carros na outra direção entram em mim e os carros que passam por nós saem de mim e, quando meus olhos fixam em algo, ele se fixam nisso com atenção total, como uma câmera. Outra coisa sobre os meus olhos: quando voltamos do restaurante eu me olhei no espelho para ver o que havia de estranho neles, para ver como estavam 'fixados'. Eu me olhei no espelho por um longo tempo e então observei que minhas pálpebras não piscavam. Por uma hora ou quarenta e cinco minutos eu olhei no espelho – meus olhos continuavam não piscando. Eu não possuía mais o ato instintivo de piscar, e ainda não o possuo.

(No quinto dia) descobri uma mudança em minha audição. Quando ouvi o latido de um cachorro, o latido se originou dentro de mim. E aconteceu o mesmo com o mugido da vaca, o apito do trem – de repente, todos os sons se originavam dentro de mim, como se viessem de dentro, e não de fora. Ainda vêm.

Cinco sentidos mudaram em cinco dias, e, no sexto, eu estava deitado no sofá – Valentine estava na cozinha – e, de repente, meu corpo desapareceu. Não havia mais corpo. Olhei para a minha mão (que loucura – você certamente me colocaria em um hospício). Eu olhei para ela e perguntei: “Isso é a minha mão?”. Você não me questionou, mas a situação era assim – como estou descrevendo. Então, toquei em meu corpo – nada. Eu não senti que havia algo, exceto o toque, o ponto de contato. Então, chamei Valentine: “Você vê meu corpo nesse sofá? Nada dentro de mim diz que esse é o meu corpo”. Ela tocou nele: “Esse é o seu corpo”. E ainda assim aquela afirmação não me deu nem conforto nem satisfação – “Que negócio engraçado. Meu corpo desapareceu”. Meu corpo desapareceu, e nunca mais voltou. Os pontos de contato são tudo o que restou dele – nada mais – porque a visão está completa, independente do toque. E mesmo assim não me é possível criar uma imagem completa do meu corpo, porque, aonde não há toque, há pontos perdidos na consciência.

No sétimo dia eu estava novamente deitado no mesmo sofá, descansando, desfrutando do ‘estado arrebatado’. Valentine iria entrar, eu iria reconhecê-la como Valentine; ela iria sair do quarto – acabou, deu branco, nenhuma Valentine – “O que é isso? Eu não posso nem imaginar como Valentine é”. Eu ouvia sons vindo de dentro de mim? Eu não podia relatar. Descobri que todos os meus sentidos estavam sem coordenação interna: o coordenador havia desaparecido.

Senti algo acontecendo dentro de mim: a energia vital estava sendo atraída para um ponto focal em diferentes partes do meu corpo. Disse a mim mesmo: “Agora você chegou ao fim da sua vida. Você irá morrer”. Então, chamei Valentine e disse: “Irei morrer, Valentine, e você terá que fazer algo com o meu corpo. Entregue-o aos médicos – talvez possam usá-lo. Eu não acredito em cremação, sepultamento, essas coisas. Mas você terá que exonerar esse corpo – um dia ele irá feder – então, porque não doá-lo?”. Ela disse: “Você é um estrangeiro. O Governo Suíço não irá querer seu corpo. Esqueça isso”. Em seguida, ela saiu. E então toda essa coisa de movimento assustador da força vital chegando a um ponto continuou como estava. Eu estava deitado no sofá. A cama estava vazia então eu deitei nela e me alonguei, me preparando. Valentine me ignorou e foi embora. Ela disse: “Um dia você diz que essa coisa mudou, outro dia que essa coisa mudou, em um terceiro dia que a coisa mudou. O que é todo esse negócio?”. Ela não estava interessada em nenhuma dessas coisas – ela nunca esteve interessada nesses assuntos religiosos e nunca tinha ouvido falar deles. “Você diz que irá morrer. Você não irá morrer. Você está bem, vigoroso e saudável”. E saiu. Então, me estiquei e isso perdurou. Toda a energia vital estava se movendo para algum ponto focal – onde ele estava, eu não sei. Então, um ponto surgiu e pareceu a abertura de uma câmara tentando se fechar (esse foi o único símile no qual eu consegui pensar. A maneira como estou descrevendo isso é completamente diferente de como as coisas aconteceram naquele momento, porque não havia ninguém lá pen-

sando nesses termos. Tudo isso foi parte da minha experiência, de outro modo, eu não estaria apto a falar sobre isso). Então, a abertura estava tentando se fechar e algo tentava mantê-la aberta. Depois de um tempo não havia vontade de fazer nada, nem mesmo evitar que a abertura se fechasse. De repente, como estava, ela se fechou. Eu não sei o que aconteceu depois disso.

Esse processo de morrer durou quarenta e nove minutos. Foi como uma morte física, como vê. Isso ainda acontece: as mãos e os pés ficam frios, o corpo fica cada-vérico, o batimento cardíaco e a respiração enfraquecem e a respiração fica dificultada. Até um ponto no qual respira pela última vez e você está acabado. O que acontece depois disso, ninguém sabe.

Quando saí desse estado, alguém disse que havia uma ligação para mim. Eu saí e descí as escadas para atendê-la. Eu estava em um torpor. Não sabia o que tinha acontecido. Foi uma morte física. O que me trouxe para a vida, eu não sei. Quanto isso durou, eu não sei. Eu não posso dizer nada sobre isso, porque eu a experimentava e estava acabado: não havia absolutamente ninguém para vivenciar aquela morte...Então, aquele era o fim. E levantei.

* * *

Eu não senti que era um bebê recém-nascido ou nenhum tipo de iluminação, mas estava estarrecido naquela semana: as mudanças aparentes no paladar tinham se transformado em um acessório. Eu chamo todos esses eventos de 'calamidade' porque, ao contrário do que as pes-

soas acham - que isso é algo fantástico, divino, cheio de beatitude, amor, êxtase e todo esse tipo de coisa - isso é tortura física e é uma calamidade nesse ponto de vista. Não uma calamidade para mim, mas para aqueles que possuem uma imagem de que algo maravilhoso está para acontecer. Imagine Nova York. Você sonha com ela e quer estar lá. Quando você está lá, nada disso está lá; é um lugar abandonado por Deus e até os demônios provavelmente abandonaram aquele lugar. Não é que você tenha procurado antes e queria tanto, mas algo totalmente diferente. O que tem lá, você realmente não sabe – não há maneira de saber nada sobre isso – não há uma imagem. Nesse sentido, eu nunca poderei dizer a mim mesmo ou a ninguém que “sou um homem iluminado, libertado, um homem livre; e irei libertar a raça humana”. Libertar do quê? Como posso libertar alguém? Não é uma questão de libertar ninguém. Para isso, devo ter a imagem de que sou um homem livre, entendeu?

* * *

Então, no oitavo dia eu estava sentado no sofá e de repente aconteceu um acesso de energia tremendo – uma energia fantástica que fazia o corpo todo tremer e, com ele, o sofá, o chalé e todo o universo - como se ele estivesse vibrando. Você não pode criar esse movimento. Ele é repentino. Se ele estava vindo de dentro ou de fora, de baixo ou de cima, eu não sei – eu não consegui localizar o ponto; ele estava em tudo. Isso durou horas. Eu não poderia suportar, mas não havia nada que eu pudesse fazer para parar isso; havia uma impotência completa.

Isso perdurou, dia após dia. Todas as vezes que eu sentava, ela começava – essa vibração parecida com um ataque epilético ou algo parecido.

(Por três dias U.G deitou em sua cama e seu corpo se contorcia de dor – era, como ele disse, como se sentisse dor em cada célula de seu corpo, uma após a outra. Acessos de energia similares ocorreram intermitentemente pelos próximos seis meses, todas as vezes que ele se deitava ou relaxava.)

O corpo não estava preparado...O corpo sente dor. É um processo doloroso, muito doloroso. É uma dor física porque o corpo tem limitações – ele tem uma forma, um formato único. Então, quando há um acesso de energia, que não é sua, minha ou de Deus (ou chame do nome que quiser), ele se torna um rio cujo curso de água inunda quando a neve derrete. A energia que opera não sente as suas limitações; não está interessada; ela tem seu próprio momentum. É uma coisa muito dolorosa. Não é aquela estática, divina, beatitude e todo esse lixo nonsense – é algo realmente doloroso. Oh, eu sofri por meses depois e antes disso. Todo mundo. Até Ramana Maharshi sofreu.

Uma grande cascata – não uma, mas milhares – que perdurou por meses. É uma experiência muito dolorosa – no sentido de que a energia tem uma operação peculiar. Há, você sabe, um anúncio dos cigarros Wills no aeroporto. Nele, há um átomo cujas linhas estão nesse sentido (*U.G demonstra*). Elas estão no sentido horário, no anti-horário, nesse e nesse e, então, nesse. Elas se movem internamente como um átomo – não em uma parte, mas em todo o corpo. É como uma toalha úmida sendo torcida

para que seque – todo o seu corpo é como isso – uma coisa dolorosa.

Isso continua até agora. Você não pode convidá-lo; pedir para que surja; não pode fazer nada. Você se sente como se estivesse sendo envelopado. De onde isso está vindo? Como isso está surgindo? Toda vez isso é novo – é muito estranho – e surge de um modo diferente. Então, você não sabe o que está acontecendo. Você se deita em sua cama e, de repente, isso começa a se movimentar devagar, como formigas. Eu poderia pensar que havia insetos na minha cama. Então pulo e olho (*risos*) – nenhum inseto – e me deito novamente...Os cabelos estão eletrificados e isso se move devagar.

O corpo fica todo dolorido. O pensamento controlou o corpo até um grau em que ele fica totalmente relaxado e metabolismo está excitado. Ele é mudado de uma forma própria sem que eu possa fazer nada. Até que o movimento das mãos também mudou. Usualmente, suas mãos se viram dessa maneira (*U.G demonstra*). Essa junta do pulso sentiu dores terríveis por seis meses até que se virou e todos os seus movimentos são assim agora. Por isso eles dizem que meus movimentos são *mudrás* (gestos místicos). Esses movimentos das mãos são bem diferentes agora. Antes eu sentia dor na medula. Todas as células começaram a mudar e isso perdurou por seis meses.

Então, os hormônios sexuais começaram a mudar. Eu não sabia se era um homem ou uma mulher – “Que negócio é esse?” – e, de repente, havia um seio no lado esquerdo do meu corpo. Todo o tipo de coisas – eu não

quero entrar em detalhes – aconteceram e há um registro completo de todas elas. Levou três anos para meu corpo entrar em um ritmo próprio.

* * *

Q: Nós podemos entender como isso aconteceu com você?

UG: Não.

Q: Podemos entender o quê aconteceu?

UG: Você pode ler uma descrição desses eventos em minha vida, isso é tudo. Um dia, perto de meu quadragésimo novo aniversário, algo parou; outro dia, um outro sentido mudou; no terceiro dia, algo a mais mudou... Há um registro da maneira que as coisas aconteceram. Que valor isso tem para você? Isso absolutamente não tem valor. Por outro lado, é muito perigoso porque você tenta simular as manifestações fisicamente. As pessoas simulam essas coisas e acreditam que algo está acontecendo – é o que as pessoas fazem. Eu me comportei normalmente. Eu não sabia o que estava acontecendo. Era uma situação estranha. Não há sentido em deixar nada registrado – as pessoas somente vão simular essas coisas. O estado é algo natural.

* * *

(Acima e abaixo de seu tronco, pescoço e cabeça, naqueles pontos que os sagrados homens indianos chamam de chakras, seus amigos observaram que havia inchaços de vários formatos e cores, que surgiam e desapareciam em intervalos. Em seu abdômen apequenado, os inchaços eram horizontais, como tiras em formato de cigarros. Acima do umbigo, havia um inchaço sólido em formato de amêndoa. Um inchaço sólido e azul, como um grande medalhão no meio de sua barriga estava

sobreposto por outro inchaço menor, vermelho-amarronzado com formato de medalhão, na base de sua garganta. Esses dois ‘medalhões’ estavam suspensos por um anel inchado e multicolor - azul, amarronzado e dourado – ao redor de seu pescoço, como nos quadros de Deuses Hindus. Havia também outras similaridades entre esses inchaços e as pinturas da arte religiosa indiana: sua garganta estava inchada de uma forma que fez seu queixo parecer descansar sobre uma cabeça de cobra, como na imagem tradicional de Shiva; logo acima da prótese do nariz havia um inchaço em forma de lótus; por toda a cabeça os pequenos vasos sanguíneos se expandiram, formando desenhos parecidos com os inchaços estilizados nas cabeças das estátuas de Buda. Como o chifre de Moisés e os místicos taoístas, dois largos e sólidos inchaços surgiram e desapareceram periodicamente. As artérias em seu pescoço expandiram-se – rosas e azuis, parecidas com cobras - em sua cabeça.)

Eu não quero ser um exibicionista, mas vocês são doutores. Há algo que se parece com o simbolismo que existe na Índia – a cobra. Você vê esses inchaços? – eles têm o formato de uma cobra. Ontem era uma lua nova. O corpo é afetado por tudo que acontece ao redor dele; ele não está separado do que acontece ao seu redor. Seja o que está acontecendo externamente, também o está aqui – há uma resposta física. Seu corpo é afetado por tudo o que acontece ao seu redor e você não pode impedir isso pela simples razão que a armadura que você construiu está destruída. Então, você fica muito vulnerável a tudo o que está acontecendo. Conforme as fases da lua – cheia, minguante, crescente – esses inchaços tomam a forma de uma cobra. Talvez seja essa a razão pela qual algumas pessoas criaram essas imagens – Shiva e todo esse tipo de coisas. Mas por quê isso deve tomar a forma de uma cobra? Eu perguntei a muitos médicos por quê esse inchaço

está aqui, mas nenhum pôde me dar uma resposta satisfatória. Eu não sei se existe uma glândula ou qualquer coisa aqui.

* * *

Há certas glândulas... Eu discuti isso muitas vezes com médicos que estão fazendo pesquisas nas glândulas endócrinas. Essas glândulas são o que os Hindus chamam de "chakras". Essas glândulas endócrinas estão localizadas exatamente nos mesmos pontos onde os hindus especulam que estão os chakras. Há outra glândula que é chamada de 'glândula timo'. Ela é muito ativa quando você é criança e muito sensível. Quando você alcança a puberdade, ela fica dormente – é o que dizem. Quando esse tipo de coisa acontece de novo, quando você renasce novamente, aquela glândula e todas as suas sensações é ativada automaticamente. Sensações não são pensamentos, nem emoções; você sente por alguém. Se alguém se machuca, aquele ferimento é sentido aqui – não como uma dor, mas uma sensação – você automaticamente diz: "Ah!".

Isso aconteceu comigo quando eu estava em uma plantação de café: uma mãe começou a bater em uma criança, uma pequena criança. Ela estava furiosa e bateu na criança tão forte que a criança quase ficou azul. E alguém me perguntou: "Por quê você não interferiu e a fez parar?". Eu estava lá parado e confuso: "De quem eu devo ter pena? Da mãe ou da criança? – essa foi a minha resposta – "Quem é responsável?". Ambas estavam em uma situação ridícula: a mãe não podia controlar sua rai-

va e a criança era indefesa e inocente. Isso perdurou – se movia de uma para a outra – e então descobri todas essas coisas (marcas) nas minhas costas. Eu era parte daquilo (não estou dizendo isso apenas para reivindicar algo). Isso é possível porque a consciência não pode ser dividida. Tudo o que está acontecendo afeta você. Não há como julgar ninguém; a situação é assim e você é afetado por ela. Você é afetado por tudo que acontece.

Q: No universo todo?

UG: Veja, isso é muito grande. Tudo o que está acontecendo dentro de seu campo de consciência. A consciência é, logicamente, limitada. Se ele está machucado, você também está machucado. Se você está machucado, há uma resposta imediata ao seu redor. Eu não posso dizer sobre todo o universo, mas no seu campo de consciência, no limitado campo no qual você opera naquele momento, você responde – não que você responda.

Há tantas glândulas aqui; por exemplo, a pituitária – chamada de ‘terceiro olho’, ‘*ajña chakra*’. Quando a interferência do pensamento acaba, essa glândula assume a direção: é a glândula que dá instruções e ordens para o corpo; o pensamento não pode interferir (talvez seja por isso que a chamam assim, provavelmente. Eu não estou interpretando ou algo do tipo; mas talvez você possa ter uma idéia). Mas você construiu uma armadura, a criou com esse pensamento. E você não permite ser afetado pelas coisas.

O significado literal de “*ajña*” é “comando”.

* * *

Desde que não haja ninguém que use o pensamento como um mecanismo autoprodutor, ele queima. O pensamento sofre uma combustão, uma ionização (se eu puder usar o termo científico). O pensamento é vibração. Então, quando esse tipo de ionização toma lugar, algumas vezes ela cobre todo o corpo com uma substância parecida com cinzas. Seu corpo é coberto com isso quando não precisa do pensamento. Quando você não usa isso, o que acontece com o pensamento? Ele se queima – isso é energia e combustão. O corpo se aquece. Como resultado, há um calor fantástico no corpo e então a pele é coberta – rosto, pé, tudo – com essa substância parecida com cinzas.

Essa é uma das razões pela qual eu expressei isso em termos puros e simples, físicos e psicológicos. Isso não tem absolutamente conteúdo psicológico nem místico ou nenhuma conotação religiosa, na minha opinião. Eu sou proibido de dizer isso e eu não me importo se você aceita isso ou não. Isso não tem importância para mim.

* * *

Esse tipo de coisa deve ter acontecido com tantas pessoas. Eu digo que isso acontece com uma em um bilhão, e você é uma em um bilhão. Isso não é algo para o qual alguém está especialmente preparado. Não há métodos purificadores necessários, não há sadhanas necessários para que esse tipo de coisa aconteça – nenhum tipo de preparação. A consciência é tão pura que o que quer que você faça no sentido de purificá-la adicionará impurezas a ela.

A consciência tem que ser descarregada: ela tem que se expurgar de cada traço sagrado, cada traço profano, tudo. Mesmo o que você considera 'sagrado e divino' é uma contaminação àquela consciência. Uma vez que as fronteiras estão quebradas – não por qualquer esforço seu ou vontade – os diques se abrem e tudo sai. Nesse processo de colocar para fora, você tem visões. Não é uma visão de fora ou dentro de você; de repente você mesmo, toda a consciência, toma a forma de Buda, Jesus, Mahavira, Mohammed, Sócrates – apenas as pessoas que chegaram nesse estado; não homens grandes ou nenhum tipo de líder da humanidade – isso é muito estranho – mas apenas aquelas pessoas para as quais esse tipo de coisa aconteceu.

Um deles era um homem de cor (não exatamente um homem de cor), e durante aquele tempo eu podia dizer às pessoas como ele aparentava. Outros eram mulheres com peitos e cabelos fluídos: nuas. Disseram-me que havia dois santos aqui na Índia - Akkamahadevi e Lalleswari – e eles eram mulheres nuas. De repente você tem esses dois peitos, os cabelos fluídos – e até os órgãos se transformam em órgãos femininos.

Mas ainda há uma divisão – você e a forma que sua consciência assumiu, a forma de Buda, Jesus ou Deus sabe qual – e a mesma situação: "Como eu sei que eu estou nesse estado?". Mas aquela divisão não pode perdurar; ela desaparece e outra coisa aparece. Provavelmente algo aconteceu com tantas centenas de pessoas. Isso é parte da história – tantos *rishis*, alguns Ocidentais, tantas mulheres, e algumas vezes coisas muito estranhas. Você vê,

todas as pessoas que vivenciaram antes de você são partes de sua consciência. Eu uso a expressão “os santos saem pisando forte”; no Cristianismo eles têm um hino: “Quando os Santos entram pisando forte”. Eles saem de sua consciência porque eles não podem ficar mais lá, porque tudo isso são impurezas, são contaminações.

Você pode dizer (eu não posso fazer nenhuma declaração definitiva) que provavelmente é por causa do impacto na consciência humana das ‘explosões’ de todos esses santos, sábios e salvadores da humanidade que há essa insatisfação em você, que o que quer que esteja lá está todo tempo tentando estourar. Talvez seja – eu não posso dizer nada sobre isso. Você pode dizer que elas estão te empurrando para esse ponto e, uma vez que o objetivo seja atingido, eles terminarão seu trabalho e irão embora – isso é apenas minha especulação. Mas essa descarga de tudo que é bom e mal, sagrado e profano precisa acontecer, senão, sua consciência ainda estará contaminada, ainda estará impura. Durante esse tempo isso perdura – há centenas ou milhares deles – e então, veja, você é colocado de volta naquele estado da consciência primitiva, primordial. Uma vez que ele tiver se tornado puro, de e por si mesmo, então, nada pode tocá-lo, nada mais pode contaminá-lo. Todo o passado até esse ponto está lá, mas não pode influenciar mais suas ações.

Todas essas visões e tudo o mais aconteceram por três anos depois da “calamidade”. Agora, elas acabaram. O estado de consciência dividido não pode mais funcionar; ele está sempre no estado da consciência indivisível – nada

pode tocá-lo. Tudo pode acontecer – o pensamento pode ser um bom ou mau pensamento, o número de telefone de uma prostituta de Londres... Durante meus devaneios em Londres, eu costumava olhar aqueles números de telefone fixados nas árvores. Eu não estava interessado em sair com uma prostituta, mas os números me interessavam. Eu não tinha nenhum livro para ler e nada para fazer a não ser olhar para aqueles números. Um número se fixa, se repete. Não importa o que apareça – bom, mau, divino ou profano. Quem diz: “Isso é bom. Aquilo é ruim?” - a coisa toda acabou. Por isso eu tenho que usar a frase ‘experiência religiosa’ (não no sentido no qual usamos a palavra ‘religião’): ela coloca você de volta no sistema. Você voltou àquele estado de consciência primordial e primitiva – chame isso de ‘ciência’ ou do que preferir. Nesse estado, as coisas acontecem e não há ninguém interessado, ninguém olhando para elas. Elas vêm e vão à sua maneira, como o curso da água do Ganges: a água canalizada entra, assim como cadáveres semi queimados e tanto coisas boas como ruins – tudo – mas a água é sempre pura.

* * *

A parte mais intrigante e desnorteante aconteceu quando as atividades sensoriais começaram carreiras independentes. Não havia coordenação lincando os sentidos, então, tivemos problemas terríveis – Valentine teve que passar por tudo isso. Nós iríamos caminhar, eu olharia para uma flor e diria: “O que é isso?”. Ela diria: “É uma flor”. Eu iria dar mais alguns passos, olhar para uma vaca e perguntar: “O que é isso?”. Como um bebê, eu

tinha que aprender tudo de novo (na verdade todo o meu conhecimento estava na minha formação, mas ela nunca vinha para a linha de frente). “Que loucura é essa?”. Eu tinha que traduzi-la em palavras; não que eu sentisse estar em um estado de loucura. Eu era um homem sã, agindo de modo sã, tudo estava correndo bem e agora tinha essa loucura de ficar perguntando sobre tudo: “O que é isso? O que é aquilo?”. Isso é tudo; sem mais perguntas. Valentine também não sabia o que dizer sobre isso. Ela até foi ao principal psiquiatra de Gênova. Ela queria entender, mas, ao mesmo tempo, sentiu que não havia nada de louco em mim. Se eu tivesse feito uma loucura, ela teria me deixado. Nunca; somente coisas estranhas, como vê. “O que é isso?”. Isso é uma vaca. “O que é isso?”. “Isso é isso”. Isso perdurou e foi muito para ela e para mim. Quando ela conheceu o psiquiatra, ele disse. “Sem vermos a pessoa, não podemos dizer nada. Traga ele aqui”. Mas eu sabia que algo realmente fantástico havia acontecido dentro de mim – o que era, eu não sabia, mas aquilo não me incomodava. “Por quê eu pergunto se isso é uma vaca? Qual a diferença se for uma vaca, um burro ou um cavalo?” – essa situação desnorteante continuou por um longo tempo – e todo esse conhecimento estava na minha formação. É a mesma situação até agora, mas eu não faço mais essas perguntas. Quando estou olhando para algo, eu realmente não sei para o que eu estou olhando – por isso eu digo que é um estado de não saber. Eu realmente não sei. Por isso digo que, uma vez que você está lá, com alguma sorte, por meio de uma oportunidade estranha, dali em diante tudo acontece a

seu próprio modo. Você sempre está em um estado de *samadhi*; não há o que discutir quanto a sair ou entrar nisso; você sempre está lá. Eu não quero usar essa palavra, mas é um estado de não saber. Você realmente não sabe para o que está olhando.

* * *

Eu não posso fazer nada com relação a isso – não há discussão sobre voltar atrás ou qualquer coisa; está tudo acabado – isso está operando e funcionando de modo diferente. (eu tenho que usar a palavra ‘diferente’ para te dar uma sensação disso).

Parece haver alguma diferença. Como vê, minha dificuldade com as pessoas que vêm me ver é essa: elas não parecem estar preparadas para entender a maneira como estou funcionando e eu não pareço estar preparado para entender o modo como estão funcionando. Como podemos sustentar um diálogo? Ambos devem parar. Como pode haver um diálogo entre nós? Eu estou falando como um maníaco delirante. Todo o meu diálogo não tem relação, como o de um maníaco – a diferença é somente uma largura de cabelo – por isso eu digo que você reage com violência e voa ao mesmo tempo.

Não há nenhuma diferença, absolutamente nenhuma. De alguma maneira, com alguma sorte, por meio de uma oportunidade estranha, esse tipo de coisa aconteça (eu tenho que usar a palavra ‘aconteça’ para te dar a sensação) e toda a coisa esteja acabada para você.

* * *

Q: Até mesmo esses que realizaram (sem citações) foram diferentes de um para o outro?

UG: Sim, porque a formação é diferente. A formação é a única coisa que pode se expressar. O que há mais? Minha expressão disso é minha formação: como me esforcei, meu caminho, o caminho que segui, como rejeitei o caminho dos outros – até o ponto que eu posso dizer o que eu fiz e o que não – então, isso não me ajudou em absoluto.

Q: Mas alguém como você (me desculpa usar 'você') é diferente de nós. Nós estamos nos envolvendo em nossos pensamentos.

UG: Ele é diferente não apenas de você, mas de todos os outros que supostamente estão nesse estado, por causa de sua formação.

Q: Apesar de todos que supostamente passaram por essa 'explosão' serem únicos, no sentido de que cada um está expressando sua própria formação, parece haverem algumas características comuns.

UG: Isso não é do meu interesse; parece ser do seu. Eu nunca me comparo com outra pessoa.

* * *

E isso é tudo. Minha biografia terminou. Não há nada mais para se escrever e nunca haverá. Se as pessoas vierem me fazer perguntas, eu irei responder; se elas não fizerem, isso não faz diferença para mim. Eu não me situei no 'negócio divino' de libertar pessoas. Eu não tenho uma mensagem particular para a humanidade, exceto para dizer que todos os sistemas divinos para se obter a iluminação são lixo e que toda aquela conversa de chegar em uma mutação psicológica por meio da ciência é lorota. Mutação psicológica é impossível. O estado natural pode acontecer apenas por meio da mutação biológica.

Parte Dois

(Compilação de conversas feita por
James Brodsky na Índia e na Suíça em 1973)

Eu não estou aqui para libertar ninguém. Você precisa se libertar e não está apto para fazer isso. O que tenho para dizer não vai fazer com que isso aconteça. Eu apenas estou interessado em descrever esse estado, em acabar com o ocultismo e a mistificação na qual as pessoas do 'negócio sagrado' o cercaram. Talvez eu possa convencê-lo a não perder muito tempo e energia buscando um estado que não existe a não ser em sua imaginação.

* * *

Entenda: é o seu estado que estou descrevendo, seu estado natural, não o meu estado ou o estado de um homem que se sente como um Deus, um mutante ou nenhuma dessas coisas. Esse é seu estado natural, mas o que o impede de se expressar a seu modo é a sua busca, a tentativa de ser algo além do que você é.

* * *

Você nunca poderá entendê-lo; você apenas poderá vivenciá-lo enquanto durar. Ele está fora do terreno da experiência. O estado natural não tem causa: ele apenas acontece. Nenhuma comunicação é possível ou necessária. A única coisa que é real é a maneira como você está funcionando; é um ato de futilidade relacionar a minha descrição com a maneira como você está funcionando. Quando você pára com todas essas comparações, o que resta é o seu estado natural. Então, você não ouvirá ninguém.

Não há ensinamentos meus e nunca existirá um. “Ensinar” não é a palavra para isso. Ensinar implica um método ou sistema, uma técnica ou um novo modo de pensar aplicado ao objetivo que consiste em provocar uma transformação em seu modo de vida. O que estou dizendo está fora do campo do ensinamento; é simplesmente uma descrição do modo como estou funcionando. É apenas uma descrição do estado natural do homem – esse é o modo como você, ao se despir das maquinações do pensamento, também funciona.

O estado natural não é um estado de compreensão própria de um homem que acredita ser um Deus, não é algo a ser conquistado ou alcançado, não é algo a ser desejado durante a existência; isso é um estado vivo. Esse estado é apenas a atividade funcional da vida. Por ‘vida’ eu não quero dizer algo abstrato; é a vida dos sentidos, que funciona naturalmente sem a interferência do pensamento. O pensamento é um intruso, que se mete nos afazeres dos sentidos. Isso tem uma vantagem: o pensamen-

to direciona a atividade dos sentidos para conseguir algo deles e os usa para prover continuidade a si.

Seu estado natural não tem nenhuma relação com os estados religiosos de felicidade, beatitude e êxtase; eles estão dentro do campo da experiência. Aqueles que levaram o homem a buscar sua religiosidade através dos séculos talvez tenham vivenciado esses estados religiosos. Assim como você pode vivenciá-los. Eles são pensamentos provocados pela existência e, como eles surgem, desaparecem. A Consciência de Krishna, de Buda, de Cristo ou a sua são todas viagens na direção errada e estão todas dentro do campo do tempo. O eterno nunca pode ser vivenciado, alcançado, contido e muito menos expresso por qualquer homem. Esse caminho batido não irá levar você a lugar algum. Não há um oásis no horizonte; você está preso à miragem.

* * *

Esse estado é uma condição física da sua existência. Não é algum tipo de mutação psicológica. Não é um estado de espírito no qual você pode entrar um dia e sair no outro. Você não pode imaginar a amplitude, no estado em que está, pela qual o pensamento pode se difundir e interferir no funcionamento de cada célula de seu corpo. Alcançar seu estado natural irá explodir cada célula, glândula e nervo. É uma mudança química. Um tipo de alquimia que toma lugar em todo o corpo. Mas esse estado não tem nada a ver com as experiências de drogas químicas, como o LSD. Aquelas são experiências; essa não.

* * *

A iluminação existe? O que existe para mim é um processo puramente físico; não há algo místico ou espiritual. Se eu fechar os olhos, um pouco de luz penetra pelas minhas pálpebras. Se eu cobrir as pálpebras, ainda há luz. Parece haver um tipo de buraco na minha testa, que não é visível, mas através do qual a luz penetra. Essa luz é dourada na Índia; na Europa, é azul. Há também um tipo de luz que penetra atrás do pescoço. É como se houvesse um buraco que passa por entre esses pontos na frente e atrás da cabeça. Não há nada dentro a não ser essa luz. Se você cobrir esses pontos, há uma completa e total escuridão. Essa luz não faz nada nem ajuda o corpo a funcionar; ela apenas existe.

* * *

Esse estado é um estado de não saber; você realmente não sabe para o quê está olhando. Eu posso olhar para o relógio na parede por uma hora e meia e ainda não conseguir ler a hora. Eu não sei que é um relógio. Tudo o que sinto é estranhamento: “O quê é isso?”. Não que a pergunta atualmente possa ser expressa em palavras: toda a minha essência é como um único e grande ponto de interrogação. É um estado de estranhamento, surpresa, pois eu simplesmente não sei para o que estou olhando. O conhecimento sobre isso – tudo o que aprendi – se mantém no meu background ao menos que haja uma demanda. Está no ‘estado arrebatado’. Se você perguntar as horas, eu direi: “São três horas e quinze minutos” ou o que seja – a resposta surge rapidamente, como uma

flecha, e então volto ao estado de não saber, de estranhamento.

* * *

Você nunca poderá entender a paz fantástica que sempre está dentro de você. Esse é seu estado natural. Sua tentativa de criar um estado de espírito sereno, na verdade, te perturba. Você apenas pode falar sobre paz, criar um estado de espírito e dizer que você é sereno – mas isso não é paz, mas, sim, violência. Então, não há utilidade em praticar a paz, não há sentido em praticar o silêncio. O silêncio real é explosivo; não é o estado de espírito morto que os buscadores espirituais procuram. “Oh, estou em paz comigo mesmo! Há silêncio, um silêncio fantástico! Eu vivencio o silêncio!” – isso não quer dizer nada. É vulcânico, é a natureza: está borbulhando sempre – a energia, a vida – e essa é a sua qualidade. Você pode perguntar como sei. Eu não sei. A vida está consciente de si, se podemos colocar desse modo.

* * *

Quando falo de ‘sentimento’, eu não falo da mesma coisa que você fala. Na verdade, o sentimento é uma resposta física, um golpe na timo. A timo, uma das glândulas endócrinas, está localizada abaixo do osso do peito. Os médicos nos dizem que ela é ativa da infância até a puberdade e, então, fica dormente. Quando você se vê em seu estado natural, essa glândula é reativada. São sensações; você não as traduz em ‘boas’ ou ‘más’; elas são apenas um golpe. Se há movimento fora de você – um

pêndulo de um relógio balançando, ou um pássaro atravessando seu campo de visão – esse movimento também é sentido na timo. Toda a sua essência é esse movimento ou vibra com esse som; não há divisão. Isso não significa que você se identifique com esse pássaro ou algo do tipo – “Eu sou um pássaro a voar”. Não há ‘você’, assim como não há qualquer objeto. Você não sabe o que causa a sensação. Você nem sabe qual é essa sensação.

‘Afeição’ (não é a minha interpretação da palavra) significa que você é afetado por tudo, não que alguma emoção flua de você para algo. O estado natural é um estado de grande sensibilidade – mas é uma sensibilidade física dos sentidos, não algum tipo de compaixão ou ternura pelos outros. Há compaixão apenas no sentido de que não há ‘outros’, então, não há divisão.

* * *

Há em você uma entidade que você chama de mente ou self? Há um organizador que coordena o que você está olhando com o que está ouvindo, o que está cheirando com o que você está experimentando, etc? Ou há algo que linca as diversas sensações que se originam de apenas um sentido – o piscar de seus olhos, por exemplo? Na verdade, há sempre uma lacuna entre duas sensações. O coordenador atenua essas diferenças: ele se estabelece como uma ilusão de continuidade.

Não há entidade no estado natural que coordene as mensagens dos diversos sentidos. Cada um deles funciona de forma independente. Quando há uma demanda externa que torna necessário coordenar um ou dois senti-

dos e respondê-la, não há coordenação, mas um estado temporário de coordenação. Não há continuidade; quando a demanda é atendida, há novamente apenas o descordenado, desconectado, desarticulado funcionamento dos sentidos. É sempre assim. Uma vez que a continuidade acaba – não que isso alguma vez existiu; mas a continuidade ilusória – acaba de uma vez por todas.

Isso faz sentido para você? Não pode fazer. Tudo o que você sabe está dentro da moldura de sua experiência, que é o pensamento. Esse estado não é uma experiência. Eu apenas estou tentando te dar a 'sensação' do que é isso, que, infelizmente, está desencaminhado.

Quando não há coordenação, não há coordenador, não há algo lincando as sensações, não há como traduzi-las; elas continuam sensações puras e simples. Eu nem ao menos sei que elas são sensações. Eu posso olhar para você enquanto você estiver falando. O olho irá focar sua boca porque ela está se movendo e as orelhas irão escutar as vibrações de som. Não há nada que une as duas e diga que você está falando. Eu posso estar olhando para uma nascente e ouvir a água, mas não há nada que me diga que o som que escuto é o som da água, ou que o som está, de algum modo, conectado com o que vejo. Eu posso estar olhando para o meu pé, mas nada me diz que ele é o meu pé. Quando eu caminho, eu vejo meu pé se movendo – é engraçado: "O que é isso que está se movendo?".

O que funciona é uma consciência primordial, intocada pelo pensamento.

* * *

Os olhos são como uma câmera sensível. Os fisiologistas dizem que a luz refletida nos objetos atinge a retina e a sensação atravessa o nervo óptico até o cérebro. A faculdade da visão, de ver, é simplesmente um fenômeno físico. Não faz diferença aos olhos estarem focados em uma montanha com topo nevado ou uma lata de lixo: elas produzem sensações da mesma maneira. Os olhos vêem todos e tudo sem discriminação.

Você tem a sensação de que existe um camera man dirigindo os seus olhos. Mas, se abandonados – quando não há um camera man – os olhos não param, mas, sim, se movem o tempo todo. Eles são dirigidos pelas ações externas. O movimento os atrai, brilho ou uma cor isolada. Não há olhar: montanhas, todas as flores, árvores e vacas olham para mim. A consciência é como um espelho, que reflete tudo o que é externo. Profundidade, distância e cor existem, mas não há ninguém para traduzi-las. Ao menos que haja uma demanda por conhecimento sobre o que olho, não há separação ou distância do que existe. Na verdade, pode não ser possível contar os cabelos na cabeça de alguém sentado na sala, mas há um tipo de clareza que age como se eu pudesse.

Os olhos não piscam, exceto quando há um perigo repentino – isso é algo muito natural porque as coisas externas demandam atenção o tempo todo. E então, quando os olhos se cansam, um mecanismo construído no corpo os corta – eles podem estar abertos, mas ficam indistintos. Mas, se os olhos ficam abertos todo o tempo, se a ação reflexa do piscar não funciona, ele seca e você fica-

rá cego; há algumas glândulas por trás do canto externo do olho, que não está ativado no seu caso, que age como um mecanismo regador. Lágrimas caem todo o tempo do canto externo. Pessoas ignorantes a descrevem como 'lágrimas de alegria' ou 'lágrimas de felicidade'. Não há nada divino nelas. Se tentar não piscar, uma pessoa não irá chegar no estado; apenas irá forçar sua vista. E há neuróticos em hospícios cujos olhos não piscam por uma razão ou outra – é uma condição patológica. Mas uma vez em que você está no estado natural, com alguma sorte e por meio de alguma estranha condição, tudo isso acontece a seu modo.

* * *

A beleza está nos olhos de quem vê? Ela está no objeto? Onde ela está? A beleza é induzida pelo pensamento. Eu não paro e escrevo poemas sobre a montanha na minha frente. O que acontece é que estou andando e, de repente, vejo algo diferente porque a luz mudou. Eu não tenho nada a ver com isso. Não é que eu veja algo novo, ou que haja uma atenção total; houve uma mudança repentina na luz. A beleza não é reconhecida. Há clareza, que, provavelmente, não havia antes da mudança da luz. Então, a consciência se expande de repente para o tamanho do objeto em frente ao corpo e o pulmão respira fundo. Isso é o pranayama (controle da respiração); não o que você está fazendo, se sentando em um canto e inalando por uma narina e exalando por outra; esse pranayama acontece o tempo todo. Portanto, há a consciência de uma mudança repentina na res-

piração, que muda o mugido de uma vaca ou o uivo de um chacal. Ela está sempre se movendo; ele não permanece em algo que o pensamento decidiu ser bonito. Não há ninguém a coordenando.

* * *

Você ouve alguém? Não; você ouve apenas a si mesmo. Quando você abandona o sentido da audição, tudo o que fica é a vibração do som – as palavras se repetem dentro de você, como em um quarto com eco. Esse sentido está funcionando da mesma maneira como você, exceto pelo fato de que você pensa que as palavras que está ouvindo surgem de fora de você. Entenda: você nunca poderá ouvir uma palavra de mais ninguém, não importa quão íntimo seja seu relacionamento com essa pessoa; você sempre ouve apenas suas próprias traduções, sempre. Tudo o que você ouve são suas palavras. Tudo o que as palavras de outras pessoas significam para você é barulho, uma vibração captada pelo tímpano e transferida para os nervos que alcançam o cérebro. Você está traduzindo essas vibrações todo o tempo, tentando entendê-las, porque você quer tirar algo do que ouve. Para um relacionamento com alguém no nível “Dê-me meio quilo de cenouras. Aqui está o dinheiro”, tudo bem – mas esse é o limite do seu relacionamento, de sua comunicação, com qualquer pessoa.

Quando não há tradução, todas as línguas parecem as mesmas. Queira ou não, sua estrutura particular de conhecimento ‘fala’ uma língua particular. As únicas diferenças estão no espaço das sílabas e em seu ritmo. As linguagens são melódicas de modos diferentes.

É o gosto adquirido que sinaliza a você que a Nona Sinfonia de Beethoven é mais bonita do que um coro de gatos gritando; ambos produzem sensações igualmente válidas. Logicamente, alguns sons podem ser prejudiciais ao corpo e níveis de barulho acima de um determinado número de decibéis influenciam o sistema nervoso e podem causar surdez – mas isso não é o que estou dizendo e, sim, que a apreciação da música, poesia e linguagem são culturalmente determinadas e são produtos do pensamento.

* * *

O movimento do seu pensamento interfere no processo do toque, assim como nos de outros sentidos. Qualquer coisa que você toque é sempre traduzida como 'rígida', 'suave', 'quente', 'fria', 'úmida', 'seca', etc.

Você não percebe, mas é o seu pensamento que cria seu próprio corpo. Sem esse processo de pensamento, não há consciência do corpo – é como se não houvesse corpo. Meu corpo existe para outras pessoas; ele não existe para mim; há apenas pontos de contato isolados, impulsos de toque que não estão amarrados ao pensamento. Então, o corpo não é diferente de outros objetos ao seu redor; é uma série de sensações como qualquer outra. Seu corpo não pertence a você.

Talvez eu possa te dar uma 'sensação' disso. Eu durmo quatro horas, não importa que horário eu vá me deitar. Então, me deito na cama até de manhã totalmente acordado. Eu não sei o que está deitado na cama; eu não sei se estou deitado para a esquerda ou para a direita –

por horas eu me deito assim. Se há qualquer barulho externo – um pássaro ou algo do tipo – ele apenas ecoa em mim. Eu ouço o “tum-tum-tum” do meu coração e eu não sei o que é isso. Não há um corpo entre os lençóis – a forma do corpo não existe. Se fizermos a pergunta “o que existe?”, há apenas uma consciência dos pontos de contato, onde o corpo está em contato com a cama e os lençóis e quando está em contato com ele mesmo, quando cruzamos as pernas, por exemplo. Há somente sensações de toque desses pontos de contato e o resto do corpo não existe. Há algum tipo de peso, provavelmente a força da gravidade, algo muito vago. Não há nada internamente que ligue essas coisas. Mesmo se os seus olhos estão abertos e olhando por todo o seu corpo, ainda há somente os pontos de contato e eles não têm conexão com o que está olhando. Se eu tento unir esses pontos de contato com a forma do meu corpo, provavelmente irei conseguir, mas, no momento que consigo, o corpo volta à mesma situação dos diferentes pontos de contato. Os elos não podem perdurar. É o mesmo tipo de coisa que acontece quando estou sentado ou parado. O corpo não existe.

Você pode me dizer qual é o gosto do suco de manga? Eu não posso. Você também não pode; mas você tenta reviver a memória do suco de manga – você cria para si um tipo de experiência de como é o gosto do suco – o que eu não posso fazer. Eu devo ter suco de manga na minha língua – ver ou sentir seu cheiro não é suficiente – com o objetivo de me tornar apto a trazer meu conhecimento passado e dizer: “Sim. Esse é o gosto do suco de manga”. Isso não significa que preferências pessoais e

'gostos' mudem. Em um supermercado, minha mão apalpa automaticamente os mesmos itens que gostei por toda a minha vida. Mas, porque eu não posso invocar uma experiência mental, não pode existir desejo por comidas que não existem.

O cheiro participa mais de sua vida diária do que o gosto. Os órgãos do olfato estão abertos constantemente aos odores. Mas, se você não intervém com o sentido do olfato, há apenas uma irritação no seu nariz. Não faz diferença se você cheira estrume de vaca ou um perfume francês caro – você esfrega o nariz e segue em frente.

* * *

Eu falo para responder às perguntas que me fazem. Eu não posso sentar e conversar no estado natural – é uma situação artificial para mim. Não há ninguém que reflita pensamentos e as respostas vêm à tona. Quando você joga uma bola em mim, a bola quica de volta, e isso é o que você chama de 'resposta'. Mas eu não dou nenhuma resposta; esse estado se expressa por si. Eu realmente não sei o que digo e o que eu digo não tem importância. Você pode transcrever minha própria fala, mas ela não fará sentido para mim – é uma coisa morta.

O que existe, esse estado natural, é uma coisa viva. Ele não pode ser capturado por mim, quanto mais por você. É como uma flor (esse é o único símile que posso dar). Ele apenas floresce, existe e tem uma fragrância que é diferente e distinta daquela de cada uma das outras flores. Você pode não reconhecê-lo. Você pode ou não

escrever sonetos ou odes sobre ele. Uma vaca errante pode comê-lo, ou ele pode ser derrubado por um cortador de feno, ou desaparecer e acabar – será o seu fim. Isso não tem importância. Você não pode preservar seu perfume; o que quer que você preserve dele é apenas um perfume sintético e químico, não a coisa viva. Preservar as expressões, ensinamentos e palavras desse homem não tem sentido. Esse estado tem apenas valor contemporâneo e expressão contemporânea.

* * *

A personalidade não muda quando você entra nesse estado. Você é, afinal de contas, um computador, que reage como se fosse programado. De fato, é seu esforço atual para mudar a si mesmo que está te distanciando de si e o mantendo longe de funcionar de maneira natural. A personalidade vai permanecer a mesma. Não espere que o homem fique livre da raiva e das idiosincrasias. Não espere algum tipo de humildade espiritual. Esse homem pode ser a pessoa mais arrogante que você já conheceu, pois ele está tocando a vida em um lugar único onde nenhum homem tocou antes.

É por essa razão que cada pessoa que entra nesse estado se expressa de maneira única, em termos relevantes ao seu tempo. É também por essa razão que se duas ou mais pessoas estão vivendo nesse estado ao mesmo tempo, elas nunca irão se encontrar. Elas não irão dançar nas ruas de mãos dadas: “Estamos realizadas cara! Nós somos parte disso!”.

* * *

As necessidades naturais do homem são, basicamente, alimento, agasalho e abrigo. Você pode trabalhar por elas ou elas podem ser doadas a você por alguém. Se essas são suas únicas necessidades, elas não são tão difíceis de serem conseguidas. Negar a si as necessidades básicas não é um sinal de espiritualidade; mas querer mais comida, roupas e abrigo é um estado mental neurótico.

Sexo não é uma necessidade humana básica? Sexo é dependente do pensamento; o corpo em si não tem sexo. Apenas os genitais e talvez o equilíbrio hormonal diferenciam os homens das mulheres. É o pensamento que diz: "Eu sou um homem e ela é uma mulher, uma mulher atraente". É o pensamento que traduz os sentimentos sexuais do corpo e diz: "Isso são sentimentos sexuais". E é o pensamento que produz o acúmulo de sensações sem o qual o sexo não é possível: "É mais prazeroso segurar a mão daquela mulher do que apenas olhar para ela. É mais prazeroso beijá-la do que apenas abraçá-la", etc. No estado natural, não há acúmulo do pensamento. Sem esse acúmulo, o sexo é impossível. E o sexo é tremendamente violento para o corpo. O corpo normalmente é um organismo muito pacífico que você sujeita a essa tensão fantástica e o liberta, o que é prazeroso para você. Mas, na verdade, isso é doloroso para o corpo.

Porém, através de repreensões ou tentativas de sublimação do sexo, você nunca irá alcançar esse estado. Ao menos que você pense em Deus, você terá pensamentos sobre sexo. Pergunte a qualquer buscador religioso e

você poderá descobrir se quem pratica o celibato não sonha com uma mulher à noite. O ápice da experiência sexual é a única coisa na vida que você tem que se aproxima de uma experiência em primeira mão; o resto é de segunda mão, pertencem a outras pessoas. Por quê você tece tantos tabus e idéias sobre isso? Por quê você destrói a alegria do sexo? Não que eu esteja advogando indulgência ou promiscuidade; mas, por meio da abstinência e continência, você nunca irá alcançar algo.

* * *

Precisa haver um contato vivo. Se você caminha para fora do quarto, você desaparece da minha consciência. Onde você está, ou por quê você não está aqui – essas questões desaparecem. Não há imagens aqui – não há um quarto para elas – o aparato sensorial está completamente ocupado com as coisas que estou olhando agora. É necessário um contato vivo com essas coisas que estão no quarto, não apenas pensamentos sobre coisas que não estão lá. E então, se você está totalmente ‘sintonizado’ com a atividade sensorial, não há quarto para os medos de quem irá alimentá-lo amanhã ou para especulações sobre Deus, Verdade e Realidade.

Não é um estado de onisciência, onde todas as questões eternas do homem são respondidas; antes é um estado no qual os questionamentos param. Eles param porque essas questões não têm relação com a maneira que o organismo está funcionando e o modo que o organismo está funcionando não abriga essas questões.

* * *

O corpo tem um mecanismo extraordinário que permite que se renove. Isso é necessário porque os sentidos no estado natural funcionam no ápice de sua sensibilidade o tempo todo. E, quando os sentidos ficam cansados, o corpo morre. É uma morte física real, não um estado mental. Isso pode acontecer uma ou mais vezes por dia. Você não decide se quer passar por ela; ela provém de você. É como se, primeiramente, você tivesse tomado um anestésico: os sentidos se tornam torpes de modo crescente, as batidas do coração se reduzem, os pés e mãos se tornam gelados e todo o corpo se torna rijo como o de um defunto. A energia corre por todo o corpo ao redor de algum ponto. A cada vez isso acontece de maneira diferente. Todo o processo leva quarenta e oito ou quarenta e nove minutos. Durante esse tempo, a corrente de pensamento continua, mas não há uma leitura dos pensamentos. No final desse período, você 'entra em pane' – isso nunca poderá se tornar parte da sua existência cônica ou de seu pensar cônico.

Você não sabe o que te traz de volta da morte. Se você tivesse alguma vontade naquele momento, você poderia decidir não voltar. Quando o 'pane' acaba, a corrente de pensamentos capta exatamente de onde ela foi descarregada. O entorpecimento acaba; a claridade volta. O corpo se sente muito rijo – vagarosamente, ele começa a se mover em sua própria harmonia, se flexibilizando. Os movimentos são mais parecidos com o Tai Chi Chuan que com os do Hatha Yoga. Os discípulos observam as coisas que acontecem com os mestres, pro-

vavelmente as personificam e ensinam centenas de posturas – mas eles são todos imprestáveis; isso é um movimento extraordinário. Aqueles que observaram os movimentos do meu corpo dizem que parecem com os de um bebê recém-nascido. Esse ‘pane’ permite uma renovação total dos sentidos, glândulas e do sistema nervoso: depois disso, eles funcionam no ápice de sua sensibilidade.

* * *

Você não deve experimentar a morte porque não há morte: você não pode vivenciar sua própria morte. Você nasceu? Vida e morte não podem ser separadas: seja o que for, você não tem chance de saber por si mesmo quando uma começa e uma acaba. Você pode vivenciar a morte do outro, mas não a sua. A única morte é a morte física; não há morte psicológica.

Por quê você tem tanto medo da morte?

Sua estrutura que vivencia não pode conceber nenhum evento que não possa ser vivenciado. Ela até mesmo espera presidir sua própria decomposição e então pensa como seria a morte – ela tenta projetar a sensação de como seria não sentir. Mas, visando antecipar uma experiência futura, sua estrutura precisa de conhecimento, uma experiência passada similar que possa chamar de referência. Você não pode lembrar como é não existir antes de você nascer ou de seu próprio nascimento e você não tem nenhuma base para projetar sua não-existência futura. Contanto que você conheça a vida, você se conhece, você existe, então, você tem a sensação de eternidade. Para justificar seu sentimento de eternidade, sua estru-

tura começa a se convencer de que haverá uma vida após a morte – paraíso, reencarnação, transmigração de almas, ou o que quer que seja. Por quê você pensa que reencarna? Onde está sua alma? Você pode experimentá-la, tocá-la, mostrá-la para mim? Dentro de você, o quê irá para o paraíso? O quê existe? Não há nada dentro de você a não ser medo.

* * *

Por quê você sonha? Você tem a sensação de que há alguém, um self, que está apresentando o show de suas percepções, traduzindo o que é visto, ouvido e sentido, dirigindo seus olhos e dizendo: “Isso é bonito; aquilo é feio. Eu irei olhar para isso; eu não irei olhar para isso”. Você não pode se controlar dessa maneira - você pensa que pode; mas a câmera está tirando fotos e gravando uma fita o tempo todo, quer você olhe para uma coisa por um longo tempo ou olhe para outras. E, quando o corpo está descansando ou os seus pensamentos estão em um estado passivo, essas coisas começam a aparecer - um pouco disso, um pouco daquilo – e criam um tipo de mosaico. Você começa a sonhar. Quando esse ‘alguém’ não está, não há nada que diga: “Eu estava adormecido, eu estava sonhando e agora estou acordado”.

* * *

O que é a moral? Não é seguir regras de condutas ordenadas. Não é uma questão de estar acima das tentações, ou alcançar o ódio, raiva, ganância, luxúria e a violência. Nem questionar essas ações, que, posteriormente,

podem criar um problema moral. Mas essa faculdade que distingue o certo e errado é quem é a verdadeira responsável por essa situação, de acordo com esse juízo.

A vida é ação. E ações sem questionamentos compõem a moral. Questionar suas ações destrói a expressão da vida. Uma pessoa que deixa a vida agir a seu próprio modo, sem o movimento protetor do pensamento, não tem um self para defender. Qual a necessidade de precisar mentir, enganar, pretender ou cometer qualquer ato que a sociedade considera imoral?

* * *

O que o está distanciando de estar em seu estado natural? Você está constantemente se distanciando de si mesmo. Você quer ser feliz, se não permanentemente, pelo menos nesse momento. Você está insatisfeito com suas experiências cotidianas e quer criar novas. Você quer se aperfeiçoar, mudar. Você está buscando, tentando ser algo além do que você é. É isso que o está distanciando de si mesmo.

A sociedade colocou em sua frente o ideal do 'homem perfeito'. Não importa em que cultura você tenha nascido, você tem doutrinas bíblicas e tradições transmitidas a você para te dizerem como se comportar. Dizem a você que, por meio de práticas convenientes, você pode até mesmo chegar eventualmente em um estado atingido pelos sábios, santos e salvadores da raça humana. E então você tenta controlar seu comportamento e seus pensamentos e ser algo artificial.

Todos nós estamos vivendo em uma 'esfera do pensamento'. Seus pensamentos não são seus; eles pertencem a todo mundo. Eles são apenas pensamentos, mas você cria um 'contador', o pensador, com o qual você lê todo pensamento. Seu esforço para controlar a vida criou um movimento secundário do pensamento dentro de você, que você chama de 'eu'. Esse movimento do pensamento que acontece dentro de você é semelhante ao movimento da vida, mas isolado dele; ele nunca poderá tocar a vida. Você é uma criatura viva, ainda que dirija toda sua vida de dentro do domínio desse movimento isolado e paralelo do pensamento. Você se mata - isso é muito artificial.

O estado natural não é um 'estado sem pensamentos' - esse é um dos grandes embustes criados para hindus pobres e desamparados por milhares de anos. Você nunca ficará sem pensamento até que seu corpo seja o de um cadáver, um cadáver bem morto. Ser apto para pensar é necessário para sobreviver. Mas, nesse estado, o pensamento pára de te chocar; ele entra em um ritmo natural. Não há mais um 'você' que lê os pensamentos e pensa que eles são 'dele'.

Você nunca olhou para esse movimento paralelo do pensamento? Os livros de gramática inglesa dirão a você que 'eu' é um pronome singular em primeira pessoa do subjetivo; mas não é isso que você quer saber. Você pode olhar para essa coisa que você chama de 'eu'? Isso é muito enganoso. Olhe para isso agora, o sinta, o toque e me diga como você olha para isso. E o que é essa coisa

para a qual você olha e chama de 'eu'? Esse é o ponto crucial de todo o problema: quem está olhando para isso que você chama de 'eu' é o 'eu'. Ele cria uma divisão ilusória de si mesmo em tema e objeto e continua a existir através dessa divisão. A natureza que divide opera em você, na sua consciência. A continuidade da sua existência é tudo que a interessa. Contanto que você queira entender quem é 'você' ou mudar 'você' para algo espiritual, sagrado, bonito e maravilhoso, 'você' irá continuar existindo. Se você não quer ter nada a ver com isso, isso não existe, desaparece.

Como você entende isso? Eu fiz uma declaração para objetivos práticos: "O que você está olhando não é diferente de quem está olhando". O que você faz com uma declaração como essa? Que ferramenta você tem a seu dispor para entender uma declaração sem sentido, ilógica e irracional? Você começa a pensar. Através do pensamento, você não consegue entender nada. Você está traduzindo o que estou dizendo nos termos do conhecimento que você já tem, assim como você traduz todas as outras coisas porque você quer se livrar delas. Quando você pára de pensar, o que fica é o que estou descrevendo. A ausência do que você está pensando - tentando entender, ou tentando mudar a si mesmo - é o estado de existência que descrevo.

* * *

Existe um outro mundo? Porque você não está interessado nas coisas cotidianas e acontecimentos ao seu

redor, você inventou algo chamado 'outro mundo', ou 'eternidade', 'Deus', 'Verdade', 'Realidade', 'Brahman', 'iluminação', ou o que quer que seja, e você busca isso. Pode não haver nenhuma vida futura. Você não sabe de nada sobre esse outro mundo; tudo o que você sabe é o que disseram para você, o conhecimento que você tem sobre isso. E você projeta esse conhecimento. O que você chama de 'outro mundo' é criado pelo conhecimento que você tem sobre esse outro mundo; e qualquer que seja esse conhecimento que você tem sobre esse outro mundo é exatamente ele que você vivencia. O conhecimento cria a experiência e a experiência dá força ao pensamento.

Tudo o que você conhece não pode nunca ser o outro mundo. Tudo o que você vive não é o outro mundo. Se há algum mundo além, esse 'seu' movimento está ausente. A ausência desse movimento provavelmente é o outro mundo, mas o outro mundo nunca poderá ser vivenciado por você; ele o é quando o 'você' não existe. Por quê você está tentando vivenciar uma coisa que não pode ser vivenciada?

* * *

Você sempre deve reconhecer o que está olhando, senão, você não existe. No momento que você traduz, o 'você' passa a existir. Você olha para algo e reconhece que isso é uma sacola, uma sacola vermelha. O pensamento interfere com a sensação e o traduz. Por quê o pensamento interfere? E você pode fazer algo com relação a isso? No momento que você olha para algo, o que vem de dentro de você é a palavra 'sacola', se não 'sacola', então 'banco', 'parapeito', 'degrau', 'o homem de

cabelo branco que está sentado'. Isso perdura - você repete para si mesmo todo o tempo. Se você não o faz, você está preocupado com outra coisa: "Estou chegando tarde ao escritório". Você está ou pensando sobre algo que não está relacionado com a maneira que os sentidos estão funcionando naquele momento ou está olhando para algo e dizendo a si mesmo: "É uma sacola, uma sacola vermelha" e por aí em diante - isso é tudo o que existe. A palavra 'sacola' separa você do que você está olhando e por meio disso cria o 'você'. De outro modo, não haveria espaço entre os dois.

Todas as vezes que um pensamento nasce, você nasce. Quando o pensamento morre, você morre. Mas 'você' não deixa o pensamento ir embora e o que dá continuidade a ele é o pensar. Na verdade, não existe uma entidade permanente em você ou nenhuma totalidade de todos os seus pensamentos e experiências. Você pensa que há 'alguém' pensando seus pensamentos, que está sentindo seus sentimentos - é uma ilusão. Eu posso dizer que isso é uma ilusão; mas não é uma ilusão para você.

Suas emoções são mais complexas, mas passam pelo mesmo processo. Por quê você precisa dizer a si mesmo que está nervoso, que você inveja outra pessoa, ou que o sexo o está incomodando? Eu não estou dizendo nada sobre satisfação ou insatisfação. Há uma sensação em você e você diz que está deprimido, infeliz ou feliz ou com ciúmes, ganância ou inveja. Essa fixação traz para a existência quem está traduzindo essa sensação. O que você chama de "eu" é apenas a palavra 'sacola vermelha', 'banco', 'degraus', 'parapeito', 'lâmpada', 'raiva', 'felicidade',

'ciúmes' ou o que quer que seja. Você coloca suas células cerebrais em atividades desnecessárias fazendo com que as células da memória operem todo o tempo, destruindo a energia que existe nelas. Isso apenas te desgasta.

Essa marcação é necessária quando você deve se comunicar com outra pessoa ou consigo mesmo. Mas você se comunica consigo todo o tempo. Por quê você faz isso? A única diferença entre você e a pessoa que conversa em voz alta consigo mesma é que você não fala em voz alta. No momento em que você começa a falar em voz alta, o psiquiatra aparece. Esse sujeito, claro, está fazendo a mesma coisa que você está fazendo, se comunicando consigo mesmo todo o tempo – 'sacola', 'sacola vermelha', 'obsessivo', 'compulsivo', 'complexo de Édipo', 'ganancioso', 'banco', 'parapeito', 'Martini'. Então, ele diz que há algo errado com você, o coloca no divã e quer mudar, ajudar você.

Por quê você não pode abandonar essas sensações? Por quê você as traduz? Você o faz porque se não se comunicar consigo mesmo, você deixa de existir. A perspectiva disso é assustadora para 'você'.

* * *

O que quer que você vivencie – paz, felicidade, silêncio, beatitude, êxtase, alegria, Deus sabe o quê – será velho, de segunda mão. Você já conhece todas essas coisas. O fato de que você está em um estado de felicidade ou em um silêncio tremendo significa que você os conhece. Você precisa conhecer uma coisa para vivenciá-la. Esse conhecimento não é nada maravilhoso

ou metafísico; ‘banco’, ‘sacola’, ‘sacola vermelha’ é o conhecimento. Conhecimento é algo que é colocado dentro de você por outra pessoa. Você o conseguiu de outra pessoa; ele não é seu.

Você pode vivenciar uma coisa simples como sentar em um banco? Não, você apenas vivencia o conhecimento que você tem sobre ele. E o conhecimento vem de alguma atividade externa, sempre. Você pensa os pensamentos da sua sociedade, sente os sentimentos de sua sociedade e vivencia as experiências da sua sociedade; não existem experiências novas.

Então, tudo que cada homem pensou ou sentiu deve sair de você. E você é produto de todo esse conhecimento – isso é tudo o que você é.

* * *

O que é pensamento? Você não sabe nada sobre ele; tudo o que você sabe sobre o que você chama de ‘pensamento’ é o que foi dito a você. Como você pode fazer qualquer coisa com ele – moldar, controlar, dar forma ou parar com ele? Você está o tempo todo tentando fazer alguma coisa com ele porque alguém te disse que você deve mudar isso ou repor aquilo, se agarrar a bons pensamentos e não aos maus. Pensamentos são pensamentos; eles não são nem bons, nem maus. Contanto que você queira fazer algo com o que exista, você está pensando. Querer e pensar não são duas coisas diferentes. Querer entender significa que há um movimento no pensamento. Você está adicionando momentum àquele movimento, dando-lhe continuidade.

Os sentidos funcionam artificialmente em você porque você quer usá-los para conseguir algo. Por quê você deveria conseguir qualquer coisa? Porque você quer que o que você chama de 'você' exista. Você está protegendo essa continuidade. O pensamento é um mecanismo protetor: ele protege 'você' às custas de algo ou alguém. Tudo o que nasce com o pensamento é destrutivo: no final das contas, ele vai destruir você e sua espécie.

* * *

É o repetitivo mecanismo do pensamento que está te desgastando. Então, o que você pode fazer com relação a isso? – isso é tudo o que você pode perguntar. É a única pergunta a ser feita e qualquer resposta que eu ou qualquer pessoa dê irá adicionar momentum a esse movimento do pensamento. O que é que você pode fazer com relação a isso? Nada. Isso é muito forte: tem o momentum de milhões de anos. Você está totalmente desamparado e você não pode ter consciência desse desamparo.

Se você praticar qualquer controle da mente, automaticamente 'você' existe, e, através disso, há continuidade. Você nunca meditou realmente a sério? Ou você conhece alguém que o tenha? Ninguém é capaz de o fazer. Se você meditar a sério, você será içado ao título de lunático. Você também não pode praticar atenção na tentativa de estar atento em todo momento da sua vida. Você não pode ficar atento; você e atenção não podem coexistir. Se você pudesse estar em um estado de diligência por um segundo do relógio, uma vez em sua vida, a continuidade poderia ser rompida, a ilusão da estrutura que vivencia,

'você', poderia entrar em colapso e tudo poderia entrar em um ritmo natural. Nesse estado, você não sabe para o que está olhando – isso é diligência. Se você reconhece o que está olhando, você existe e, novamente, vivencia o antigo, o que você sabe.

O que faz com que uma pessoa chegue a seu estado natural, e não outra pessoa, eu não sei. Talvez esteja escrito nas células. Não há motivação. Não é um ato de vontade de sua parte; você não pode fazer com que ele apareça. Não há absolutamente nada que você possa fazer. Você pode desconfiar de qualquer homem que diga a você que chegou nesse estado. Uma coisa que você pode ter certeza é que ele pode não conhecer a si mesmo e possivelmente não consiga comunicar isso a você. Há um mecanismo construído e engatilhado no seu corpo. Se a estrutura do pensamento que vivencia deixar tudo para lá, outra coisa irá tomar conta da sua maneira. O funcionamento do corpo irá funcionar de maneira totalmente diferente, sem a interferência do pensamento, exceto quando seja necessário se comunicar com alguém. Para resumir isso em uma frase do boxe, você tem que "jogar a toalha", estar totalmente desamparado. Ninguém pode ajudá-lo e você não pode se ajudar.

* * *

Esse estado não te interessa. Você está apenas interessado em continuidade. Você quer existir, provavelmente em um nível diferente, e funcionar em uma dimensão diferente, mas, de qualquer modo, você quer existir. Você não tocaria nisso com o mastro de uma barcaça. Isso irá

liquidar 'você' por inteiro – self elevado, self inferior, mente, Atman, consciência, subconsciência – tudo isso. Você chega a um ponto, e então diz: "Preciso de tempo". Então, sadhana (indagação e diligência religiosa) surge e você diz a si mesmo: "Amanhã irei entender". Essa estrutura nasce do tempo e funciona no tempo, mas não chega a um fim através do tempo. O que há para entender? Por quê você quer entender o que estou dizendo? Você não pode entender o que estou dizendo. É um exercício de futilidade da sua parte tentar relatar a descrição de como estou funcionando com o jeito que você está funcionando. É uma coisa que não posso comunicar. Nenhuma comunicação é necessária e nenhum diálogo é possível. Quando 'você' não existe, quando a pergunta não existe, o que há é entendimento. Você está acabado. Você irá embora. Você nunca irá ouvir ninguém descrevendo seu estado ou fazendo qualquer pergunta sobre entendimento.

O que você está procurando não existe. Você preferiria caminhar sob um chão encantado com visões beatíficas de uma transformação radical do seu self, que não existe em um estado de existência evocado por algumas frases encantadas. Isso te distancia do seu estado natural – é um movimento distante de si. Ser você mesmo requer uma inteligência extraordinária. Você é 'abençoado' com essa inteligência; ninguém precisa dar isso a você, ninguém pode tirar isso de você. Quem deixa isso se expressar a seu próprio modo é um homem natural.

Parte Três

Não Existe Poder Fora do Homem

(Uma entrevista ao Professor HSK, em Mysore, Índia, 1980)

O que é necessário para que um homem se liberte de todo o passado da humanidade, não apenas de seu passado individual? É como dizer que você deve se libertar do que cada homem antes de você pensou, sentiu e vivenciou – só assim é possível que você seja você mesmo. O objetivo das minhas conversas é apontar que cada indivíduo é único. A cultura, civilização ou como quer que você a nomeie, sempre tentou nos colocar em uma estrutura. De qualquer maneira, o homem não é o homem; eu o chamo de 'animal único' – e o homem continuará se parecendo com um animal único a não ser que esteja sobrecarregado pela cultura.

* * *

A natureza, a seu próprio modo, faz nascer, de tempos em tempos, algumas flores, produto acabado da evolução humana. Elas não podem ser usadas pelo processo evolutivo como um modelo de criação – por isso eu digo que elas são o produto acabado da evolução humana. Essa flor pode ser colocada em um museu para que seja contemplada – é tudo o que se pode fazer com ela.

* * *

Você não gosta do que estou dizendo porque isso solapa toda a cultura indiana e a superestrutura psicológica que foi construída sobre a fraude Freudiana. Por isso, os psicólogos e as pessoas religiosas são contra mim – elas não gostam do que digo – isso vai contra o seu sustento. Toda a coisa está acabada: todo negócio religioso e da psicologia vão acabar nos próximos dez ou vinte anos.

Q: Senhor, qual é o papel da Índia na atual crise mundial?

UG: A crise pela qual o mundo está passando deve fazer nascer algo para que ele seja salvo. Eu acredito que isso surgirá do Ocidente – eu não sei de onde, mas não será na Índia.

Q: O questionamento é genuíno aqui, no Ocidente?

UG: Ele é muito genuíno. Questionam-se seus valores. Agora ele está em um estágio de rebelião e reação, mas quer respostas. É um povo muito pragmático e quer respostas; não estão satisfeitos apenas com promessas.

Então, essa parece ser a situação – de outro modo,

o homem está condenado, como vê. Mas o homem não irá desaparecer; ele, de alguma maneira, irá sobreviver. Eu não estou pregando uma teoria da condenação – eu não sou um profeta da condenação. Mas eu acredito que isso virá do Ocidente. Veja, isso tem que vir de algum lugar e a Índia não será esse país.

Q: Você tem certeza?

UG: Eu estou certo disso porque passei metade da minha vida no Ocidente – a primeira metade na Índia e a segunda metade no Ocidente.

Q: Como você chegou a essa conclusão? Você não pensa que a Índia desenvolveu algum tipo de filosofia?

UG: Ontem eu citei uma passagem de Emerson. É muito raro que eu cite alguém. Veja, ele fez uma declaração, uma declaração muito interessante: se quiser que seu vizinho acredite em Deus, deixe-o ver o que Deus pode fazer para ele acreditar. A conversa usual sobre Deus como amor, Deus como verdade, Deus como isso e Deus como aquilo não existe.

Então, essa é a coisa mais interessante: deixe o mundo ver o que Deus pode fazer você desejar. Exatamente do mesmo modo, você precisa colocar sua casa em ordem. A Índia está em uma situação caótica e ninguém sabe para onde está indo. Então, se há alguma coisa que serve para a sua herança espiritual (e há bastante; eu não estou em nenhum momento negando isso; a Índia fez nascer muitos sábios, santos e salvadores da raça humana), se essa herança não pode ajudar esse país a colocar sua

casa em ordem, como você pensa que esse país pode ajudar o mundo? Essa é a primeira coisa.

A segunda é: você precisa usar as terminologias modernas, as frases novas. As pessoas no Ocidente estão interessadas e fascinadas pelas novas terminologias, as novas frases. Então, elas aprendem todas essas coisas e sentem que são alguém porque estão aptas a repetirem essas coisas – isso é tudo que existe para elas. Você aprende uma nova língua e começa a falar naquela linguagem e, então, você se sente bem, mas de nenhuma maneira isso está te ajudando.

Então, primeiramente, como essa grande herança, da qual todos os Indianos estão orgulhosos, pode ajudar esse país? Por quê ela não está apta para ajudar esse país? – essa é a minha pergunta.

Q: Ajudar em que sentido?

UG: Primeiramente, você deve ter estabilidade econômica – todo mundo precisa ser alimentado, vestido e ter um abrigo. Não há desculpas para a pobreza nesse país – somos um país livre há trinta anos. Por quê essas coisas continuam? – essa é a minha pergunta básica. Não que eu tenha respostas: eu não tenho respostas. Se eu tivesse respostas, eu não estaria sentado aqui, conversando; eu faria algo. Veja, individualmente, não há nada que alguém possa fazer – essa é a situação. Ação coletiva significa problema – meu grupo, meu sistema, minha técnica, seu grupo, seu sistema, sua técnica – então, todos esses sistemas terminam finalmente no campo de batalha. Toda a sua energia é desperdiçada tentando...

Q: Conquistar?

UG:...Conquistar as pessoas com sua plataforma política. Mas de nenhum modo os problemas foram resolvidos por esses sistemas – isso é tudo o que estou tentando dizer.

Q: O país não pode se salvar? A herança não pode ter utilidade?

UG: O país não pode se salvar. A herança parece não estar apta a amparar o povo, infelizmente.

Q: *(Inaudível)*

UG: Eu venho dizendo a mesma coisa. Os psicólogos, por exemplo, chegaram ao fim de suas forças – e agora olham para a Índia. Eles estão vendo todos esses homens sagrados, esses iogues, aqueles que ensinam – você menciona a Meditação Transcendental. Eles estão realmente interessados, mas querem que isso seja colocado à prova. Eles querem resultados, veja, não apenas conversa, não apenas experiências ou fantasias espirituais. Elas devem ser aplicadas para solucionar os problemas do mundo – isso é tudo no que eles estão interessados. Então, meu argumento ou minha ênfase é que eles devem aparecer com soluções para seus problemas. Os cientistas têm seus problemas, os tecnólogos têm seus problemas – eles têm que aparecer com as soluções para esses problemas – essa é a primeira coisa. Não há sentido o povo daqui olhar para esses homens sagrados, sabe.

Q: Eles têm que achar respostas a seu modo.

UG: Em seu próprio campo – eles são aqueles que devem

aparecer com soluções para os problemas. De qualquer maneira, nossas soluções não têm respostas para esses problemas – não apenas para esses, mas também para problemas cotidianos. O homem está apenas interessado nas soluções e não procura os problemas. Você me diz que esses grandes sábios, santos e salvadores da humanidade possuem respostas para os nossos problemas. Então, por quê ainda estamos fazendo as mesmas perguntas?

Por quê estamos fazendo as mesmas perguntas? Então, essas soluções não são as respostas. Se elas fossem as respostas, as perguntas não existiriam. O fato de nós ainda fazermos as mesmas perguntas significa que elas não têm respostas. Então, as soluções que foram oferecidas para nossos problemas não são soluções. De outro modo, por quê os problemas permaneceriam?

Então, cada indivíduo tem sua responsabilidade; não uma nação em particular – Índia, América ou Rússia. Veja, o indivíduo tem que descobrir suas respostas para suas perguntas. Por isso que todo indivíduo é o salvador da humanidade – não o coletivo. Se ele pode encontrar uma resposta para a sua questão ou uma solução para seus problemas, talvez haja algum tipo de esperança para a humanidade como um todo – porque todos nós nascemos juntos: o que quer que esteja acontecendo na América está nos afetando; o que quer que esteja acontecendo aqui está afetando outras nações também.

Veja, o mundo todo está agora pensando em termos de um único mundo – pelo menos teoricamente – mas ninguém está preparado para desistir da soberania de sua nação. Esse é o ponto crucial do problema. A Comunida-

de Econômica Européia se uniu apenas por razões econômicas. Cada nação ainda está afirmando sua soberania – mas isso é algo que deve chegar ao fim, como vê.

Até mesmo essas nações poderosas, como a América e a Rússia, não estão aptas para resolverem seus problemas. Como o conflito Iraque e Irã – o que eles estão fazendo? Eles apenas estão colocando suas armas nucleares lá, as quais não podem usar. Então, mesmo eles não estão aptos para parar o movimento do mundo, controlar os acontecimentos do mundo.

Se até eles não podem, como você pensa que a Índia pode? Nós podemos nos sentir orgulhosos porque Indira Gandhi mandou um mensageiro para o Irã. No que isso irá resultar? As outras nações estão usando a Índia porque a Índia pode influenciar qualquer um – não sob qualquer condição. Ninguém ouve a Índia porque a Índia não está em posição de fazer nada no campo econômico, político ou militar. É uma nação retrógrada. Veja, apenas falamos sobre paz. Por quê a Índia não poderia explodir a bomba de hidrogênio? – essa é a minha pergunta. Quer você esteja em uma posição para entregar armas ou não, é um assunto diferente. A China está se tornando muito forte – ela não irá ouvir toda essa conversa. Quanto à Índia – ninguém liga para a Índia – essa é a situação.

Essa ilusão que temos, que todos esses gurus que estão indo para a Índia estão salvando o mundo, é realmente uma fantasia. Na verdade, o impacto de tudo isso é zero. Zero! O povo que se dirige para essas coisas realmente não é aquele que pode guiar os destinos de seu próprio país – isso é um fato.

Q: Mas como nossa rica herança pode ajudar a solucionar os problemas materiais?

UG: Ela não pode solucioná-los por causa da falsidade, porque ela é falsa, porque ela não opera na vida do povo – por isso ela não pode ajudar a solucionar os problemas econômicos desse país. Nós conversamos por séculos sobre a unidade da vida. Como você pode justificar a existência dessas favelas? Como você justifica a existência de cem milhões de Harijans (intocáveis) nesse país? Por favor, eu não tenho nenhuma resposta; apenas estou apontando o absurdo de nossas reivindicações, de que nossa herança é algo extraordinário.

Q: Significa que não estamos traduzindo isso em ações.

UG: Nós não estamos vivendo à altura de nossas esperanças e às expectativas da nossa grande tradição, herança ou como quiser chamá-la.

Q: Isso não significa que nossa herança é falsa ou que nossos valores sejam falsos.

UG: Esse é o nosso consolo? Isso é tão bom? É como dizer: “Meu avô era um homem muito rico, um milionário” quando não sei de onde virá a minha próxima refeição. Qual é a vantagem em dizer a mim mesmo todo o tempo que meu avô foi um milionário? Do mesmo modo, a Índia produziu grandes santos, gigantes espirituais e nós não temos nem um em nosso meio, como vê – então, qual a vantagem em ficar repetindo o tempo todo que nossa herança é tão tremenda e grande ou dizer a nós mesmos, falar sobre e louvar a grandiosidade da nossa herança?

Qual a vantagem disso? Isso deve ajudar esse país. Então, por quê você não questiona isso? Deve haver algo errado com todo esse negócio. Por que eu digo isso: relevando o fato de que toda cultura da Índia deve ser pretensamente extraordinária, uma grande cultura, relevando o fato de que todos falam sobre espiritualidade, dharma, uma coisa ou outra, a Índia produziu apenas um punhado de grandes mestres e não produziu outros mestres como eles. Mostre-me outro Ramanujacharya. Há apenas um Ramanujacharya, um Sankaracharya, um Madhavacharya, um Buda e um Mahavira. Eles podem ser contados nos dedos.

Nós não estamos pensando conforme esses gurus, porque esses gurus são como os padres Ocidentais. A Índia tem liberdade, então, todos criam uma pequena loja e vendem mercadorias particulares. Por isso você tem tantos gurus na Índia, assim como o Ocidente tem padres. A religião organizada Ocidental destruiu a possibilidade de crescimento individual – destruíram cada discordância, cada possibilidade de desenvolvimento individual em mestres espirituais, como na Índia. Mas, com sorte, a Índia tem esse tipo de liberdade, o que fez com que jogasse fora muito desse pensamento.

Mas, apesar disso tudo, apesar do fato de que toda a atmosfera é religião (o que quer que a palavra signifique; para mim as coisas religiosas sobre as quais está falando não são nada mais que superstições; celebrar todos esses jejuns, festas e festivais e ir ao templo não é religião, entenda), esses mestres não produziram outro mestre. Não pode existir outro Buda dentro da estrutura

do Budismo. Não pode existir outro Ramanujacharya dentro da estrutura daquela escola de pensamento. Eles deixaram como herança – ou deixaram como herança ou seus seguidores criaram – essas pequeninas colônias. E todas essas colônias estão brigando todo o tempo – quer porque você deva ter o nome “U” ou o “V”, estão brigando na corte porque os elefantes ou devem ter o sinal “V” ou “U”. Toda a coisa se degenerou e se deteriorou em trivialidade hoje em dia.

Então, “a Índia está apta para produzir um gigante notável como essas pessoas?” é a pergunta que todos nesse país devem perguntar a si – é a pergunta número um. Número dois: essa religião, a herança que você cita, opera nas vidas das pessoas? E a terceira pergunta é: ela pode servir de alguma forma para solucionar os problemas políticos e econômicos desse país? Minha resposta a todas elas é “não”.

Q: Mas essas duas coisas não pertencem a dois planos diferentes?

UG: Não. Infelizmente, nós dividimos a vida em material e espiritual – essa é a maior e mais notável fuga que criamos. Veja, é tudo uma coisa só; você não pode dividir a vida em material e espiritual. É aí que erramos. Então, como no Ocidente: somente aos domingos todos são religiosos – eles vão à igreja domingo – e, no resto da semana, eles são monstros.

O que você pensa? Qual é a vantagem em ler esses livros e repeti-los mecanicamente? As pessoas estão repetindo, repetindo, repetindo – elas nem ao menos sabem o

significado daquilo que estão repetindo. Eu ouço música de devoção toda manhã – não que eu estou interessado nela ou em nada; mas porque estou aqui, o rádio está lá e eu o ligo. O que são elas - essas músicas de devoção? Eles sabem o significado do que estão cantando? É pornografia, sinto dizer – realmente, é pornografia. Eu cheguei à conclusão que os compositores de todos esses stotras (versos) são pessoas famintas por sexo, então, externam essa sensação e a colocam na Deusa. Nesses stotras, eles não deixam nem uma parte do corpo da mulher de lado. Porém, eu não os condeno.

Você pode dar explicações místicas para todas essas coisas – eu não estou interessado nas explicações místicas porque elas são apenas um encobrimento, uma diplomacia do silêncio criada por aqueles que querem acabar com as atitudes questionadoras de algumas pessoas, que querem saber por que essas coisas existem.

Eu estava falando a algumas pessoas aqui: a adoração do touro no templo, e a adoração de Shiva – aquele negócio de *yoni* e *lingam* – vieram do homem original, para o qual sexo era o prazer mais alto que conhecia. Mais tarde, o homem vivenciou a alegria e a beatitude e tudo mudou; mas, originalmente, sexo era a coisa mais importante. Até mesmo a cruz é um símbolo fálico.

Eles dão pão e vinho na igreja – mas na verdade o quê isso significa? Eles copiaram isso da época dos selvagens – quando um herói morreu naquele tempo, eles comeram sua carne e beberam seu sangue esperando adquirir as grandes características do herói. Então, isso foi passado de geração para geração.

Nós estamos carregando, e não entendendo, todas essas coisas tolas que estão acontecendo. Eu não estou culpando, veja, mas, qual é a herança da qual você está falando? Ela pode realmente solucionar os problemas econômicos do seu país?

Os problemas políticos e econômicos são um só. Você não pode separá-los; são todos um só. É uma unidade integrada. Por quê você separa essas duas coisas? É possível para você mudar o país sem uma revolução política? De nenhuma maneira. E a revolução política não é possível nesse país porque sua constituição diz que a mudança, se deve haver alguma, deve acontecer dentro da estrutura da constituição. Isso acaba com a possibilidade de qualquer rebelião contra o governo que está no poder. Então, como você espera mudar isso? Para se eleger como um membro do parlamento, você deve ter milhões e milhões de rúpias – e, uma vez que você gastou milhões de rúpias, você deve ganhar dinheiro. Eles não existem para servir o país – de nenhuma maneira – então, não os culpe.

Eu digo que esses problemas sociais devem ser guiados pelo governo; não há lugar para nenhuma caridade privada em nenhum lugar no mundo. Se o governo não faz seu dever, o joguemos fora. Façamos com que o faça. E, se eles não o fizerem, você é o responsável. Por quê culpar os políticos? Culpe você.

Q: Mas o governo eleito representa uma classe particular.

UG: Veja, as pessoas ricas querem que sua terra de cinco acres seja assegurada. Eu não tenho nenhuma, portanto,

isso não importa para mim – as terras – e nada me afeta. Até mesmo se os comunistas chegarem ao poder eu não tenho nada a perder.

Não que os comunistas possam solucionar os problemas da Índia; ninguém, nenhum partido, pode solucionar; nem Deus, se há um Deus. Mesmo que ele possa, ele é singularmente incapaz de solucionar (*risos*) os problemas da Índia. Não é uma avaliação pessimista dos problemas da Índia, mas eu não vejo como isso é possível. Eu não vejo nenhuma esperança para esse país. Eu quero que esse país desempenhe um papel importante nos assuntos mundiais. Eu seria o mais encantado (*risos*) se a Índia pudesse desempenhar um papel importante. Até mesmo Deus não pode fazer isso. O todo poderoso e onipotente Deus, se existe um – eu não sei se há algum – se ele não pode fazer isso, o que eu e você podemos?

Então, acredito que um dia...Veja, o povo é tão fraco, Senhor, eles não explodem tudo. Se todo o negócio explodir, provavelmente haverá alguma chance...Veja, o problema desse país é que a Índia conseguiu sua liberdade entregue em uma travessa de ouro, enquanto outros países trabalharam e lutaram por sua liberdade, morreram por ela – esse é o problema. É uma pena que os Britânicos comandaram a Índia; se os Franceses ou outros a tivessem comandado, o país teria sido diferente. A China teve aqueles líderes militares tremendos; a Índia não pode produzir um líder como Mao Tse-Tung. Como a Índia pode produzir um homem como Mao Tse-Tung?

Mas, veja, há outra coisa: não há sentido em olhar para essas nações comunistas como modelos; a Índia

precisa desenvolver sua própria revolução indiana. Mao Tse-Tung seria um fracasso total aqui; então, ela precisa produzir um produto indiano (se posso usar a palavra dessa maneira). Mas os tempos não parecem ser maduros para esse tipo de coisa. Veja, a não ser que esse tipo de coisa aconteça na Índia, não tem como, não há esperança.

Como vê, o tempo joga fora seus indivíduos: a Índia precisou de um homem como Gandhi naquela época, e ele estava preparado; a Inglaterra precisou de um homem como Churchill, e lá estava ele; a França precisou de um homem como de Gaulle, e lá estava o homem; a Alemanha precisou de um homem como Hitler e ele estava lá. Não que eu esteja apoiando ou qualquer coisa do tipo – mas Hitler, sozinho, não foi responsável; toda a nação estava com ele na época. Se você culpar Hitler, terá que culpar cada Alemão – ele foi um produto de sua época. Imediatamente depois da Guerra, os Ingleses tiraram Churchill do poder. Era uma grande nação – a Inglaterra era realmente uma grande nação – e sabia que Churchill não serviria para solucionar seus problemas. Eu pessoalmente não acredito que a Índia conquistou sua liberdade por causa de Gandhi. As condições mundiais eram tais que os Britânicos tinham que ser muito amigáveis e se livrarem da Índia de um modo muito amigável – vê, essa foi a nossa tragédia. Então, por quanto tempo isso irá continuar, eu não sei.

Veja, eu não estou trabalhando de nenhuma maneira para a Índia, então, não tenho direito de criticar a Índia. Porque estamos sentados aqui e o que estamos dis-

cutindo é política de sofá. Mas eu não tenho direito de dizer nada contra alguém na Índia porque não estou trabalhando lá.

Se eu achar um modo, eu serei o primeiro a mostrá-lo a você. Eu não vejo nenhum modo. Eu não acredito no restabelecimento dessa religião, que está morta. O quê você quer reviver nesse país? – você me diz. Não há nada para reviver. Construir mais templos? Para quê? Há tantos milhares de templos. Por quê fazer mais um templo? Isso serve apenas para o seu próprio engrandecimento, não para o bem-estar religioso desse país. Outro ashram? Para quê? Há tantos *ashrams*, tantos gurus.

Então, essa parece ser a situação. Nós todos estamos tão desamparados. Temos esperanças – talvez um dia a Índia crie o tipo certo de homem - mas as condições não são maduras. Quando elas estarão maduras, não sei. Todos sofrem – a atitude do povo é muito estranha nesse país. O fatalismo que a Índia praticou por séculos é responsável pelo presente estado melancólico nesse país.

Q: Você acredita que o esforço de todos esses sábios – pessoas como, por exemplo, Sai Baba – são todos inúteis?

UG: O quê ele está fazendo, senhor? O quê ele está fazendo? E se ele é um *avatar*, como reivindica que é, e se ele não pode fazer, quem mais pode? – me diga. Algo está errado.

Q: Então tudo isso é fútil?

UG: Eu sinto que isso é fútil. Eles não podem fazer nada.

Q: Eles estão fazendo milagres, produzindo algo além do vazio.

UG: O quanto eles são bons – os milagres? Eles não podem realizar o milagre de todos os milagres, que é necessário para transformar toda a vida, todo o modo de pensar. Eles podem fazer isso?

Q: Um grande número de pessoas, incluindo as pessoas que se auto-intitulam inteligentes, são atraídas por eles.

UG: As pessoas inteligentes são as mais estúpidas (*gargalhada*) – elas são as pessoas mais crédulas. Eu não estou me referindo a Sai Baba em particular. Eu não sei nada sobre Sai Baba. Veja, eu não estou interessado em milagres. Ele é o homem sagrado número um nesse país porque atrai grandes audiências, não é? E, por causa disso (*risadas*), ele é o número um, e há o número dois, três, quatro – temos classificações de acordo com o número de pessoas que atraem.

Então, o que podemos fazer, eu não sei. Deve ser o milagre de todos os milagres – eu não estou interessado em materializar relógios suíços – mas esse será o milagre dos milagres e se há algum avatar nesse mundo que pode executar esse milagre, eu serei o primeiro a saudá-lo e isso é tudo. Ele não pode fazer isso. Ninguém pode fazer isso.

Não são os avatares que podem ajudar; é o indivíduo que pode. É um problema individual, então, não é o avatar quem irá ajudar. Há um salvador em cada indivíduo e, se esse salvador é trazido para fora, floresce e há esperança. Mas, quando?

Q: Os profetas Upanishádicos, eu acredito, são pessoas que floresceram individualmente.

U.G: Senhor, se houvesse algo nos ensinamentos do Upanishads, Buda não seria necessário. Por quê ele surgiu? Eles criaram a oportunidade, a necessidade de um homem como Buda – ele apareceu depois do *Upanishads*. Vê, a coisa Védica se deteriorou e os profetas Upanishádicos tomaram a cena e bagunçaram todo o negócio, então, Buda veio e, posteriormente, tantas outras pessoas. O Budismo se deteriorou nesse país, então, Sankara precisou aparecer e os seguidores de Sankara fizeram exatamente a mesma coisa. Então, surgiu a necessidade da vinda de Ramanujacharya – é a mesma coisa, veja – e, depois dele, Madhavacharya. Onde há lugar para todos esses mestres?

Então, provavelmente, haverá novamente uma necessidade de outro mestre - só Deus sabe. Se Ele existe na esquina, eu não sei. Mesmo os avatares que temos em nosso meio parecem incapazes de executar esse milagre, que é necessário para salvar esse país e o mundo.

Q: Qual é o seu conceito de Deus? Muitas vezes você diz que só Deus pode ajudar.

UG: Não, é modo de falar (*risadas*). O Homem deve ser salvo de Deus – isso é essencial porque...Eu não quero dizer Deus no sentido de você usa a palavra "Deus"; eu quero dizer tudo que 'Deus' significa, não apenas Deus, mas tudo o que está associado com o conceito de Deus – até mesmo o karma, reencarnação, renascimento, vida após a morte, toda coisa, todo esse negócio que você chama de

“grande herança da Índia” – tudo isso, veja. O homem precisa ser salvo da herança da Índia. Não apenas as pessoas; o país precisa ser salvo dessa herança. (Não através da revolução, não da maneira que fizeram nos países comunistas – esse não é o caminho. Eu não sei por quê; veja, é um assunto muito enganoso). De outro modo, não há esperança para o indivíduo e nem para o país.

Não que temos que nos transformar em pessoas contra Deus ou ateístas. Para mim, o teísta (quem acredita em Deus), o que não acredita em Deus e o outro que vem no meio e se declara “agnóstico” estão no mesmo barco.

Eu pessoalmente sinto que não há poder fora do homem, veja, qualquer poder que exista está dentro do homem. Então, se esse é o caso – e para mim isso é um fato – não há sentido em externar esse poder criando um símbolo e o adorando, sabe? Por isso digo que Deus, a questão Deus, hoje é irrelevante para o homem. Não sei se me fiz entender.

Não que você deva queimar todos os livros religiosos e demolir todos os templos. Isso é tolice, ridículo, porque o que os templos e livros significam está dentro do homem - não fora. Então, não há sentido em queimar todas essas livrarias e fazer uma fogueira com todos esses livros religiosos da maneira que Tamilian Ramaswamy Naicker fez – isso é tolice; não é a maneira de fazer isso, veja.

Então, por isso que digo que Deus é irrelevante – porque o homem deve se fiar mais e mais de seus próprios recursos. A herança da qual você está falando produziu esse homem aqui hoje e tudo o que está dentro dele. E não o que está no *Upanishads*, não o que... Todos esses

mestres - o que pensaram e o que vivenciaram - são parte desse homem. Então, ele deve se expressar de uma nova forma, senão, não há muito...

Se você fala de Deus, não tem nenhum sentido; todo mundo se transforma em um crente em Deus ou alguém que não acredita em Deus e termina lutando no campo de batalha. Qual é o sentido em reviver o Islã? O que é o Islã que todas essas pessoas falam? Eles estão guerreando entre eles, suas subdivisões, da mesma maneira que os Indianos estão lutando entre si, em suas religiões menores. Então, por isso que digo que Deus é irrelevante para o homem no contexto moderno. O que 'Deus' significa já existe no homem – não há poder fora do homem – e ele precisa se expressar a seu modo.

Q: Então, você acredita na teoria da evolução?

UG: Veja, a teoria de Darwin não é e de nenhum modo pode ser considerada – foi provado que sua afirmação básica, de que características adquiridas não são transmitidas de geração a geração, está errada. Talvez haja algo na evolução – talvez – mas o que exatamente significa “evolução”? Vê, as coisas simples se tornam complexas. Atualmente, o homem se tornou um indivíduo tão complexo que deve se mover para a direção oposta.

Isso não significa, falando em “direção oposta”, que temos que defender a involução. Como vê, não é uma questão de voltar e começar com o ano número um; o homem precisa começar de onde ele está hoje.

Mas eu sustento que o homem não tem liberdade de ação. Eu não falo do fatalismo que os Indianos pratica-

ram e ainda praticam; quando digo que o homem não tem liberdade de ação é com relação a mudar a si mesmo e se libertar do peso de seu passado.

O que é necessário é que o indivíduo se liberte do peso do passado, da grande herança da qual você fala. A não ser que o indivíduo se liberte do peso do passado, ele não pode criar novas soluções para os problemas; ele repete a mesma m...de sempre. Então, isso está ao alcance do indivíduo. Ele precisa se libertar de todo o passado, da herança da qual você fala – é a mesma coisa que dizer que ele tem que fugir da sabedoria acumulada em séculos – só aí é possível a ele criar soluções para os problemas com os quais o homem se confronta hoje.

Isso não está nas suas mãos; não há nada que ele possa fazer para se libertar do peso de seu passado. É nesse sentido que eu digo que ele não tem liberdade de ação. Você tem liberdade de vir aqui ou não vir, para estudar ou ensinar economia, filosofia ou outra coisa – você tem uma ação limitada. Mas você não tem liberdade para controlar os acontecimentos do mundo ou modelar os acontecimentos do mundo – ninguém tem esse poder, nenhuma nação o tem.

Você sabe que a Índia está desamparada. A América já foi a nação mais poderosa, rica e forte e não o é agora. Até a *Time Magazine* não usa mais essas frases para descrever a América. Se mesmo esses países, como Rússia e América, não estão aptos para controlar, e menos ainda modelar, os acontecimentos do mundo, o que um país pobre como a Índia pode fazer? Nada.

Então, o indivíduo é a única esperança. E o indivíduo também parece estar totalmente desamparado porque deve se libertar do peso de seu passado, de toda a herança, não apenas da Índia, mas do mundo todo. Então, é possível que o homem se liberte desse peso? Individualmente, ele não parece de nenhuma maneira ter liberdade. Veja, ele não tem liberdade de ação – esse é o ponto crucial de todo o problema. Mas, ainda assim, a esperança está no indivíduo – por alguma sorte, alguma estranha oportunidade...

Q: Essas duas afirmações parecem contraditórias. Você diz que não há poder fora do homem...

UG: Isso torna o Deus do qual estamos falando irrelevante – Deus no sentido que você usa a palavra. Não há poder fora do homem. Esse poder não está apto para se expressar por causa do peso de seu passado; uma vez que ele é libertado do peso do passado, então o que existe, esse poder extraordinário, se expressa. Veja, nesse sentido, não há contradição.

Q: Ele pode controlar acontecimentos?

UG: Não, não pode controlar acontecimentos; veja, ele pára de tentar controlar e moldar acontecimentos.

Q: Ele simplesmente navega?

UG: Navega com os acontecimentos, veja. Você e eu não somos obrigados a salvar o mundo. Quem nos deu a ordem, hein? O mundo sobreviveu por séculos e muitas pessoas apareceram e desapareceram. Ele sobrevive a seu modo.

Então, o homem se liberta de todos os seus problemas – não apenas os seus, mas também dos problemas do mundo. E se esse indivíduo, de alguma forma, tem um impacto, isso tem um impacto; se isso não tem... É algo que não pode ser medido, como vê.

Q: Esse é o estado ideal do homem?

UG: Veja, o animal se torna uma flor. Esse parece ser o objetivo – se existe algum propósito na Natureza, eu não sei. Veja, existem tantas flores – olhe para elas! Cada flor é única a seu modo. O objetivo da Natureza parece ser (eu não posso fazer nenhuma afirmação definitiva) criar flores como essas, flores humanas.

Nós temos apenas um punhado de flores que você pode contar em seus dedos: recentemente Ramana Maharshi, Sri Ramakrishna e algumas outras pessoas, não os pretendentes que hoje temos em nosso meio – não falo de gurus. Aquele homem que sentou lá em Tiruvannamalai é fantástico – seu impacto no Ocidente é muito maior que o desses gurus juntos – é muito estranho, entende? Ele vem tendo um tremendo impacto na totalidade da consciência humana – aquele homem que vive em uma região remota, entende?

Eu visitei um industrial em Paris. Ele não está interessado de nenhuma forma em assuntos religiosos, muito menos na Índia; ele é antiindiano (*risadas*). Então, eu vi sua foto – “Por quê você tem essa foto?”. Ele disse: “Eu gosto do rosto. Eu não sei nada sobre ele. Eu nem ao menos estou interessado em ler seus livros. Eu gosto da foto, então, ela está aí. Eu não estou interessado em nada sobre ele”.

Talvez esse indivíduo possa (eu não posso dizer 'pode') se ajudar e ajudar o mundo. Talvez.

Q: Mais uma pergunta...Eu não sei, eu estou colocando isso de forma grosseira. Eu sou um homem ignorante.

UG: Você pode colocar isso da forma mais grosseira. Você não é tão ignorante; eles dizem que você é o homem mais sábio. Um homem que escreveu a biografia de Ramanujacharya não pode ser grosseiro.

Algumas vezes eu provooco nosso Professor aqui, que é um defensor de *Advaita* (monismo de Sankara), dizendo "Você não pode ir além da posição Ramanuja (não-dualismo qualificado), ou tão longe quanto a filosofia afeite". Então, ele pára. O Monismo é algo sobre o qual você não pode falar – para todos os objetivos práticos, isso não existe. Esse é o limite: "Eu não sou pró-Ramanujacharya ou anti-Sankara". Vejo isso como um estudante de filosofia. Estudei filosofia e você não pode ir mais longe do que aquele camarada, Ramanujacharya. Você pode não concordar comigo. Tão longe quanto a posição filosófica diz respeito, a posição de Ramanujacharya é o limite, a última. O resto disso? Talvez haja algo... Se há uma situação monística, ela não pode ser comentada e não pode ser aplicada para mudar qualquer coisa nesse mundo.

Q: Esse estado ideal do homem...

UG: O homem se torna homem pela primeira vez – e isso é possível somente quando ele se liberta do peso da herança da qual estamos falando, a herança do homem como um todo (não Oriente ou Ocidente; não há Oriente ou

Ocidente). Então, somente assim, ele se transforma em um indivíduo. Pela primeira vez ele se transforma em um indivíduo – esse é o indivíduo sobre o qual estou falando.

Esse indivíduo certamente terá um impacto na consciência humana porque, quando algo acontece na consciência do homem, talvez isso afete (o todo) até uma extensão muito microscópica. Então, isso é um símile: quando você joga uma pedra em uma piscina, o deslocamento da água cria movimentos de ondas circulares. Exatamente do mesmo modo, isso é muito devagar, muito devagar – é algo que não pode ser medido com nada.

Então, talvez essa seja a única esperança do homem – é a primeira vez que um indivíduo se torna um homem – de outro modo, ele é um animal. E ele continua um animal por causa da herança, porque a sua herança tornou possível ao inadequado continuar, do ponto de vista da Natureza; de outro modo, a Natureza o teria rejeitado há tempos. Tornou-se possível ao inadequado sobreviver – não a forma (*risadas*), mas que esses inadequados sobrevivam – e a religião é responsável por isso. Esse é o meu argumento. Você pode não concordar. E você não irá.

Q: Isso significa que esse homem ideal...

UG: Ele não é um homem perfeito, ele não é um homem ideal – ele não pode ser um modelo para os outros.

Q: Como você se refere a ele?

UG: Ele é um indivíduo. Ele se transforma em um homem livre com traços animais. Veja, os animais seguem e criam

líderes. As características animais ainda persistem no homem – por isso, ele cria líderes, um cachorro maior, e o segue.

Q: Ele é parecido com um Super-homem?

UG: Ele é como uma flor, Senhor. Ele é como uma flor. E cada flor é única.

Q: Seu estado é o estado natural que você menciona constantemente?

UG: Você se transforma em si. Veja, o choque de sua dependência de toda a herança da humanidade está errado - a realização que desperta em você te bate como um raio – e sua dependência dessa cultura, seja oriental ou ocidental, foi a responsável por essa situação em você. Isso também se aplica ao todo porque a nação é a extensão do indivíduo e o mundo é a extensão de nações diferentes. Então, você está livre do peso do seu passado e se transforma, pela primeira vez, em um indivíduo.

Não há relacionamento entre essas duas flores. Então, não há sentido em comparar e contrastar as flores únicas que a Natureza faz nascer de tempos em tempos. Elas, a seu modo, tiveram algum impacto, mesmo que a coisa toda resultou apenas em algumas pequenas colônias que lutam entre si, e isso é tudo. Isso perdura. Quem foi chamado para salvar o mundo?

Q: Você poderia dizer que é uma colônia de flores?

UG: Mas cada flor tem sua própria fragrância. Se não fosse a herança do homem, da qual estamos tão orgulho-

sos, nós teríamos muitas flores como essas. Então, essa herança destruiu o que a Natureza... (não que eu esteja interpretando ou entendendo os meios da Natureza, o objetivo da evolução ou qualquer coisa; não pode, talvez, haver de nenhuma maneira algo como a evolução). Se não fosse pela cultura, a Natureza teria feito florescer muito mais flores – então, a cultura se transformou em um empecilho para que o homem se liberte a seu modo. O que é responsável por isso é essa coisa, veja, a cultura.

Então, essa flor – qual é o valor dessa flor para a humanidade? Que valor ela tem? Você pode olhar para ela, admirá-la, escrever versos de poesia, pintá-la ou esmagá-la, jogar fora e alimentar sua vaca com ela – mas, ainda assim, ela existe. Não é de nenhuma maneira útil para a sociedade, mas existe.

Se não fosse pela cultura, o mundo teria produzido mais flores, diferentes tipos e diferentes variedades de flores, não apenas uma única rosa da qual você se orgulha tanto. Você quer transformar tudo em um modelo. Para quê? Enquanto que a natureza faria florescer, de tempos em tempos, flores diferentes, cada uma única a seu modo e bonitas a seu modo. Essa possibilidade foi destruída pela cultura, que teve uma influência opressora no homem, que impede que ele se liberte do peso de todo o seu passado.

Q: Esse estado natural é o mesmo que o do homem real?

UG: Sim, ele pára de querer ser outra pessoa; ele é o que é, não é?

Q: Senhor, você alcançou isso em seu quadragésimo nono ano?

UG: Esse choque, esse raio, que bateu em mim com grande força, despedaçou tudo, explodiu cada célula e glândula no meu corpo, parece ter mudado toda a química do meu corpo. Não há evidência científica ou um médico para certificar isso, mas eu não estou interessado em satisfazer a curiosidade de ninguém, porque não estou vendendo isso, não estou colecionando seguidores e os ensinando como fazer surgir essa mudança. É algo que você não pode fazer aparecer por meio de nenhuma vontade ou esforço seu; isso apenas acontece. E eu digo que isso não tem causa. Eu realmente não sei qual é o seu objetivo, mas há algum, veja.

Q: Aconteceu uma transformação?

UG: Toda a química do meu corpo mudou. Então, isso começa a funcionar a seu modo natural. Isso significa que tudo o que está envenenado (eu uso essa palavra deliberadamente) e contaminado pela cultura é jogado fora e, então, essa consciência da vida (ou do que quer que queira chamá-la) se expressa e funciona de uma maneira muito natural. Toda a coisa deve ser jogada fora; de outro modo, se você não acredita em Deus, você se torna um ateu e ensina, prega e converte (para) o ateísmo. Mas esse indivíduo não é nem um teísta, nem um ateu, nem um agnóstico; ele é o que é.

O movimento que foi criado pela herança do homem, que está tentando transformá-la em algo diferente do que é, chega a um fim. Então, o que você é come-

ça a se expressar a seu modo, desembaraçado, sem obstáculos, sem o peso do passado do homem e de toda a raça humana e isso é tudo. Então, esse homem não é útil para a sociedade; ao contrário: ele se transforma em uma ameaça.

Q: A questão de ser útil não surge?

UG: De nenhuma maneira. Ele não pensa que foi escolhido por algum poder para melhorar o mundo. Ele não pensa que ele é o salvador, um homem livre ou iluminado.

Q: Sim, no momento que ele diz que é o salvador da humanidade, ele estabelece uma tradição.

UG: Então, no momento que os seguidores se encaixam em sua tradição, surge a necessidade de outra pessoa quebrar essa tradição – isso é tudo.

Q: Quando Vivekananda perguntou a Ramakrishna se ele havia visto, ele respondeu: “Sim, eu vi”. O quê ele quis dizer com isso?

UG: Você deve perguntar isso a ele. Eu não posso responder. Eu não sei o que ele quis dizer com isso. Mas eu expliquei a você...

Q: Talvez todo conceito tenha relevância em uma estrutura. Agora, ele está fora dela e todas as coisas são irrelevantes. Então, ele não se importa em responder.

UG: Eu não ligo para o que Ramakrishna disse, o que Sankara disse ou para o que Buda disse.

Q: Você jogou tudo isso fora?

UG: Não use essa palavra. Isso desapareceu do meu organismo; não que eu tenha jogado isso fora ou qualquer outra coisa. Isso apenas desapareceu de todo o meu organismo. Então, o que quer que eu diga resiste ou cai por si; não precisa do suporte de uma autoridade de nenhum tipo. Por isso que esse homem é uma ameaça para a sociedade. Ele é uma ameaça para a tradição porque está minando toda a fundação da herança.

Q: Você fala das sete colinas, sete dias...

UG: Não há significado nos setes ou nas coisas que aconteceram comigo durante sete dias – nenhum. Todas são coisas ocultas e de nenhuma maneira possuem ligação com o ocultismo. Não há um significado para tudo isso. Como freqüentemente falo para os meus amigos, eu não venho para a Índia para libertar o povo, eu não venho para fazer conferências para o povo; eu venho aqui – é uma coisa pessoal – para esquecer do inverno severo da Europa – e aqui é um lugar mais barato. Minha conversa com o povo é acidental – eu juro – de outro modo, eu levantaria uma plataforma. Qual é o sentido de levantar uma plataforma? Eu não estou interessado nisso. Eu não tenho mensagem para passar.

Q: Todo mundo pode alcançar esse estado natural, mas ele não está em suas mãos?

UG: Não está em suas mãos; não está nas mãos de ninguém. Mas você pode ter cem por cento de certeza que não é um privilégio especial meu ou que fui especialmente

escolhido por nada; isso está em você. É isso que quero dizer quando digo que não há poder fora do homem. É o mesmo poder e a mesma vida que está funcionando em você. A cultura que você cita está colocando isso para baixo. Alguma coisa está tentando se expressar e a cultura não deixa. Uma vez que isso joga a cultura fora, isso se expressa a seu modo.

Q: Os que passaram por essa transformação possuem características em comum?

UG: Essa pergunta não pode ser levantada. Se eu me comparar com algum santo, seria uma tragédia. Não pertencemos a uma fraternidade comum, uma irmandade comum ou qualquer outra coisa. O que é comum entre uma rosa, um narciso silvestre e uma flor-do-campo? Cada uma é unicamente bonita a seu modo. Cada uma possui sua própria beleza. Quer você goste ou não – é uma coisa diferente.

Q: A unicidade é o índice para essa transformação?

UG: Não. Esse indivíduo não sente que é único.

Q: Não. Mas, e para os outros?

UG: Provavelmente. Veja, a expressão disso é um pulo para que seja única. Quando esse tipo de coisa acontece com você, você vai começar a expressar sua unicidade de um modo totalmente diferente. Como isso irá se expressar, você não sabe e eu não sei.

Q: Qual a sua opinião sobre os cientistas? Você disse algo: que Einstein produziu um grande dano para a humanidade.

UG: Você não acredita que ele produziu o maior dano - a bomba atômica?

Q: Ele simplesmente disse que a matéria e a energia são permutáveis.

UG: O que resultou na bomba atômica. Quando perguntaram se a América deveria ir em frente com a arma ou não, ele disse: "Sim, façam isso, por todos os meios. Se não o fizerem, a Alemanha irá fazer". Senão Einstein, alguém iria fazer isso.

Q: Então ele não teve escolha; ele teve que escolher entre dois males.

UG: Não. Se você escolhe o menor dos dois males, você acabará apenas com o mal. Isso foi o que aconteceu conosco agora.

Não que eu o considere o inimigo número um. Eu também considero Freud a maior fraude do século 20 porque ele falou sobre uma teoria que realmente não tem nenhuma base. Então, ele é o malandro convicto do século 20. Mas ele se transformou atualmente na gíria dos homens: todo mundo a usa. Então, falo nesse sentido; não que eu considere todas essas pessoas inimigas da humanidade ou qualquer coisa do tipo.

Q: Você chama essa mudança de 'Calamidade'?

UG: Veja, as pessoas geralmente imaginam que a chamada iluminação, auto-realização, realização em Deus ou o que queira (eu não gosto de usar essas palavras) é algo enlevado, que você ficará permanentemente feliz, em um

estado de felicidade todo o tempo – essas são as imagens que eles têm dessas pessoas. Mas, quando esse tipo de coisa acontece com o indivíduo, ele descobre que realmente não há base para esse tipo de coisa. Então, do ponto de vista do homem que imagina que isso é uma felicidade e alegria permanente, permanente isso e permanente aquilo, isso é uma calamidade porque ele está esperando algo enquanto o que acontece inteiramente não tem relação com aquilo. Não há de nenhum modo relação entre a imagem que você tem disso e o que a situação é na verdade. Então, desse ponto de vista do homem que imagina que isso seja algo permanente, isso é uma calamidade – é nesse sentido que falo. Por isso que eu freqüentemente digo às pessoas: “Se eu pudesse te dar um vislumbre do que tudo isso significa, você não tocaria nisso com o mastro de um barco, um mastro de dez pés”. Você iria fugir disso porque isso não é o que você quer. Veja, o que você quer não existe.

Então, a próxima pergunta é: por quê todos esses sábios falam disso como uma “felicidade permanente”, “vida eterna”, isso ou aquilo? Eu de nenhum modo estou interessado nessas coisas. Mas a imagem que você tem disso não tem absolutamente nenhuma relação, qualquer que seja, com a coisa real da qual estou falando, o estado natural. Então a questão de que se alguma outra pessoa está iluminada ou não, não me interessa, porque não há absolutamente nada como a iluminação.

Q: À luz do que você disse, essa questão pode ser irrelevante. Você tem alguma mensagem?

UG: Para quem?

Q: Ninguém. Todo mundo.

UG: Eu não tenho nenhuma mensagem, Senhor – nenhuma mensagem para a humanidade – nenhuma. As pessoas me perguntam: “Por quê diabos você está sempre falando?”. Quando digo que eu não posso ajudar ninguém, por quê diabos você está aqui? (eu não falo de você).

Eu não quero usar esse negócio de ‘flores’... Isso é a fragrância da flor. Um indivíduo não pode se recolher em uma caverna ou se esconder; ele deve viver no meio do mundo; ele não tem para onde ir. Essa é a fragrância dessa flor em particular – você não sabe o que é isso.

Você não conhece a fragrância daquela flor – não tem jeito – por isso você a está comparando: “Isso cheira como aquela flor. Isso parece com aquela flor”. É tudo o que você está fazendo, veja. Quando você pára de fazer isso – tentar entender o que é a flor e como é aquele perfume que você nunca conheceu – há outra flor; não uma cópia daquela, não a rosa que você admira, não o narciso silvestre. Algum camarada escreveu “Uma Ode aos Narcisos Silvestres”. Ou a rosa... Por quê a rosa se tornou tão importante? Porque todo mundo gosta dela. A flor-do-campo que está ali é mais bonita do que a rosa. No momento que você pára de tentar comparar, tentar entender e mesmo imaginar o que é essa flor, qual a sua fragrância, há uma nova flor ali, que não tem nenhuma relação com todas as flores ao nosso redor.

Q: Obrigado, Senhor. Sou outro homem em relação ao que eu era há uma hora.

UG: Obrigado.

Parte Quatro

Entre o Desnorteamento e o Entendimento

(Excertos de conversas na Suíça e Índia, de 1972 a 1980)

Eu não tenho mensagem para passar ao mundo. Eu não posso dividir o que acontece comigo com o mundo. Por isso, eu não levanto uma plataforma e não dou nenhuma conferência – não que eu não possa dar conferências; eu dei conferências em todos os lugares do mundo – na verdade, eu não tenho nada para dizer. E eu não gosto de sentar em um lugar onde fico cercado de pessoas que fazem perguntas estabelecidas. Eu nunca inicio qualquer discussão; as pessoas vêm e se sentam ao meu redor – elas podem fazer o que quiserem. Se, de repente, alguém me faz uma pergunta, eu tento responder, enfatizando e apontando que não há resposta para essa pergunta. Então, eu meramente a expresso novamente, reestruturo e faço a mesma pergunta a

você. Não é um jogo porque não estou interessado em fazer meu ponto de vista ganhar do seu. Não é uma questão de oferecer opiniões – claro que tenho minhas opiniões sobre tudo, da doença à divindade, mas elas são inúteis como a de qualquer outro.

* * *

Você não pode levar ao pé da letra o que digo. Muitos problemas foram criados porque as pessoas levaram minhas palavras ao pé da letra. Mas você precisa testar cada palavra e cada frase para ver se elas possuem alguma relação com o modo como você funciona. Você precisa testar isso, mas você não está em posição de aceitar esse fato – infelizmente, isso é um fato, aceite ou não. Você pode escrever isso, mas isso irá fazer mais mal do que bem. Como vê, estou em uma posição muito difícil: eu não posso te ajudar e tudo o que eu digo é enganoso.

UG: Coloque isso de maneira simples. Eu não posso acompanhar uma estrutura muito complexa – veja, eu tenho essa dificuldade. Provavelmente eu sou um bobo que tira notas baixas ou algo do tipo, não sei – eu não consigo seguir um pensamento conceitual. Você pode colocá-lo em palavras muito simples. Qual é exatamente a pergunta? Porque a resposta existe; eu não tenho que dar a resposta. O que usualmente faço é reestruturar a pergunta e fazê-la novamente, de maneira que a pergunta pareça sem sentido para você.

Q: A resposta latente nessa pergunta é trazida à tona?

UG: Isso é tudo. Por isso que quero entender qual é exatamente a sua pergunta. Não é algo enganoso ou coisa do tipo. Eu não quero fazer outra pergunta para você. Porém, eu devo entender essa pergunta. Então, eu posso expressá-la ao meu modo e fazê-la de novo para você. Então, você irá descobrir por si mesmo, sem que eu te fale, que a pergunta não tem nenhum significado; mas não direi: "Sua pergunta é uma pergunta sem sentido".

* * *

Veja, esse diálogo é apenas proveitoso quando chegamos, ambos, a um ponto e descobrimos que nenhum diálogo é possível, que nenhum diálogo é necessário. 'Entendimento' e 'visão' possuem um significado diferente para mim. Entendimento é um estado de espírito no qual a pergunta não existe mais; não há nada que diga: "Agora eu entendo!" – essa é a dificuldade básica que existe entre nós. Se entender o que digo, você não irá chegar a lugar algum.

Há outra coisa que quero enfatizar: todas as perguntas que você faz devem ser próprias – só assim haverá significado em sustentarmos um diálogo. A pergunta deve ser sua. Você tem uma pergunta sua, uma pergunta que ninguém fez antes?

Q: Há muitas perguntas que as pessoas fazem, nos interessam e sentimos que são nossas.

UG: Mas não são. Você irá descobrir isso: de nenhuma maneira elas são suas.

O questionador precisa desaparecer. É o questionador que cria a resposta e se realiza a partir da resposta. De outro modo, não há questionador. Eu não estou tentando brincar com palavras. Você sabe a resposta e quer a minha confirmação, algum tipo de luz que possa ser jogada no seu problema, ou você está curioso – se por algumas dessas razões você quer sustentar um diálogo comigo, você está apenas perdendo seu tempo; você terá que ir até um erudito – eles podem jogar muita luz nessas perguntas. Isso é tudo no qual estou interessado nesse tipo de diálogo: ajudar você a formular sua própria pergunta. Tente e formule uma pergunta que você possa chamar de sua.

Eu não tenho nenhuma pergunta. Eu venho e sento aqui e estou vazio, mas não no sentido que você usa a palavra ‘vazio’. Vazio e cheio não são duas coisas diferentes; você não pode desenhar uma linha que demarque o nulo e o cheio. Mas não há nada aqui – nada – então, eu não sei o que dizer. Eu não vim preparado para dizer algo. O que você tira de mim é de seu próprio interesse – isso é seu, não meu. Não há nada aqui que eu possa chamar de meu. É sua propriedade porque você tirou a resposta de mim – ela não é minha. Eu não tenho nada a ver com a resposta. Essa não é a resposta. E de nenhuma maneira eu estou te dando respostas.

* * *

É parecido com qualquer outra ação reflexiva: você faz uma pergunta e algo surge. Eu não sei como isso opera. Isso não é produto de nenhum pensamento. O que

quer que saia não é criado pelo pensamento – mas algo sai. Você joga uma bola, ela quica e você chama isso de ‘resposta’. Na verdade eu apenas reestruturo a pergunta e a faço novamente a você.

Q: A pergunta traz a resposta?

UG: Não há resposta para essa pergunta. Então, a pergunta não pode se sustentar mais. Nesse sentido, eu não tenho perguntas de nenhum tipo, exceto as perguntas que preciso para sobreviver nesse mundo – não tenho nenhuma outra.

Q: Sua resposta é apenas um reflexo da pergunta?

UG: Não é a minha resposta porque a pergunta não existe mais. É como se a pergunta se transformasse na minha pergunta; desde que eu não tenha uma resposta, ela não espera nenhuma resposta; a pergunta se queima e o que resta é energia. Você não pode alongar esse processo por nove ou dez horas; eu posso. Isso não solapa a energia, mas adiciona coisas a ela todo o tempo. A conversa é energia: a conversa é a expressão dessa energia.

Q: Suponha que eu pergunte a você algo sobre mecânica quântica. O quê você me diria?

UG: Então, eu não sei – essa é a minha resposta – de qualquer modo, a pergunta desaparece. Qualquer conhecimento ou informação que eu tenha sobre mecânica quântica existe e sai como uma flecha, certa. O que quer que seja colocado, sai. Mas não há respostas para

perguntas como “Deus existe?”, “A vida é apenas sorte?”, “A justiça perfeita comanda o mundo?” – então, elas se queimam.

Q: Quem sou eu?

UG: (*Risos*) Você sabe muito bem quem você é.

Q: O que quer dizer?

UG: “Quem sou eu?” é realmente a sua pergunta? De nenhuma maneira; você a pegou de algum lugar. O questionador é o problema, não a pergunta. Se você não tivesse pegado essa pergunta de algum lugar, você pegaria outra. Mesmo daqui a quarenta anos você ainda perguntará qual o significado da vida. Um homem vivo não faria uma pergunta dessa. Obviamente, você não vê significado na vida. Você não vive; está morto. Se eu digo a você o significado da vida, aonde isso irá te levar? O quê isso significará para você?

Q: O questionador existe?

UG: Ele não existe; o que existe é apenas a pergunta. Todas as perguntas são as mesmas – elas são repetições mecânicas de perguntas memorizadas. Quer você pergunte “Quem sou eu?”, “Qual é o significado da vida?”, “Deus existe?” ou “Há vida após a morte?”, todas essas perguntas somente surgem da memória. Por isso pergunto se você tem uma pergunta própria.

* * *

Q: Você afirma que a pergunta “Quem sou eu?” não se sustenta quando você a questiona realmente?

UG: Porque você não pode separar a pergunta do questionador. A pergunta e o questionador são os mesmos. Se você aceitar esse fato, isso se torna uma coisa muito simples: quando a pergunta desaparece, o questionador também desaparece com ela. Mas desde que o questionador não queira desaparecer, a pergunta se sustenta. O questionador quer uma resposta para a pergunta e desde que não haja resposta para essa pergunta, o questionador sempre se sustenta. O interesse do questionador é continuar existindo, e não conseguir uma resposta.

Q: Mas ainda há a intenção de conseguir uma resposta.

UG: A intenção é o questionador, a (que outra palavra?) espera é o questionador. A espera de uma resposta, a esperança de que haja uma resposta para essa pergunta é o questionador. Eles não são diferentes, como vê; isso se transformou em situações enganosas diferentes. Primeiramente, o questionador diz que está atento. Ele está muito atento porque precisa da resposta. Ele não quer as dicas que talvez conheça...O que ele fará com essa resposta? Ele está atento, ele está esperando, ele está esperançoso – ele está todas essas coisas – e por quê? (Pausa). Porque não há resposta para essa pergunta “Quem sou eu?” – não há maneira de você sabê-la por si mesmo.

Esse é o verbo que linca ‘quem’ ao ‘eu’. Então, ‘eu’ e ‘quem’ são como duas coisas diferentes e o que linca essas duas coisas é o ‘sou’. ‘Sou’, o verbo, é a continuida-

de. Quando não há verbo – se é possível (*risos*) que o verbo desapareça – não há necessidade de nada para lincar `quem' e 'eu'; eles são a mesma coisa.

Q: E se houver verbo?

UG: A pergunta também existe com ele. Não pode existir uma pergunta sem ele. Veja, “Quem eu” é uma coisa sem sentido. O “Sou” tem que existir – ele cria um movimento divisor. Então, você criou a pergunta e isso implica que haja uma resposta para ela; de outra forma, você não faria a pergunta a si mesmo. Todas as perguntas existem porque você tem uma vaga resposta para elas: “Deve haver alguma outra coisa diferente do que eu sei”, veja. Não sei se me fiz entender.

* * *

Q: Senhor, o que acontecerá após a morte?

UG: Todas as perguntas sobre a morte não têm sentido – principalmente para uma pessoa jovem como você. Você nem ao menos viveu a sua vida. Por quê você faz essa pergunta tola? Por quê você está interessado nisso? Uma pessoa que vive não tem tempo de fazer uma pergunta dessas. Somente uma pessoa que não está vivendo pergunta “O que acontecerá após a minha morte?”. Você não está vivendo. Primeiramente, viva a sua vida e quando o tempo vier...Deixe isso como está. Eu não estou interessado nesse tipo de filosofia.

Nada irá acontecer. Afinal, não há algo como a morte. O que você pensa irá morrer? O quê? Esse corpo se desintegra em seus elementos constituintes. Então, nada

é perdido. Se você queimar isso, as cinzas enriquecerão o solo e o farão germinar. Se você enterrar isso, é nisso que as minhocas viverão. Se você jogar isso em um rio, isso se transformará em comida para os peixes. Uma forma de vida vive em outra forma de vida e dá continuidade para a vida. Então, a vida é imortal.

Mas isso não irá ajudar ninguém que se tem medo da morte. Afinal, 'morte' é medo, o medo de que algo chegue ao fim. O 'você' como você se conhece e o 'você' como você se vivencia não quer chegar a um fim. Mas ele também sabe que seu corpo irá morrer como outros – você vivencia a morte dos outros e essa situação é apavorante porque você não tem certeza se esse ('você') irá continuar se esse (corpo) ir. Então, há esse projeto (uma vida após a morte) e ele se torna a coisa mais importante – saber se há ou não uma vida após a morte. O medo cria isso. Então, quando o medo acaba, a pergunta também acaba.

Você não pode vivenciar sua própria morte. É por isso que digo a algumas dessas pessoas, que estão muito mais interessadas em moksha e libertação, que cada um de vocês, todos vocês, sem exceção, irão atingir moksha logo após morrerem.

(Gargalhada) Mas você pode ter certeza de que será tarde demais: o corpo estará em uma condição prostrada e não poderá se renovar. Essa morte pode acontecer com você agora – é uma coisa que acontece a qualquer momento.

* * *

Você não tem como saber nada sobre a sua morte, agora ou no fim da chamada vida. A não ser que o conhecimento, a continuidade do conhecimento, chegue a um fim, a morte não pode acontecer. Você quer saber algo sobre a morte e você quer torná-la parte do seu conhecimento. Mas a morte não é algo misterioso; a morte é o final do conhecimento. O que você pensa que irá continuar depois da morte? O que existe enquanto você vive? Onde está a entidade? Não há nada – nenhuma alma – e há apenas essa pergunta sobre a vida após a morte. A pergunta precisa desaparecer para encontrar a resposta – sua resposta; não a minha – porque a pergunta nasce da suposição e da crença de que há algo que continua após a morte.

* * *

Q: Em certos momentos eu sou apto para seguir a corrente particular da lógica que você expressou e eu posso sentir fortemente o que você diz. Como se atinge esse ponto, eu não sei, mas, uma vez que é alcançado, de repente há uma grande insegurança.

UG: Veja, a existência de quem questiona, o questionador, pára.

Q: Sim, exatamente. E isso produz muito pânico.

UG: Veja, esse é o problema: não ouse questionar essa coisa básica porque isso irá destruir algo que é muito precioso para você: a sua continuidade como você se conhece e como você se vivencia.

Q: Uma vez que você ousa questionar isso, o que acontece?

UG: “O que acontece?” não existe e começa a agir. Essa é a ação.

Q: Eu quero muito ousar. Há um modo correto para ousar?

UG: A pergunta tem a capacidade inerente de encontrar a resposta por si mesma. Veja, se não há resposta, a pergunta não pode existir. Você espera uma resposta quer venha de fora ou de dentro. Quando ambas as áreas provaram que não possuem nenhuma utilidade, o quê acontece com a pergunta? A rejeição não acontece porque não concordo com as declarações ou as experiências dos outros, mas porque, até aonde me dizem respeito, elas não são válidas. Então, elas podem ser verdadeiras, mas não são válidas. Então, rejeito todas. Toda ajuda externa não existe mais para mim. Quando elas acabam, não há mais algo que possa me ajudar – estão ligados; você não pode separá-los.

* * *

O problema real é a solução. Se você não pode solucionar o problema, o problema cessa em ser um problema. Você está mais interessado na solução do que no problema. Mas a solução somente poderá ser aplicada amanhã, não no presente – quando você irá solucionar o problema? – então, ela não é a solução. Por quê você está interessado em encontrar as soluções? Elas não te ajudaram. Mas você está buscando as soluções, você está interessado nas soluções, e não no problema. O que é o problema? – é tudo o que estou perguntando. Você não tem um problema, mas fala de soluções.

* * *

Você não está satisfeito com as soluções dadas pelos outros. Você vem a mim porque você pensa que sou um homem realizado. Algumas respostas foram dadas a essa pergunta, mas mesmo assim você a faz. Você quer a confirmação do que você sabe, mas esse homem diz algo que não se encaixa na sua estrutura. Então, você não concorda comigo. Você precisa descobrir a resposta para essa pergunta.

* * *

A busca acaba quando se descobre que não há nada como a iluminação. Ao buscar, você quer se libertar do self. Mas, o que quer que você esteja fazendo para se libertar do self é o self. Como posso fazer você entender essa coisa simples? Não há 'como'. Se eu disse isso a você, isso apenas irá adicionar mais momentum a isso (a busca) e fortalecer esse momentum. Essa é a pergunta das perguntas: "Como, como?".

O 'como' irá se sustentar contanto você pense que as respostas dadas pelos outros ou por mim são as respostas. "Eu encontrei a resposta" – eles encontraram as respostas para suas perguntas. Contanto que você dependa das respostas dessas pessoas que você pensa serem as que irão dar respostas para as suas perguntas, as perguntas irão se sustentar permanentemente. Elas não são as respostas; se fossem, as perguntas não continuariam. Ela precisa ser a sua resposta.

E a resposta deve ser encontrada sem nenhum tipo de processo. Qualquer processo te distancia da pergunta

e a dilui. A seu modo, a pergunta fica mais intensa. Você não quer nada, exceto a resposta para essa pergunta. Nada mais. Nada interessa mais você, exceto a resposta para essa pergunta. Dia após dia, pelo resto da sua vida, essa é a única pergunta que existe para você – “Como?”.

Esse ‘como?’ está relacionado às respostas dadas pelos outros. Então, você tem que rejeitar todas essas respostas. A pergunta tem que se queimar e a pergunta não pode se queimar o tanto que você está esperando pela resposta nem por dentro e nem por fora. Quando a pergunta se queima, o que existe começa a se expressar. É a sua resposta, não a de ninguém. Você nem ao menos precisa encontrar a resposta porque a resposta já existe e irá se expressar de alguma forma. Você não precisa ser um erudito, você não precisa ler livros, você não precisa fazer nada; o que existe em você começa a se expressar.

Então, você quer tanto a resposta para essa pergunta? Você sabe, mesmo aqueles que passam as suas vidas refletindo ou se pendurando em árvores não chegaram a lugar algum – as formigas das colinas cresceram ao redor deles e eles não chegaram a lugar algum. Não é tão simples. Quando isso aconteceu comigo, descobri que toda a minha busca estava na direção errada e que isso não é algo religioso ou psicológico, mas é puramente o funcionamento psicológico dos sentidos no ápice de suas capacidades. Essa foi a resposta para a minha pergunta.

Todas as perguntas são variações da mesma pergunta; elas não são perguntas diferentes. Quão sério você é? Quando você quer a resposta para essa pergunta?

Uma pergunta nasce das respostas que você já sabe. Você quer saber o que é o meu estado e tornar isso parte do seu conhecimento, isto é, da tradição; mas o conhecimento deve acabar. Como você pode entender essa coisa simples? O seu querer saber apenas adiciona momentum ao seu conhecimento. Não é possível saber o que é isso porque o conhecimento ainda existe e aglomera momentum. A continuidade do conhecimento é tudo no que você está interessado.

* * *

Se livros pudessem ensinar qualquer coisa às pessoas, o mundo seria um paraíso. Assuntos técnicos ensinam sim – como consertar um gravador de fitas e por aí em diante – mas livros de assuntos como esse não têm valor. Eu também não sei se há algum valor nessa conversa ou diálogo, mas eu quero deixar muito claro que não há movimento: você não irá se mover de onde você está. Você nem mesmo deu um passo. Não há necessidade que você dê um passo.

Q: Estou convencido de que, em nossa reunião, não são as palavras que são importantes, mas o que existe além das palavras.

UG: Eu não sei e você não pode ter certeza: pode ser sua predição. Se não há nada, isso age a seu modo. Essa consciência que está funcionando em mim, em você, na lesma do jardim e na minhoca da terra lá fora, é a mesma coisa. Isso não tem fronteiras em mim; mas tem fronteiras em você e você está cercado. Provavelmente, essa consci-

ência ilimitada te impulsiona, eu não sei. Não eu; eu não tenho nada a ver com isso. É como a água que encontra seu próprio nível e isso é tudo – isso é a natureza. Isso é o que está acontecendo em você: a vida está tentando destruir o que te cerca, a estrutura morta do pensamento e da experiência que não é de sua natureza. Isso está tentando sair e quebrar. Você não quer isso. No momento em que você vê algumas rachaduras, você traz reboco, as preenche e, então, a bloqueia novamente. E não é preciso que um chamado homem auto-realizado, um homem espiritual ou um homem que se realizou em Deus o impulsione; qualquer coisa. Essa folha ensina a você da mesma maneira se apenas você deixá-la fazer o que pode. Você deve deixar. Eu tenho que colocar isso desse modo. Apesar de que “deixar isso fazer o que pode” poder implicar que há algum tipo de vontade da sua parte, mas não é isso que eu quis dizer.

* * *

Q: O quê é vida?

UG: Você nunca saberá o que é vida. Ninguém pode dizer nada sobre a vida. Você pode dar definições, mas essas definições não têm sentido. Você pode teorizar sobre a vida, mas isso não tem nenhum valor para você – isso não pode te ajudar a entender nada. Então, você não faz perguntas como “O quê é a vida?”, sabe. “O quê é a vida?” – não há resposta para essa pergunta. Então, a pergunta não pode existir mais. Você realmente não sabe e a pergunta desaparece. Você não deixa isso acontecer porque você pensa que deve existir uma resposta. Se você

não sabe a resposta, você pensa que deve haver alguém nesse mundo que possa dar a resposta para essa pergunta. "O quê é a vida?" – ninguém pode dar uma resposta para essa pergunta e nós realmente não sabemos. Então, a pergunta não pode continuar; ela se queima, veja. A pergunta nasce do pensamento. Então, quando ela se queima, o que sobra é energia. Há uma combustão: o pensamento se queima e resulta em energia física. Do mesmo modo, quando a pergunta é queimada, com ela também o é o questionador. A pergunta e o questionador não são duas coisas diferentes. Quando a pergunta se queima, o que resta é energia. Você não pode dizer nada sobre essa energia – ela se manifesta, se expressa de um modo ilimitado; ela não tem limitações, nenhuma fronteira. Não é sua, nem minha; pertence a todo mundo. Você é parte dela. Você é sua expressão. Assim como a flor é uma expressão da vida, você é outra expressão da vida. O que está por trás de tudo isso é vida. O que ela é, você nunca irá saber.

* * *

Você não é diferente do animal – você não quer aceitar esse fato. A única diferença é que você pensa. O pensamento também existe no animal, mas ele se tornou muito complexo no homem – essa é a diferença. Não me diga que os animais não pensam; eles pensam. Mas o pensamento se tornou uma estrutura muito complexa no homem. O problema é como se libertar dessa estrutura e usá-la apenas como um instrumento para funcionar nesse mundo – afinal, ela não tem outro uso – e ela tem apenas

um valor contingente para comunicar algo, para funcionar no mundo atual – “Onde é a estação de trem? Onde posso comprar tomates? Onde é o supermercado?” – isso é tudo. Ela de nenhuma maneira é um conceito filosófico que possui algum significado, mas, sim. Você precisa de qualquer coisa alheia às suas necessidades básicas - comida, roupas e abrigo – é aí que começa sua auto-decepção e ela não acaba. Então, todo o pensamento de nenhuma maneira tem sentido; apenas te desgasta.

* * *

Pensar é desnecessário, exceto para se comunicar com alguém. Por quê eu devo me comunicar comigo mesmo todo o tempo? Para quê? “Eu sou feliz”, “Eu sou infeliz”, “Eu sou miserável”, “Isso é um microfone”, “Isso é um homem”, “Ele é algo” – veja, por quê fazemos isso? Todo mundo fala consigo mesmo – e somente quando ele começa a falar em voz alta você o coloca no hospício (*Gargalhada*).

Q: Eu acredito que você esteja sugerindo – e eu concordo com você – que isso é uma coisa muito cansativa e nos desgasta. Então, naturalmente, buscamos métodos para acabar com isso.

UG: Isso te desgasta e todos os métodos que usamos adicionam mais momentum para isso, infelizmente. Todas as técnicas e sistemas adicionando momentum para isso. Não há nada que você possa fazer para acabar com o pensamento.

Q: Está certo. Então, como você fez isso?

UG: A sua pergunta é: “Como não pensar?”. Você sabe no que esta pergunta implica? Você quer algum modo, algum método, algum sistema, alguma técnica – mas você continua pensando.

Q: Eu não quero pensar. Se a pergunta está errada, talvez você possa sugerir uma melhor.

UG: Eu não tenho certeza se você não quer pensar. Veja, você deve chegar a um ponto no qual diz a si mesmo: “Estou farto desse tipo de coisa”. Ninguém pode te impulsionar para isso.

Q: Então nem você pode fazer isso, ou pode?

UG: Veja, você mesmo irá descobrir que não pode fazer isso. Vê, o pensamento existe quando há uma demanda. Quando não há uma demanda você não sabe se ele existe ou não. Eu não estou preocupado se ele existe ou não. Mas, quando há necessidade dele, quando há uma demanda, ele existe para te guiar e te ajudar a se comunicar com alguém. O que decide essa demanda não existe; está fora. A situação demanda o seu uso; ele não se inicia automaticamente.

Todos nós falamos do pensamento. É possível você olhar para o pensamento? Não, há outro pensamento que está olhando – essa é a parte enganosa, veja – e ele se divide em dois – de outro modo, você não pode olhar para o pensamento. Quando um pensamento olha para

outro pensamento não há dois pensamentos, mas um pensamento. Ele te dá a impressão de que existem dois pensamentos, mas, na verdade, há apenas um movimento. Então, o que cria a divisão? A divisão é criada pelo pensamento – esse é o começo do seu pensamento. É um negócio muito enganoso. É um movimento e o que está olhando para o que você chama de ‘pensamento’ são todas as definições que você tem do pensamento.

“O quê é o pensamento?” – você coloca a pergunta para si mesmo. Então, como você pode olhar para isso? A pergunta é o pensamento, veja. “O quê é o pensamento?” – não há resposta para isso; qualquer resposta que você dê é apenas uma definição. Você pode dizer “Pensamento é isso...” (Eu digo tantas coisas: “O pensamento é o tempo; o pensamento é o espaço; o pensamento é a matéria”), “O pensamento é isso; o pensamento é aquilo” – você sabe, isso é tudo o que você pode dizer.

Mas se você quer olhar diretamente para o pensamento e descobrir por si mesmo, não tem como você olhá-lo. Não há maneira de descobrir o que é o pensamento por si mesmo porque você não pode vivenciar o pensamento; você pode vivenciar o pensamento apenas por meio do conhecimento que você tem sobre o pensamento. O que acontece quando você não aceita as respostas dadas pelos outros? Algo deve acontecer com a pergunta “O quê é o pensamento?”. A pergunta se queima porque ela não tem resposta exceto a resposta que temos. A pergunta se queima e o que você tem em seu lugar é a resposta, energia. Essa pergunta, o pensamento, é matéria. Quando o pensamento se queima, o que fica é energia, que é a

manifestação da vida. Em outras palavras, 'vida' e 'energia' são sinônimas.

* * *

De onde vem o pensamento? De dentro ou de fora? Onde é a poltrona da consciência humana? Então, com objetivo de comunicar ou apenas para dar uma sensação disso, eu digo que há uma 'esfera do pensamento'. Todos nós estamos funcionando nessa 'esfera do pensamento' e cada um de nós provavelmente tem uma 'antena' ou algo do tipo que é a criação da cultura na qual nascemos. É isso que capta esses pensamentos particulares.

Você não tem de nenhuma maneira como conhecer a poltrona da consciência humana por si mesmo porque está tudo acabado e você não está separado dessa consciência. Mesmo com todos os experimentos que os fisiologistas e psicólogos do cérebro fazem, gastando milhões e milhões de dólares apenas para descobrir a poltrona da consciência humana, eles nunca estarão aptos para descobrir. Eu não faço uma declaração dogmática ou qualquer coisa parecida.

Q: Há uma certa capacidade de captar pensamentos através da 'antena'. Agora, sem saber exatamente o que é a 'antena', podemos aumentar essa capacidade?

UG: Por quê você quer aumentá-la? Eu aceito as limitações como um fato. Eu sou, geneticamente falando (para usar o termo científico), limitado em minha capacidade. Eu penso que a capacidade do indivíduo é muito limitada – eu não sei – geneticamente determinada.

Q: Mas nós usamos apenas uma fração da potencialidade genética.

UG: Apenas uma fração. Por alguma razão ou outra a cultura limitou a possibilidade da evolução potencial em sua completeza e inteireza. Provavelmente, o pensamento foi necessário em algum lugar, mas agora se tornou um inimigo do homem. Ele se tornou um inimigo do homem por causa do potencial do processo evolutivo (se há alguma coisa como o processo evolutivo, eu não sei; eu não posso fazer uma declaração definitiva, mas parece haver algo do tipo) e é impedido pela cultura porque a cultura criou um 'homem perfeito', um 'homem religioso', um 'verdadeiro cavalheiro', um 'verdadeiro triste', etc. Isso é totalmente o oposto do que é inerente. Eu chamo essa qualidade inerente (ou como quer que queira chamá-la) de 'personalidade'.

Eu uso a palavra 'personalidade' em um sentido completamente diferente do sentido no qual os fisiologistas a usam. Cada ser humano tem uma personalidade única que tenta se expressar. A cultura criou o que se chama de 'homem normal'. Veja, a construção do caráter está nos interesses da continuidade da sociedade. O mecanismo de construção do caráter reprimiu e impediu o que está lá dentro de se expressar. É nesse sentido que eu uso a palavra 'personalidade'. Não há ninguém como você em nenhum lugar do mundo entre as quatro bilhões de pessoas que existem. Fisiologicamente falando, o indivíduo é uma peça da criação extraordinária criada pelo processo evolutivo. Então, cada indivíduo é único.

O que quer que exista tenta se expressar e florescer em um ser humano. A raça humana perdeu todos os seus

instintos animais e nós não desenvolvemos os instintos humanos. Esses instintos nos quais o povo fala – poderes psíquicos, clarividência, clariaudiência – são todos instintos humanos e são necessários porque são duas coisas nas quais o organismo humano está interessado. Uma: eles sobrevivem a qualquer custo. Por quê deveriam sobreviver? Eu não sei; é uma pergunta tola. Essa é uma das coisas mais importantes: eles possuem um mecanismo de sobrevivência próprio, que é completamente diferente do mecanismo de sobrevivência do movimento do pensamento. A segunda coisa é: eles se reproduzem. Precisam se reproduzir. Há essas duas características fundamentais no organismo humano, no organismo vivo.

A cultura tornou impossível que a personalidade se expresse à sua maneira porque tem idéias diferentes. A cultura criou um estado neurótico e o movimento divisor do pensamento. Esse movimento divisor precisa acabar se o que quer que haja nele se expresse e se torne uma flor. Essa possibilidade é parte do mecanismo humano: está embutida nele. Então, esse movimento divisor, essa condição neurótica do homem, precisa chegar a um fim. Mas, há algo que podemos fazer?

Q: Como empreender isso?

UG: O problema é que qualquer coisa que você faça – qualquer movimento em qualquer direção, em qualquer nível – dá continuidade para a estrutura do pensamento. Essa separação entre mente e corpo deve acabar. Na verdade, não há separação. Eu não faço objeção à palavra “mente”, mas ela não está em uma localidade ou área

particular; cada célula no seu organismo tem uma mente própria e ela funciona ou trabalha de um modo completamente diferente das outras células.

Então, toda a química do corpo precisa mudar: precisa sofrer um tipo de alquimia, se posso colocar desse modo. Com sorte, afortunadamente, há certas áreas no organismo humano que estão fora do controle do pensamento (isso é o que descobri por mim mesmo, veja. Você pode aceitar isso, rejeitar ou fazer o que quiser). Elas são as glândulas, o que você chama de 'glândulas endócrinas'.

Q: Afortunadamente?

UG: Afortunadamente e com sorte. De outro modo, o homem está acabado. O dia que você o controlar, é o fim do homem: ele irá perder tudo, ele irá se tornar – ele já o é – apenas um parafuso na estrutura social. A pequena liberdade que ele tem e a pequena oportunidade para que sua personalidade se expresse serão perdidas.

Essas glândulas estão fora do controle do pensamento. Os Hindus a chamam de 'chakras'. As glândulas estão localizadas exatamente nos mesmos pontos onde eles especulam que os chakras estão. Eles não estão no corpo físico – não há algo como corpo físico – eles especulam, veja. Eles devem ter vivenciado o que chamamos de 'glândulas endócrinas'. Está sendo gasto um tremendo montante de dinheiro em diversas pesquisas para descobrirem por quê elas existem qual a função dessas glândulas – a glândula pituitária, a glândula pineal, a glândula timo, etc. Eu não quero usar a palavra "chakras"; eu preferia

chamá-las de “glândulas endócrinas”. Ao menos que estejam ativas, qualquer chance de um ser humano florescer em si é perdida. Eu não posso dizer que não há qualquer coisa parecida com o processo evolutivo. Parece haver um processo evolutivo. Qual é a sua natureza, qual é o seu objetivo, eu não sei; mas ele parece tentar criar algo. O homem fica incompleto ao menos que todo o organismo humano floresça, como uma flor. Eu não quero usar a palavra ‘flor’ porque ela tem insinuações místicas.

Q: Realização?

UG: Realização – o que a impede é a cultura. Toda a coisa deve sair do seu organismo. Não daqui – não estou sugerindo queima de livros ou demolição de templos.

Q: Nós temos o poder inerente de nos evadirmos dessa cultura?

UG: Isso é você, veja. A sociedade existe aí dentro, não fora. A cultura é parte dessa consciência humana. Então, tudo o que o homem vivenciou e sentiu antes de você é parte dessa consciência.

Mas uma pergunta para a qual não temos a resposta adequada é “Como ela é transmitida de uma geração para a outra?”. É realmente um mistério. Todas as experiências – não necessariamente apenas suas experiências durante o vão de seus trinta, quarenta ou cinqüenta anos, mas a consciência animal, a consciência da planta, a consciência do pássaro – tudo isso é parte dessa consciência (não que haja uma entidade que reencarna; não há entidade. Então, todo o negócio da reencarna-

ção é absurdo tanto quanto sei). Por isso você sonha como se estivesse voando como um pássaro. Veja, as fantasias sexuais do homem, as posturas animais, o Kama Sutra de Vatsyayana – tudo isso é parte dessa consciência que é transmitida de geração para geração. Eu não sei como ela é transmitida, não posso dizer e não sou competente para dizer. Mas elas parecem ser o meio. Parece haver meios de trans...

Q: Muito mais do que a genética?

UG: Muito mais do que a genética: a genética é apenas uma parte disso. A consciência é um fator muito poderoso para vivenciar coisas, mas não é possível que ninguém descubra o conteúdo de toda a coisa – ele é muito vasto.

Q: Como podemos facilitar o movimento glandular?

UG: Eu tenho algo contra a tecnologia médica. Veja, o desejo real de entender a raça humana é na verdade o desejo de controlá-la – por isso, eu não simpatizo com essa tecnologia. O dia no qual você controlar as glândulas endócrinas irá mudar a personalidade do homem; você não precisará de nenhuma lavagem cerebral. A lavagem cerebral é um processo muito elaborado. Se fosse permitido à natureza existir a seu modo, todo mundo teria se transformado em uma flor única. Por que deveria existir apenas rosa no mundo? Para quê? Uma flor silvestre ou um dente-de-leão tem tanta beleza e tanta importância quanto a rosa. Por quê deveria existir apenas jasmim, rosas ou alguma outra flor? Então, a possibilidade de uma mudança acontecer repentinamente, não progressivamen-

te, existe. Ela deve acontecer de um modo muito repentino e explosivo para quebrar toda a coisa.

Q: No indivíduo?

UG: No indivíduo. E isso não tem de nenhuma maneira conteúdo social, religioso ou místico – nada dessas coisas. Talvez isso afete toda a consciência humana, mas isso é especulação – eu não posso dizer qualquer coisa sobre isso – qualquer coisa que eu diga será especulação. Isso está em vias de afetar – há apenas uma mente, apenas uma consciência – mas seus efeitos serão muito microscópicos.

Q: Como promover isso não para controlar pessoas, mas para conseguir resultados?

UG: Não, toda motivação existe para mudar toda a coisa. O ‘como’ no qual você está interessado implica mudança. Por quê você quer entender? Eu não estou dizendo que você não deveria entender, mas a motivação por trás do seu entendimento é fazer surgir a mudança. Isso é parte da nossa mudança. A cultura demanda isso.

Veja, há uma batalha constante acontecendo aqui. A batalha é entre o que está tentando se expressar a seu modo e a cultura que o impede. É possível ou há alguma maneira de você se livrar ou se libertar da corda estranguladora dessa cultura? Você pode fazer isso por meio da sua vontade? Você não pode fazer nada através da vontade; isso deve acontecer. Por isso digo que isso não tem causa.

Isso parece ter acontecido com algumas pessoas durante o curso da história. Cada uma deu expressão a essa unicidade a seu modo e isso depende do seu background. Isso é uma expressão desse background. Mas esse tipo de coisa está para acontecer com qualquer indivíduo hoje...Isso está a um passo de acontecer porque a natureza, a seu modo, faz nascer de tempos em tempos uma flor, o produto final da evolução humana. O produto final da evolução humana não pode ser usado por esse processo evolutivo como um modelo para criar outro. Se ele faz nascer uma flor, isso é tudo, veja; você não pode preservar isso. Você não pode preservar o perfume disso, porque, se o preservar, ele irá feder. O processo evolutivo, ou movimento (seja qual a palavra que você queira usar), não está interessado em usar uma perfeita, um modelo para criação; ele tem uma criação própria.

Mas a pergunta que você faz é muito difícil de responder porque ela não tem resposta. O 'como' precisa desaparecer – esse é o único jeito. O 'como' precisa desaparecer porque o 'como' implica que haja um caminho, que haja um método, que haja uma técnica, que haja algo que você possa fazer para trazer à tona essa mudança total na sua química, essa alquimia. Mas qualquer um desses métodos derrotará o seu propósito. Quando você se encontra em uma situação onde não há como encontrar qualquer resposta para essa pergunta, esse é o momento no qual o aparato engatilhado que existe ajuda a engatilhar a coisa toda. Quando a pergunta "Como?" está livre do desejo de entender ou trazer à tona a mudança, ela se sustenta...É um pensamento que você vê e o

pensamento é, afinal, uma vibração. Ele tem uma estrutura atômica: há um átomo encravado nesse pensamento. E quando esse pensamento não pode se mover, quando ele não pode se movimentar em nenhuma direção, então algo deve acontecer com esse pensamento.

Há somente o pensamento único: “Como?”. A única pergunta na qual esse organismo está interessado é: “Como jogar fora toda a escravidão, toda a influência estranguladora da cultura?”. Essa é a única pergunta que o organismo faz – não como uma palavra, não como um pensamento – e todo o organismo humano é essa pergunta. Eu não sei se fui claro. Essa é a única pergunta, veja, que está palpitando, pulsando em cada célula, bem na medula dos seus ossos, tentando se libertar dessa corda estranguladora. Essa é a única pergunta, o único pensamento. Ela é a salvadora. Essa pergunta descobre que não há meio de encontrar uma resposta, que é impossível para essa pergunta fazer qualquer coisa. Então, ela explode. Quando isso não encontra lugar para se mover, nenhum espaço, a ‘explosão’ acontece. Essa ‘explosão’ é como a nuclear: quebra a continuidade do pensamento.

Na verdade, não há continuidade do pensamento porque os pensamentos são desconectados, são coisas desajuntadas; mas algo os linca. O que você chama de ‘eu’, ‘self’ ou ‘centro’ é ilusório. Eu posso dizer que é ilusório porque é o conhecimento que você tem sobre o self que cria o self quando você olha para o self. Então, todo o papo de ‘autoconhecimento’ ou ‘conhecimento do self’ não tem significado para mim. Ele está dentro da estrutura do conhecimento. Ele está brincando consigo mesmo.

Então, essa continuidade chega a um fim e o pensamento cai em seu ritmo natural. Ele não pode mais lincar. Os links se quebram e, uma vez que se quebram, acabam. E não é apenas uma vez que o pensamento explode; cada vez que o pensamento vem à tona, ele explode. É como uma explosão nuclear, veja, e ela estilhaça todo o corpo. Não é uma coisa fácil; é o fim de um homem – é uma coisa tão estilhaçante que irá explodir cada célula e cada nervo no seu corpo. Eu passei por torturas físicas terríveis nesse momento. Não que você vivencie a ‘explosão’; você não pode vivenciar a ‘explosão’ – mas seus efeitos posteriores, a ‘precipitação radioativa’, é o que muda toda a química do seu corpo. Então, o pensamento não pode mais lincar: a demanda constante para vivenciar coisas acaba.

Q: Há alguém ou algo para testemunhar esse processo?

UG: Esse alguém, essa identidade artificial e ilusória acaba. Então, veja, mesmo agora não há ninguém que sente os sentimentos, não há ninguém que pense os pensamentos, não há ninguém que fale; é um computador puro e simples que funciona automaticamente. O computador não está interessado na sua pergunta, nem na minha. O computador não está interessado em tentar entender como esse mecanismo opera. Então, todas essas perguntas que temos como resultado do nosso pensamento racional e lógico não têm mais validade; elas perderam sua importância.

Então, o mecanismo funciona de um modo automático, mas com uma inteligência extraordinária. Ele sabe o que é bom para ele. Não chame isso de ‘divino’; há uma

inteligência extraordinária e tremenda que está guiando o mecanismo do corpo humano e seu interesse é proteger a si mesmo. Tudo o que faz é para proteger sua sobrevivência – é tudo no que ele está interessado.

Então, os sentidos se transformam em fatores muito importantes: eles começam a funcionar no limite de sua capacidade sem a interferência do pensamento, exceto quando há uma demanda do pensamento. Aqui devo deixar uma coisa bem clara: o pensamento não se inicia automaticamente; ele sempre opera sob demanda. Ele depende da demanda da situação: há uma situação onde o pensamento é necessário e, então, ele está lá; de outro modo, não está. Como a caneta que você está usando – você pode escrever um bonito fragmento de poesia, forjar um cheque ou fazer algo com essa caneta – que só existe quando há uma demanda para ela. O pensamento serve apenas para o propósito de se comunicar. De outro modo, ele não tem qualquer valor. Então, você é guiado pelos seus sentidos e não mais pelos seus pensamentos. Então, todo esse papo de controlar os sentidos é besteira, uma bobagem absoluta. Os sentidos possuem um mecanismo embutido de controle; e ele não é algo que possa ser adquirido. Essa conversa de *yama*, *niyama* (controle dos sentidos), e tudo o mais, é bobagem; ele tem um mecanismo de controle próprio. Você pode tentar controlar, por exemplo, o sentido do paladar, mas aqui (nesse estado) você não precisa se disciplinar ou se controlar. Esse organismo físico, organismo humano, ou de que forma queira chamá-lo, é somente guiado pela atividade sensorial, e não pelo pensamento ou pela mente.

* * *

Q: Como um ser humano ordinário...

UG: Eu digo a você que você não é um ser humano ordinário; você é um ser humano extraordinário (*gargalhada*). Não há ninguém como você. Você é 'aquele sem um segundo' do qual o Upanishads falou.

Não é porque você faz ou não faz que esse tipo de coisa acontece. Por isso digo que isso não tem causa. A estrutura que está interessada em estabelecer o relacionamento causal não existe mais. A única coisa que restou para que sobreviva e a sobrevivência é limitada: ela tem um momento próprio e, quando ele acaba, isso desaparece. Isso não pode reproduzir outro, psicologicamente ou de outro modo – por isso digo que isso é o produto final da evolução humana. Não há necessidade da reprodução de outro, tanto uma flor como outro ser humano – por isso, toda a química do seu corpo muda. Os hormônios mudam e você não é mais nem homem, nem mulher. Um homem como esse é inútil para a sociedade e ele não pode criar outra (*gargalhada*).

* * *

'Perfeição' é um pensamento tolo. Falar ou tocar um instrumento musical pode ser perfeito, mas não é isso que quero dizer. Através de anos e anos de prática você quer se tornar um homem perfeito, mas isso não é algo que pode ser perfeito. Não há nenhuma garantia, não há resposta do por quê isso acontece. É algo que não pode ser reproduzido. Eles colocaram na nossa frente o ideal do homem perfeito e isso colocou toda a coisa no caminho

errado. De nenhuma maneira o homem perfeito existe. Um homem para o qual, ou no qual, a mutação (se você quer usar essa palavra) tomou lugar não é um ser humano perfeito; ele tem todas as idiossincrasias, vantagens, estupidéz e absurdos que não estão associados ao homem perfeito – ele não tem nada a ver com isso. Ele não se transforma em um super gênio – amanhã ele não irá inventar algo extraordinário e colocar o homem em cada planeta – nada disso! Limitação sustenta limitação – isso é hereditário.

* * *

Para mim, questionar ações antes e depois acabou. A questão moral – “Eu deveria ter agido desse modo; eu não deveria ter agido desse modo. Eu não deveria ter dito isso” – nada disso existe para mim. Eu não tenho arrependimentos ou culpas; o que quer que eu esteja fazendo é automático. Em dada situação eu não sou capaz de agir de qualquer outro modo. Eu não tenho que raciocinar, pensar logicamente – nada – e essa é a única ação nessa situação particular. Da próxima vez, a ação será diferente. Para todos os objetivos práticos pode ser uma situação similar para você; mas não é para mim porque há um fator desconhecido, um fator novo. Então, a minha ação será diferente. Você pode ver isso como inconsistência ou contradição. Eu não posso agir de outro modo – não há conexão entre as duas ações.

É físico, não psicológico – não lembro de nada que não aconteça naquele momento em particular – não há reação, apenas resposta. Mas você reage todo o tempo –

há o julgamento pró ou contra: “Isso é certo, aquilo é errado”. A resposta sobre a qual estou falando é a resposta física para a situação. Eu funciono no plano físico todo o tempo. Eu não penso em nada quando te vejo; meus olhos estão focados em você. Se eu viro para esse lado, você some; a maçaneta da porta existe, mas não você; você não existe para mim, mesmo na minha mente (não há mente). Se necessário, ela é chamada novamente – se você faz perguntas. A reação é pensar sobre isso: ‘Certo’, ‘Errado’, ‘Bom’, ‘Mau’. A resposta é apenas olhar sem a intervenção do pensamento. A resposta é física; a reação é mental. Você está reagindo todo o tempo; você não responde fisicamente às coisas que existem.

* * *

Q: Se alguém quisesse te bater, você estaria preparado?

UG: É uma situação hipotética. Provavelmente eu bateria nele de volta, não sei. Eu não prego não-violência. Provavelmente. Eu não sei, veja. O problema é que você quer estar preparado para cada situação.

Q: Se alguém te batesse, você iria se sentir apreensivo?

UG: Algo como o medo físico – esse medo é essencial para a proteção do organismo humano – é muito importante. O organismo físico sabe o que fazer em uma situação particular. Então, você não precisa pensar sobre isso. Não há preparação. Se há uma cobra, você dá um passo para trás. Acabou: você não pensa sobre isso. Proteção psicológica é tudo no que esse organismo físico está interessado; nada mais.

Essa estrutura sempre pensa em cada situação possível, enfrenta cada situação. Portanto, como estar preparado para lidar com cada e todo tipo de situação que possa aparecer durante o curso da sua vida é uma coisa que não tem significado porque cada situação é totalmente diferente.

A vida te guia. Eu não quero usar a palavra 'vida' porque ela mistifica toda a coisa. Esse organismo está interessado em se proteger e ele sabe sobreviver. Quando vou passear, digo aos meus amigos: "Por favor, pelo amor de Deus, olhe; não pense!". Você não precisa pensar. Apenas use seus olhos e suas orelhas e eles irão te guiar.

* * *

A visão se torna extraordinariamente clara, o mecanismo de ouvir se torna extremamente sensível e isso é tudo. Não há claridade do pensamento. Agora eles têm o que chamam de 'privação sensorial'. O que eles tentam conseguir é o oposto disso. Os sentidos não estão privados de sua atividade; eles vão aonde querem e pensam o que querem - qualquer coisa que surja. Como a água do rio Ganges: você joga corpos queimados, água-de-esgoto imunda e tudo que é sujo das suas margens. Depois de cinco minutos, a água se torna puro cristal. É assim com o pensamento: não há 'bom' pensamento, 'mau', 'sensual' ou 'espiritual'; todos os pensamentos são os mesmos.

Você pode perguntar: "Como um homem desses pode ter um pensamento sensual?". Não há nada que ele possa fazer para reprimir esse pensamento ou dar espaço

para esse pensamento agir. Essa é a realidade, um fato. Algumas vezes, a memória sensual de fazer amor com a minha esposa surge do nada repentinamente. Mas quando esses pensamentos tentam firmar raízes, tudo em você se comprime – você não precisa fazer nada. Os pensamentos não podem continuar a existir – não há continuidade, não há aumento – a pessoa sabe o que é isso e onde termina – outra coisa surge. Mas isso não acaba para você; você diz: “Como posso ter esses pensamentos sensuais?”. Você pensa que não está livre se tem pensamentos sensuais; mas, se você não os tem, você pode ter certeza que não é um ser humano vivo. Santo ou pecador, ele deve responder a cada estímulo. Não há sublimação – tudo isso é absoluto nonsense. Os santos falam mentiras – conversa fiada, lixo – não acredite em tudo isso. Qual é o objetivo em se condenar dizendo a si mesmo que você é um pecador? Que coisa mais nonsense! Você deve responder – se há uma mulher, deve haver uma resposta física para isso – de outro modo, você é um cadáver.

Mas não há continuidade, não há desenvolvimento; outra coisa aparece. Pensamentos vêm e vão; eles se repetem – é divertido. Não que eu tenha assistido a isso como alguém que esteja a fim de se divertir. A maior parte do tempo você nem sabe que eles existem. Eles não podem ficar; eles se movem. Quando você reconhece que haverá problema, tudo bem, eles não podem mais existir; são empurrados pela próxima coisa. Você não precisa fazer nada; antes que você descubra o que acontece, ele desapareceu. Quando você tenta olhar para ele, ele não existe mais; o que você olha é completamente diferente

do que havia antes. Eles não são problemas; eles se tornam problemas apenas quando você senta em uma esquina para tentar meditar e controlar seus pensamentos. Os pensamentos brotam dentro de você. Como você pode controlá-los? Você não tem controle disso. Não é possível que você controle isso. Tudo isso é um exercício de futilidade. Você não precisa fazer nada.

Esse homem não é uma pedra; ele é afetado por tudo o que acontece aqui. Ele nem se importa em criar uma armadura. O homem religioso construiu uma armadura ao seu redor. Aqui, o processo cumulativo chega a um fim; a única ação é a ação física – somente naquele nível. Os sentidos estão correndo como cavalos selvagens – não há ninguém para controlá-los - eles correm aqui, ali e em todo lugar, de acordo com a demanda da situação. Essa ação é o movimento real da vida e não tem direção. Se você aceitar o desamparo, o problema é solucionado – por isso que digo que você não tem liberdade de ação. O que estou falando não é uma filosofia fatalística; mas trata-se de impedir o passado de interferir e colorir o presente.

* * *

Todo esse papo de *urdhvaratus* (sublimação da energia sexual) é enganoso. Fiz declarações enfáticas porque isso é algo que vivenciei e sei o que é.

Conservar a energia sexual de nenhum modo irá fazer com que você se aperfeiçoe. É muito tolo e absurdo. Por quê eles colocaram tanta força nisso? Abstinência, continência e celibato não irão ajudar a colocá-lo nesse estado (*risos*), nessa situação. Você pode fazer sexo hoje

e esse tipo de coisa pode acontecer com você amanhã – e isso pode acontecer até mesmo através do sexo. Se há um momento em que não há ninguém que vivencie qualquer coisa, esse é o momento em que esse tipo de coisa pode acontecer. Não precisa ser o discurso de um homem religioso; o cair de uma folha, o mugido de uma vaca, o relincho de um cavalo ou qualquer coisa que aconteça pode fazer o truque – porque, se você não traduz nada, isso irá tomar conta.

Não há algo como a sublimação, nada ascendente; apenas algo que sai livremente – mas esse homem sagrado não irá aceitar isso. Se eles fossem honestos o bastante, eles poderiam saber o que dizem.

Infelizmente, o sexo é separado de outras atividades. Por quê? – eu sempre pensei nisso. Isso é uma unidade; não pode ser separado. Por quê o colocaram em um nível diferente? É isso que criou o problema, não apenas aqui, mas nos países Ocidentais também. O Cristianismo também o separou, talvez por razões de segurança ou propriedade, mas agora nós temos meios de acabar com essas coisas – naquele tempo, não era tão fácil.

Q: Há um termo bonito: “hiato neurótico”.

UG: A religião é responsável por isso – ela criou isso. O questionamento de nossas ações é realmente o problema moral. Precisamos ter novos códigos morais de conduta – isso é necessário, de outro modo, não podemos funcionar. Esse é o problema agora. Ele, o Ocidente em qualquer categoria, hesita em buscar novos códigos. Os códigos velhos estão ultrapassados, anacrônicos, acabados.

Quem se importa com sexo? Sexo é tão fácil agora e todos falam sobre isso. Uma das descobertas que mais fez época nos tempos modernos foram pílulas para controle da natalidade – elas mudaram toda a coisa.

* * *

Posso fazer uma pergunta a você? O que, de acordo com você, é um homem normal? Há algum? Você tem, logicamente, pessoas divididas e certas normas psicológicas e filosóficas...Ou um homem saudável? O que é saúde? Algumas vezes me pergunto quem é um homem normal. Não que eu faça uma pergunta.

Q: O que é 'normal' é estabelecido por cada sociedade. O homem ordinário quer estar com outros todo o tempo, e não sozinho. Por essa razão, ele cria certas acomodações – é a única definição que tenho.

UG: Até esse homem – o 'homem extraordinário', em oposição ao nosso 'homem ordinário' – precisa viver nessa sociedade; ele não pode fugir, viver em uma caverna e meditar. Ele não está em conflito com a sociedade; ele aceita a realidade do mundo, apesar de tão irreal, e funciona no mundo, aceitando a realidade aceita por todos. É muito importante: eu não posso sentar em uma caverna e meditar em Brahman e dizer para mim mesmo: "Sou Brahman"; essa é a única realidade para um homem desses e não há outra. A 'última realidade' é lixo *nonsense*. Ela não existe, ela é um mito; essa é a única realidade. Qual outra realidade existe? Contanto que você esteja sentindo os sentimentos da sociedade, você é parte dela

porque você não tem algo parecido com seus próprios pensamentos, suas próprias experiências ou seus próprios sentimentos. Você não pode fugir dessa sociedade. Você não está separado dela. Você é a sociedade. Não há conteúdo social ou religioso no que digo.

Q: Posso fazer novamente essa pergunta para você? Na sua opinião, o que é um homem normal?

UG: Para mim, não há algo como um homem normal. Quando olho para essas pessoas chamadas de loucas imagino se eles são loucos ou os que os estão tratando. Eu contei uma piada outro dia. Um camarada em um hospício disse: "Eu sou Jesus Cristo". Seu amigo, outro interno, disse: "Eu sei que você não é". "Como diabos você sabe que eu não sou?", disse o primeiro camarada. O outro camarada disse: "Eu sou o Pai Eterno. Eu criei você. Eu deveria conhecê-lo" (*gargalhada*). É assim também aqui, quando vejo todas essas pessoas sentadas dizendo: "*Aham Brahmasmi*" (Eu sou Brahman). O quê é essa coisa nonsense? Não que eu seja contra qualquer coisa.

Q: Você não faz a pergunta para si mesmo - "Sou normal?"

UG: Não, não faço. Algumas vezes, a única coisa que leio é a *Time Magazine* – eu leio todas essas coisas, veja. Por quê leio isso? Eu vivo nesse mundo e gostaria de saber o que acontece com esse mundo. Por quê não? Todos os outros livros me dizem como me aperfeiçoar, como me mudar, como existir, como ser aquilo. Eu não quero ser nada além do que eu sou. Então, não tenho

interesse em qualquer desses livros. Algumas pessoas perguntam por quê leio romances policiais. Porque há muita ação. Se vou ver um filme, vejo um de caubói. Veja, há muitos movimentos neles. Se eu vejo televisão, vejo apenas os comerciais.

Q: Você é afetado pelo que vê?

UG: Isso também te afeta de algum modo – você é parte desse mundo e é afetado por ele. Você não está envolvido, mas é afetado. Há uma diferença entre se envolver e se deixar afetar. Todas as janelas estão abertas: não importa, isso ou aquilo, tudo pode entrar.

Nós temos idéias muito estranhas no campo religioso – torturar o corpo, dormir em pregos, controlar, negar coisas – toda a sorte de coisas engraçadas. Para quê? Por que negar certas coisas? Eu não sei. Qual a diferença entre um homem que vai a um bar em busca de um copo de cerveja e um homem que vai a um templo repetir o nome de Rama? Eu não vejo basicamente nenhuma diferença. Provavelmente, isso é anti-social; eles não pensam que é anti-social no Ocidente; aqui pensamos que seja. São fugas. Não sou contra fugas, mas quer você fuja por essa avenida ou aquela, uma fuga é uma fuga. Você está fugindo de si mesmo.

* * *

O que você faz ou não de nenhum modo interessa. Sua prática de santidade, sua prática de virtude – isso tem valor social para a sociedade, mas não tem nada a ver com isso.

Q: Claro que estamos vivendo em sociedade; mas tanto quanto sei – iluminação, realização ou do que quer que queira chamar isso...

UG: Qual nome você preferir usar – é a sua palavra.

Q:...Não tem nada a ver com isso?

UG: Não tem absolutamente nada a ver com isso. Por que – eu algumas vezes chego ao limite de dizer que ela é possível para um estuprador, um assassino, um ladrão, um condenado, um trapaceiro – esse tipo de coisa acontece! Para enfatizar; não que eu...

Q: Mas, isso aconteceu?

UG: Isso pode acontecer sim. Eu não sei, veja, talvez. Isso não tem nada a ver com isso: os códigos de conduta morais não têm qualquer relação com isso. Não que esse homem seja imoral; ele não pode ser imoral – é impossível que seja, veja, impossível.

Q: Seu comportamento automaticamente obedece ao código moral que prevalece na sociedade?

UG: O seu modelo de comportamento cai sem a estrutura do código moral e religioso. Mas ele é um perigo. O que digo é uma ameaça a você, a como você se conhece e a como você se vivencia. É uma ameaça a você.

Q: Como?

UG: Você não pode aceitar isso. Como pode aceitar isso?

Q: Mas se isso surge automaticamente, onde está a ques-

tão que faz de você um perigo? Você não pode dar a ninguém o direito de alcançar isso.

UG: Por isso digo que o indivíduo não pode ter nenhuma utilidade para a sociedade. Ele é um pássaro raro, uma planta rara – o coloque em uma jaula ou um museu e olhe para ele – ele é algo diferente, sabe.

Q: Mas, nunca perigoso?

UG: Todo o mais, veja, porque ele não se encaixa na estrutura.

* * *

Q: As pessoas dizem que a sobrevivência da raça humana será mesmo ameaçada dentro de um século.

UG: Você acredita nisso? Essas (espécies) sobreviveram por muitos séculos e irão encontrar um meio de sobreviverem mais uma. Meu ponto de vista é: não por causa do amor, da irmandade e todas essas coisas, mas por causa do terror de nos liquidarmos, aprenderemos a vivermos juntos. Você não pode machucar alguém sem se machucar – não psicologicamente, mas fisicamente. Aprenderemos a vivermos juntos apenas quando nos darmos conta disso. Contanto que cada indivíduo busque sua própria segurança, não pode haver segurança em toda parte. Nós estamos falando de 'detente' em termos internacionais, mas isso deve permear até mesmo o nível dos relacionamentos individuais. Apenas aí isso será possível; não através desse papo de 'irmandade', 'unidade da vida' – todas essas coisas que não ajudaram e não irão ajudar. Apenas o terror irá fazer com que vivamos juntos e em

paz, quer gostemos ou não. Você pode pegar um revólver e fazer o homem mais forte e poderoso do mundo dançar para você – isso é um fato. Isso irá sobreviver de alguma forma; você não irá deixar toda a coisa explodir. Provavelmente, é apenas um doido ou um lunático que irá aceitar que é tempo de todos florescermos juntos.

O homem sobreviveu por séculos e agora todos falamos repentinamente sobre ‘valores’ e coisas desse tipo. Para quê? Isso não nos ajudou a vivermos em harmonia e paz. Nós também criamos esse problema moral, veja. Plantas e animais não possuem um problema religioso; o homem criou o problema religioso.

Veja, isso de nenhuma maneira tem conteúdo social e não posso pensar em nenhuma ação coletiva. Então, esse indivíduo é parecido com algo criado pela natureza e se alguém o reconhece ou não, não tem importância. Esse homem não tem nenhuma utilidade para a sociedade. O dia em que eles pensarem que eu sou uma ameaça para a sua existência, eles irão me liquidar naturalmente. Eu não me importo. Se a sociedade me liquida, o que resta não tem importância para mim. Eu não tenho o ardor missionário ou qualquer desejo de salvar a humanidade. Quem me deu o mandato para salvar a raça humana? A humanidade existiu por séculos e irá continuar existindo. Eu não estou no ‘negócio sagrado’; eu canto a minha própria canção. Se alguém aparece, eu converso; se ninguém aparece, eu passeio ou olho os pássaros e as árvores – tantas coisas estão acontecendo. Mas eu não saio, me sento em uma plataforma e converso – eu não fui talhado para esse tipo de coisa. Eu sou um homem simples – eu não quero

complicar as coisas desnecessariamente. Veja, a minha posição é muito simples. Estou sempre disponível. Não tenho vida privada que posso chamar de minha. Todo mundo pode aparecer quando quiser. Eu apenas os vejo e digo: “Bom dia. O que posso fazer por você?” – isso é tudo; eu não tenho nada para dar; isso é tudo.

* * *

Conhecimento não é algo misterioso e místico. Você sabe que é feliz e você tem teorias sobre o trabalho da peneira, a luz – esse é o conhecimento do qual falo. Você introduz outro conhecimento, ‘conhecimento espiritual’, mas – conhecimento espiritual, sensual – qual a diferença? Nós damos os nomes a eles. Fantasias sobre Deus são aceitáveis, mas fantasias sobre sexo são chamadas de ‘sensual’, ‘físicas’. Não há diferença entre as duas; uma é socialmente aceitável, a outra não. Você está limitando o conhecimento a uma área particular da experiência. Então, ele se torna ‘sensual’ e o outro se transforma em ‘espiritual’? Tudo é sensual para mim.

O conhecimento é essencial para o organismo vivo – tudo é necessário. Mas todas essas especulações sobre Deus, Verdade e Realidade não têm nenhum significado para mim – todas são valores culturais; que não possuem qualquer relação com a sobrevivência do organismo vivo; elas são todas fixadas socialmente e arbitrariamente, como valores religiosos. Todos os nossos gostos são cultivados; não há algo como uma moralidade absoluta. Por “moralidade” eu quero dizer questionar ações antes e depois. É tudo social. Para o quê serve um bom homem

nesse mundo? Ele é bom para a sociedade, não é? Esses códigos são necessários para o andar calmo da sociedade. Essas pessoas religiosas criaram um policial dentro de você. Certas ações são designadas 'boas' e outras ações são designadas 'más' mesmo antes ou depois de você a fazer – isso não te ajuda de nenhuma forma; é o pensamento que cria o problema. O problema do homem é, basicamente, o dilema moral e o questionamento de suas ações antes e depois – isso se tornou um problema neurológico, não religioso – todo o seu corpo está envolvido. Até mesmo Deus é um problema neurológico: 'Deus' é uma forma confusa de se falar 'cachorro', mas todo o seu ser reage à palavra 'Deus'. Todas as suas crenças – elas não são apenas psicológicas; elas são neurológicas.

* * *

Você não sabe o que é bom; você sabe apenas o que é bom para você. Isso é tudo no que você está interessado, isso é um fato. Tudo se concentra em torno disso. Toda a sua arte e razões se concentram ao redor disso. Eu não estou sendo cínico. Isso é um fato. Não há nada de errado com isso. Não estou dizendo nada contra isso. As situações mudam, mas é ela que o está guiando através de todas as situações. Eu não estou dizendo que isso está errado, veja. Se isso não está, há algo errado com você. Contanto que você esteja operando no campo que eles chamam de 'pares opostos', bom e mau, você sempre será exigente em cada situação e isso é tudo – você não pode evitar isso.

* * *

Um 'homem moral' é um 'covarde'. Um 'homem moral' é um homem assustado, um homem acovardado – por isso, ele pratica a moralidade e julga o outro. E sua indignação é justa! Um homem moral (se há um) nunca falará sobre a moralidade ou julgará a moral dos outros. Nunca!

* * *

O homem é sempre egoísta e ele continuará sendo egoísta a não ser que pratique a abnegação como uma virtude. Eu não tenho nada contra pessoas egoístas. Eu não quero falar sobre egoísmo – isso não tem nenhum fundamento. Você me diz: “Eu serei um homem abnegado amanhã. Amanhã eu serei um homem maravilhoso” – mas até o amanhã chegar (ou depois de amanhã, ou a próxima vida) você continuará egoísta. O que você quer dizer com 'abnegação'? Você fala para todos serem abnegados. Para quê? Eu nunca disse para ninguém: “Não seja egoísta”. Seja egoísta, continue egoísta! – essa é a minha mensagem. Querer a iluminação é egoísmo. O homem rico que faz caridade também é egoísta: ele será lembrado como um homem generoso; você fará uma estátua dele. Não sou contra os prazeres básicos aos quais você cede. Não sou contra o que quer que você faça porque você pensa que há algo mais interessante do que você está fazendo. Há impaciência – porque você tem um 'modo ideal' de fazer as coisas, um 'modo perfeito' de fazer as coisas. Por quê isso acontece?

Q: Nós queremos sentir que vivemos nossa vida de forma útil.

UG: E no fim da sua vida você dirá a si mesmo que você desperdiçou toda a sua vida. Você não está fazendo nada para mudar; você inventou uma 'vida após a morte'. Sua insatisfação é muito artificial. Se você realmente estivesse interessado na raça humana, você realmente faria algo para mudar.

Uma vez que a pergunta "Como viver?" é feita, viver por si mesmo se torna a coisa mais importante. Você deve se libertar do peso da cultura. Logicamente, você não pode jogar a cultura fora – por exemplo, tomar um banho pela manhã e tudo isso. Mas é tão simples – eu também tomo o meu banho. O quê há de tão religioso nisso? Você acredita que há algo mais interessante do que você faz. Se isso cessa, o que você faz se torna muito, muito interessante.

* * *

Disseram que você deveria reprimir os seus desejos. Você reprimiu seus desejos por trinta ou quarenta anos, mas eles ainda existem. Então, algo deve estar errado. Não pode haver nada de errado com o desejo; deve haver algo errado com a pessoa que te disse que você deveria reprimilos. Isso (desejo) é uma realidade; aquilo (repressão dos desejos) é falso – isso te falsifica. O desejo existe. O desejo tal como é não pode ser proibido e não pode ser falso porque existe. A raiva tal como é não pode ser falsa porque existe. Você fala sobre uma energia que as pessoas definiram como Deus ou Deus sabe o quê. Você não vê que

esse é o mesmo pensamento que tornou isso um problema? Raiva é energia, desejo é energia – toda a energia que você quer já está operando. Para que diabos você precisa de energia? Você destrói essa energia através do pensamento. É apenas o pensamento que criou o problema. Sem o pensamento, não há problema. O que digo é que você não pode solucionar o problema através do pensamento; o pensamento pode apenas criar problemas.

Você espera estar apto para resolver o problema do desejo através do pensamento por causa daquele modelo de santo que você pensa que controlou ou eliminou o desejo. Se aquele homem não tem desejo como você imagina, ele é um cadáver. Não acredite de modo algum nesse homem! Um homem como esse constrói alguma organização e vive na luxúria pela qual você paga. Você o mantém. Ele está fazendo isso pelo seu próprio sustento. Há sempre um bobo no mundo que cai na dele. De vez em quando, ele permite que você se prostre diante dele. Você ficaria surpreso se vivesse com ele. Você se chocaria se o visse em sua intimidade. Por isso, todos eles são indiferentes – porque eles têm medo de que você irá flagrá-los em algum momento. O homem rico está sempre com medo de que você irá tocar nele por causa do seu dinheiro. Assim também o é o homem religioso – ele nunca entra em contato com você. Vê-lo é muito mais difícil que ver o presidente do nosso país – isso é muito mais fácil do que ver um homem sagrado. Ele não é o que ele diz ser, não é o que ele reivindica ser.

Mas homens que ‘fazem isso’ vivem no meio do povo e sempre são vistos.

* * *

Q: Qual é o significado, o sentido da vida?

UG: Você está me perguntando: “Alguma coisa tem significado?”. Veja aqui, um monte de significados e sentidos foram dados a você. Por quê você ainda procura pelo significado da vida, o sentido da vida? Todo mundo falou sobre o significado e o sentido da vida – todo mundo. As respostas foram dadas pelos salvadores, santos e sábios da humanidade – você tem milhares deles na Índia – e, ainda hoje, você continua fazendo a mesma pergunta: “A vida tem algum sentido ou significado?”. Quer você não esteja satisfeito ou realmente não esteja interessado em descobrir por si mesmo: eu alego que você realmente não esteja interessado porque é uma coisa assustadora. É uma coisa muito assustadora. Há algo como a verdade? Você já perguntou isso a si mesmo? Alguém disse a verdade?

Q: Há muitas verdades.

UG: Eles são todos mentirosos, almofadinhas, falsos e trapaceiros que reivindicam que procuraram e disseram a verdade! Tudo bem, você quer descobrir por si mesmo o que é a verdade. Você pode encontrar? Você pode capturar a verdade, segurá-la e dizer: “Essa é a verdade”? Quer você aceite ou não, é a mesma coisa: depende dos seus preconceitos e preferências. Então, se você quer descobrir a verdade por si mesmo, seja ela qual for, você não está em posição de aceitar ou rejeitá-la. Você assume que há algo como a verdade, a realidade (derradeira ou de outra maneira) – mas é a suposição que cria o problema e o sofrimento para você.

Veja, eu quero vivenciar Deus, a verdade, a realidade ou que queira. Então, devo entender a natureza da estrutura que vivencia dentro de mim antes de lidar com tudo isso. Eu devo olhar para o instrumento que uso. Você tenta capturar algo que não pode ser capturado nos termos da sua estrutura que vivencia. Então, essa estrutura que vivencia não deve existir em ordem para que outra coisa possa surgir. O que é isso, você nunca saberá. Você nunca saberá a verdade, porque ela é um movimento. Ela é um movimento! Você não pode capturá-lo, contê-lo, expressá-lo. Não estamos interessados em uma premissa logicamente verificável. Então, ela deve ser a sua descoberta. Quão boa é a minha experiência? Nós temos milhares e milhares de experiências gravadas – elas não te ajudaram. É a esperança que faz você continuar – “Se eu seguir isso por mais dez, quinze anos, talvez algum dia irei...” – porque a esperança é a estrutura.

Q: Então, ele vive toda uma vida e finalmente descobre que não descobriu nada.

UG: Nada. Essa é a descoberta. A chamada auto-realização é a descoberta para si e por si mesmo que não há um self para se descobrir. É uma coisa muito chocante – “Por quê diabos eu desperdicei toda a minha vida?”. É uma coisa chocante porque irá destruir cada nervo, cada célula, até mesmo as células na medula de seus ossos. Eu digo a você que não será uma coisa fácil, não será entregue a você em uma travessa de ouro. Você deve se tornar completamente desiludido, então, a verdade começa a se expressar a seu próprio modo. Eu descobri que é inútil

tentar descobrir a verdade. Descobri que a busca da verdade é absurda porque é uma coisa que você não pode capturar, conter ou expressar.

* * *

Q: Você pode descrever ou comunicar o seu estado?

UG: Veja, no momento que tento comunicar algo, isso desaparece; é apenas uma sombra disso; não é isso.

Q: É uma experiência incommunicável?

UG: Não. Ela não pode ser vivenciada. Você não pode comunicar o que você não pode vivenciar. Eu não quero usar essas palavras porque 'inexpressivo' e 'incommunicável' implica que haja algo que não pode ser comunicado, que não pode ser expresso. Não há nada. Eu não quero dizer que não há nada porque você irá me pegar – você chamará isso de 'vazio', 'nulo' e todo o tipo de coisa (*gargalhada*).

Eu posso apenas colocar desse modo: o que quer que exista não pode ser vivenciado – se há algo, eu não sei – eu não tenho como saber isso de nenhum modo. O que quer que você saiba do que é chamado de 'desconhecido' não é o desconhecido. Se há algo como o desconhecido, eu realmente não sei. O que quer que você saiba desse desconhecido, o que quer que você vivencie do que você chama de 'desconhecido' não é o desconhecido porque se tornou parte do seu conhecimento.

* * *

O que você quer? Diga, o quê é isso? Olhe, você não pode querer uma coisa que você não conhece e você não conhece nada sobre isso – agora ou depois – mesmo assumindo por um momento que você é um homem iluminado você não tem como saber alguma coisa sobre isso. Isso nunca poderá se tornar parte do seu conhecimento.

* * *

Isso entende que não é possível vivenciar mais qualquer coisa. Eu não sei se deixei isso bem claro. A individualidade, a solidão, a separação (ou como queira chamar isso) não existe mais. O que separa e isola você é o seu pensamento – ele cria as fronteiras e, uma vez que as fronteiras não existem mais, tudo fica sem limites. Não que você possa vivenciar essa não-limitação da sua consciência; o conteúdo da sua consciência é tão imenso que você não pode dizer nada sobre ele. Por isso, uso as palavras “é um estado de não saber”. Você realmente não sabe. Mas como você sabe que você não sabe? Não é porque você diz para si mesmo que você não sabe; mas, com relação àquele estado de consciência ordinário, você não tem como saber isso de nenhum modo – ninguém tem. Não há mesmo uma tentativa da sua parte em compreender algo.

* * *

Você não acumula experiências. Se você quer vivenciar uma coisa, toda a sorte de mistérios bate na sua porta. De nenhum modo isso é uma experiência. Você está interessado em vivenciar a última realidade, a verdade,

Deus, Deus sabe o que; mas é fútil tentar vivenciar uma coisa que você não pode vivenciar. Isso não significa que isso está além da estrutura que vivencia – “Isso é uma coisa que não posso descrever, que eu não...” – veja, não é toda aquela coisa; a estrutura que vivencia chega a um fim. Se você não reconhece o que olha – essa flor como uma flor, essa rosa como uma rosa – significa que você não existe. O que é você? Você não é nada mais do que um embrulho com todas essas experiências, o conhecimento que você tem sobre elas.

* * *

Eu olho e eu não sei para o quê olho. Minhas percepções sensoriais estão no ápice de sua capacidade, mas ainda não há nada dentro de mim que diga: “Isso é verde. Isso é marrom. Você tem cabelo branco. Você usa óculos...”. O conhecimento que tenho das coisas está no meu background – não opera. Então, “Estou acordado? Estou adormecido?” – eu não tenho como saber isso por mim mesmo. Por isso digo que, nessa consciência, há uma ausência total de qualquer divisão em estado desperto, sonhador e de sono profundo. Isso pode ser chamado de ‘*turiya*’ (para usar o termo em Sânscrito) – não há uma transcendência dessas coisas; uma ausência total dessa divisão.

* * *

Q: Não há sonhos no seu mundo?

UG: De alguma maneira, toda a sua vida é como um grande sonho. Eu olho para você, mas não conheço nada

sobre você – isso é um sonho, um mundo de sonhos – não há de nenhum modo realidade para isso. Quando a estrutura que vivencia não manipula a consciência (ou como queira chamar isso), então, toda a vida é um grande sonho, do ponto de vista que vivencia – não por esse ponto de vista aqui; mas do seu ponto de vista. Como vê, você dá realidade às coisas – não apenas para objetos, mas também para sentimentos e experiências – e acredita que são reais. Quando você não as traduz nos termos do seu conhecimento acumulado, elas não são coisas; você realmente não sabe o que elas são.

Q: Então, esse estado de não saber é como viver em um sonho?

UG: Para você. Em relação à realidade que você dá para as coisas, você poderá chamar esse estado de não saber um 'sonho'. Eu realmente nem sei se estou vivo ou morto.

* * *

Aqui não há mais algo tal como a realidade. Eu abandonei a última realidade. Eu funciono em um mundo como se eu aceitasse a realidade de tudo do modo que você aceita. Por exemplo, (eu sempre pergunto isso): é possível para você vivenciar o espaço tridimensional no qual você funciona? Não. Você deve ter conhecimento – comprimento de tantos pés, largura, altura de tantos pés. Como você pode vivenciar o espaço tridimensional através do conhecimento? Mesmo isso não pode ser vivenciado – abandone a quarta dimensão – nós realmente não sabemos nada sobre ela. Então, posso dizer que as paredes

não existem para mim no sentido que não há a experiência direta da parede. Isso não significa que irei bater contra a parede quando me mover para aquela direção. É como o curso da água: quando há um obstáculo para a água, há uma ação – quer ela inunde ou manobre. Essa ação é possível somente quando o conhecimento que há no background entra em operação – então, há uma ação. Mas aqui e agora, quando começo a andar naquela direção, não há uma obstrução ou nada.

* * *

Veja, se eu usar a palavra “matéria” não é no sentido que os cientistas usam a palavra. (Toca no tapete.) Há um contato. Um homem esperto pergunta: “Como você sabe que há um contato?”. Esse contato é advertido, você pode dizer. Mas, no momento que você diz que é difícil, você dá solidez para isso; de outro modo, isso é macio ou duro? Você pode vivenciar diretamente? Eu não sei, a linguagem é a coisa mais enganosa. Se eu usar a palavra “diretamente”, você pode pensar que há um modo direto de vivenciar alguma coisa. Então, quando uso a palavra “diretamente” quero dizer que você de nenhum modo pode vivenciar qualquer coisa. Quando falo sobre ‘vistavision’ isso não significa que eu consiga vivenciar vistavision; o que estou querendo dizer é que você não pode. Não tente vivenciar o que digo. Eu não posso vivenciar, você não pode vivenciar, ninguém pode vivenciar. Então, por quê falar sobre isso? Porque você está aí e eu estou aqui.

* * *

Q: Ao menos que você tenha que pegar um trem ou algo do tipo, você vive no presente?

UG: Chamar isso de 'viver de momento a momento' é muito enganoso. Esse viver de momento a momento não pode nunca ser capturado por você – isso nunca pode se tornar parte de sua existência consciente, muito menos do seu pensamento consciente.

Veja, não há presente para a estrutura do 'você': tudo o que há está no passado, que está tentando se proteger no futuro. Você pode pensar sobre passado, presente e futuro, mas não há futuro, não há presente; há apenas passado. Seu futuro é apenas uma projeção do seu passado. Se há um presente, esse presente nunca poderá ser vivenciado por você porque você vivencia apenas o seu conhecimento sobre o presente e o conhecimento é o passado. Então qual o sentido em tentar vivenciar o momento que você chama de 'agora'? O agora nunca pode ser vivenciado por você; o que quer que você vivencie não é o agora. Então, o agora é uma coisa que nunca pode se tornar parte da sua existência consciente e algo que você não pode expressar. O agora não existe, pelo que te toca, exceto como um conceito. Eu não falo sobre o agora.

* * *

Como você pode esperar vivenciar uma coisa que está além, que você não pode vivenciar uma coisa simples como esse banco, que você usou por toda a vida. Você nem mesmo pode vivenciar uma coisa simples como esse banco. O que você vivencia é apenas o conhecimen-

to que você tem dele e o conhecimento sempre foi criado por alguma agência externa – é de outra pessoa; não é seu. Se você vivencia a experiência de outra pessoa, ela não é sua. Outra pessoa virá e a levará embora: um homem mais persuasivo vem e diz: “Esse não é o modo de vivenciar. Há outro modo”, e assim por diante.

* * *

Como vejo isso, não há preparação para isso, nenhum *sadhana*, nenhuma meditação. Você pode ficar refletindo por quarenta anos; nada irá acontecer; provavelmente você irá vivenciar o que você pode vivenciar, tudo o que quiser. O pensamento é algo extraordinário: você pode criar algo, um objeto sólido, e tocá-lo, senti-lo, vivenciá-lo e falar com ele – você pensa que isso é algo extraordinário. Você precisa passar por todas essas experiências.

Algumas vezes, do nada, algo como uma experiência muito extraordinária que aconteceu antes com você ou qualquer pessoa está lá. Mas ela não veio do nada; é parte do seu conhecimento da consciência. Tudo o que o homem vivenciou antes de você é parte da consciência – está tudo lá – toda essa contaminação. Qualquer coisa que você vivencie, quão profundo seja, é uma contaminação; não tem nada a ver com esse estado; alguém vivenciou isso antes. Tudo o que você vivencia é uma coisa inútil; não é isso.

O que quer que seja vivenciado é induzido pelo pensamento. Você não pode vivenciar sem o conhecimento. E a experiência endireita o cérebro. É um círculo vicioso: o cachorro perseguindo a própria cauda.

* * *

A expansão da consciência não é nada, mas você dá muita importância para isso. As drogas irão tornar isso muito mais fácil do que todas essas meditações e yogas. Eu conheço um monte de pessoas que tomou LSD (por favor, não me compreenda mal; eu não estou defendendo isso). Você está diante de uma grande montanha. De repente, a consciência se expande ao tamanho da montanha, literalmente. Há um repentino florescer da mente e essa expansão repentina solta uma energia tremenda dentro de você. Qual é o efeito disso no corpo físico? O corpo físico responde ao que você chama de 'expansão repentina da consciência'. O único modo que o corpo físico pode responder a essa 'repentina expansão da consciência' é tomando fôlego repentinamente – você toma fôlego repentinamente e toda a configuração da respiração muda – por isso existe a expressão 'uma vista de tirar o fôlego'. Eu fui até as cavernas de Elephanta (perto de Bombay). Eles têm *trimurti* (escultura religiosa) – uma coisa grande, sabe – e eu estava diante dela. De repente, houve uma expansão da minha consciência (ou como queira chamar isso) ao tamanho dela. Você vivencia essas coisas todo o tempo. Não há nada com relação a essas experiências.

Nenhuma dessas experiências significa qualquer coisa, quer você esteja 'desse lado' ou 'daquele lado'. Na verdade, não há 'esse lado' ou 'aquele lado' porque não há uma linha de demarcação. A realização desperta em você que essas experiências, quão profunda elas possam ser, não valem nada, e isso é tudo. Você pode estar

em um estado de felicidade – mesmo após essa ‘calamidade’, você tem estados de felicidade, estados estáticos, uma repentina dissolução de tudo que existe – isso não significa nada. Você vivencia, eu vivencio – qual a diferença? Na Índia, as pessoas sagradas vivenciam uma coisa pequena e trivial chamada de ‘estado de felicidade’ ou ‘ausência da consciência do corpo’ e elas acreditam que está acontecendo algo maravilhoso. Todas essas coisas são limitações, elas limitam a consciência, elas não ajudam de nenhum modo; mas, para você, provavelmente elas são de grande interesse porque o homem funciona todo o tempo nessa consciência limitada.

Você começa com a suposição de que LSD é algo terrível. Por quê, eu me pergunto? Eu não estou apoiando ou recomendando isso. As drogas apenas produzem experiências e não estou falando sobre uma experiência. Mas todos os jovens do Ocidente experimentaram isso – pequenas garotas e garotos, todos – por isso, eles estão repentinamente interessados nesse tipo de coisa, na coisa Indiana; não porque estão insatisfeitos com suas saúdes ou seus valores. Eles experimentaram LSD e isso deu a eles algum tipo de sensação de que deve existir algo mais na consciência. Mas isso é uma experiência ordinária.

Todas essas experiências religiosas não são diferentes das experiências que as pessoas têm quando usam drogas. Eu conheci um garoto que nunca tinha ouvido falar da literatura tibetana, mas quando ele estava em uma ‘viagem’ (como eles colocam isso), ele vivenciou todo tipo de *mandalas* (desenhos místicos). Ele começou

a falar sobre elas e ele conheceu um camarada tibetano que as descreveu para ele. Como esse tipo de coisa é possível? Você não precisa estar no Tibete; não importa onde você esteja, veja, tudo isso é parte da sua consciência. Até mesmo o pato Donald se tornou parte da consciência humana.

* * *

Você não pode vivenciar nada que você não possa chamar de seu. O que quer que você vivencie, quão profundo isso seja, é o resultado do conhecimento que é parte da sua consciência. Alguém deve ter, em algum lugar, vivenciado a felicidade, a beatitude – chame isso de ‘êxtase’, chame isso de qualquer nome que queira, mas alguém em algum lugar – não necessariamente você – deve ter vivenciado isso e essa experiência é parte da sua consciência. Você precisa chegar a um ponto que não há algo parecido com uma nova experiência: alguém já vivenciou isso antes, então, ela não é sua.

* * *

O santo ou místico é um homem de segunda mão que vivencia o que os sábios falaram. Então, ele ainda está no campo da dualidade, considerando que os sábios ou profetas estão funcionando em um estado de consciência sem divisões. A experiência mística é extraordinária porque não é uma experiência intelectual; ela ajuda a ver as coisas diferentemente, sentir diferentemente, vivenciar as coisas diferentemente e trocar as declarações dos sábios e profetas por outras.

O mundo deveria ser mais grato aos santos do que os sábios. Se não fosse pelos santos, os sábios teriam sido completamente esquecidos há muito tempo. Os sábios não dependem de nenhuma autoridade; o que eles dizem é a autoridade. Isso que os sábios e os santos falaram – alguns deles – produziu experiências e isso se tornou parte de suas experiências. Eles tentaram dividir isso (experiência) através da música e todo tipo de coisas. Mas essa não é uma experiência que possa ser dividida com outra pessoa; de nenhum modo isso é uma experiência.

Os santos tentam dizer algo a você. Eles estão sempre no campo da dualidade; considerando que o sábio, profeta ou como queira chamá-los esteja no estado de consciência indivisível. Ele não sabe que é um homem livre. Então, para ele não existe a questão de libertar os outros. Ele apenas existe, fala sobre isso e então continua. Gaudapada não tem discípulos – ele se recusou a ensinar alguém. Ao menos Ramana Maharshi foi nosso contemporâneo – nós sabíamos algo sobre ele. Ele não ensinou ou iniciou ninguém. Um homem como ele não depende da autoridade de ninguém. Grandes mestres nunca usam qualquer autoridade e não interpretam os santos. Os santos ajudam você a olhar para as coisas diferentemente, a interpretar as coisas diferentemente.

Você não pode se tornar um sábio através de nenhum *sadhana* (prática espiritual); não está em suas mãos. Um sábio não pode ter um discípulo, um sábio não pode ter um seguidor porque essa não é uma experiência que possa ser dividida (até mesmo uma experiência ordinária não pode ser dividida com os outros. Você pode dizer a

alguém que nunca vivenciou o sexo como a experiência do sexo não é?). Os sábios e profetas são originais e únicos porque eles se libertaram de todo o passado (até mesmo a experiência mística é parte do passado). Não que o passado desapareça para um homem como esse; mas, para ele, o passado não tem conteúdo emocional – ele não opera continuamente, colorindo as ações.

Uma última coisa: você não tem que se render totalmente. Não há de nenhum modo *jnana marga* (caminho de sabedoria); não há *marga* (caminho). É uma rendição total – jogar a toalha, a esponja – e o que sair disso é *jnana* (sabedoria). Não é uma rendição no sentido ordinário da palavra; significa que não há nada que você possa fazer. Isso é rendição total – desamparo total. Isso não pode ser trazido à tona através de nenhum esforço ou vontade sua. Se você quer se render a algo, é apenas para conseguir algo. Por isso eu uso as palavras ‘um estado de rendição total’. É um estado de rendição aonde todo esforço chegou a um fim, onde todo movimento na direção de conseguir algo chegou a um fim. Todo o querer, esse ou aquele, está totalmente ausente.

Mas, primeiramente, não há fome. Um homem faminto fará qualquer coisa e tudo para satisfazer sua fome. Então, ele descobrirá que não há nada que ele possa fazer para satisfazer isso. Até mesmo a esperança que algum milagre irá acontecer sobre você deve recair. Se não há nada que você possa fazer para satisfazer sua fome, algo irá acontecer. Todos aqueles para os quais esse tipo de coisas aconteceu trabalharam realmente duro, tocaram a parte mais baixa do penhasco, apostaram tudo.

Isso não veio facilmente. Isso não é entregue a você em uma travessa de ouro por alguém.

* * *

É uma coisa muito simples. Mas, ao mesmo tempo, eu pergunto: “Há algo que você possa fazer?”. Ninguém pode criar a fome. Eu sempre dou o símile da casca do arroz: uma vez que ela é queimada, continua até estar completamente queimada. É uma coisa que você não pode criar artificialmente. Você provavelmente será afetado ou hipnotizado por algum tipo de puxa-saco ou hipnotizador – há tantos.

Não há algo como a experiência. Você parece saber. Você imagina. A imaginação precisa chegar a um fim. Eu não sei como colocar isso. A ausência de imaginação, a ausência da vontade, a ausência de esforço, a ausência de todo movimento em qualquer direção, qualquer nível, em qualquer dimensão – essa é a coisa. Essa é uma coisa que de nenhum modo pode ser vivenciada – não é uma experiência. Você está interessado em vivenciar a felicidade, beatitude, amor e Deus sabe o que, mas isso é algo sem valor. Se eu vivencio a felicidade, isso é felicidade? Ela é criada pelo conhecimento que eu tenho. Ela é o conhecimento. Não é algo fácil se livrar do conhecimento. Você é esse conhecimento – não apenas o conhecimento que você adquiriu nessa vida, mas o conhecimento de milhões e milhões de anos, as experiências de todos. As pessoas têm algumas experiências, veja, e constroem nelas uma superestrutura tremenda.

Q: Você diz que é uma coisa simples e, então, diz que é uma coisa difícil.

UG: Não, veja, a coisa é tão simples que a estrutura complexa precisa dela.

* * *

Eu não gosto dos artigos que escrevem sobre mim. Você está tentando me apresentar como o homem religioso que eu não sou. Você está falhando em compreender a coisa mais importante que eu enfatizo. Esses artigos não dão nenhuma idéia do que eu expresso. Não há conteúdo religioso ou nenhum traço místico no que digo. O homem precisa ser salvo dos salvadores da humanidade! As pessoas religiosas brincaram consigo mesmas e enganaram toda a humanidade. Jogue-as fora! Essa é a coragem em si; não a coragem que você pratica.

Qual é a vantagem de repetir '*Abhayam vai Brahman*' (a última realidade é audácia)? Audácia não é a libertação de todas as fobias. As fobias são essenciais para a sobrevivência do organismo. Você deve ter medo de altura e de profundidades – se ele não existe, há o perigo de que você caia. Mas você não quer ensinar coragem para um homem lutar no campo de batalha. Por quê você quer ensiná-lo a ter coragem? Para matar outros e se matar – é nisso que consiste a sua cultura. Cruzar o Atlântico em um balão ou o Pacífico em uma jangada – qualquer um pode fazer isso – isso não é coragem. Audácia não é algo bobo como isso.

Coragem é combater à distância tudo o que o homem vivenciou e sentiu antes de você. Você é único, mai-

or do que todas essas coisas. Tudo está acabado, toda a tradição está acabada, quão sagrada e divina ela possa ser – apenas assim você pode ser você mesmo – isso é individualidade.

Pela primeira vez você se torna um indivíduo. Enquanto você depender de alguém, de alguma autoridade, você não é um indivíduo. A unicidade do indivíduo não pode se expressar enquanto houver dependência. Você não precisa depender de nenhuma autoridade; isso tem uma autoridade própria. Você nunca interpretará nada, você nunca irá se fiar de nenhuma autoridade e, ainda assim, você não irá se chamar de 'único'.

O problema é que, mesmo que essa pessoa não fale, sua presença se torna um modelo para alguém. O fato é que alguém pode se sentar aqui desde a manhã até o anoitecer – o que posso fazer com relação a isso? Algumas vezes, elas entram em transe – e dizem: “Como você pode negar o que está acontecendo comigo?”. Eu digo: “Você pode fazer o que quiser”. Como posso te convencer que eu não tenho nada a mais do que você tem? Eu não tenho nada que você não tenha. O seu querer algo de alguém é a causa da sua miséria. O fim da ilusão é o seu fim. Então, você não pode ficar sem ilusão; você apenas pode substituir uma ilusão por outra.

* * *

É muito difícil fazer você entender o absurdo de todo o sadhana (bloqueio cada fuga, por assim dizer. Até mesmo aquela passagem precisa ser bloqueada para encostar você na parede. Você deve ser irritado até a

morte, de certo modo). Apenas um verdadeiro mestre pode descobrir isso e dizer para você; ninguém mais (nem mesmo aquelas pessoas que interpretam os textos e Puranas – tudo isso não tem conexão). Apenas um homem como tal pode falar. E um homem desses nunca encoraja qualquer tipo de sadhana porque ele sabe que esse tipo de coisa tem que acontecer com alguém, que a pessoa não precisará da ajuda de ninguém; apesar de tudo, isso irá acontecer.

○ que quer que você faça bloqueia o acontecimento. É enganoso colocar isso desse modo porque não há nada para acontecer. Você não percebe que o que quer que você faça será uma atividade centrada em si. ○ que quer que você faça em qualquer direção apenas força ou distorce toda a coisa. Todo sadhana é uma atividade centrada em si – é muito difícil entender isso. ○ instrumento que você usa é criado no campo da causa e efeito – ele não pode conceber nenhum acontecimento sem causa e efeito – por isso, não é um instrumento (para entender isso); e não há outro.

Isso não tem causa. É um salto importante. Ele te leva daqui até lá – você não pode lincar essas coisas. Você me colocou no outro lado do rio. Você quer atravessá-lo em um barco. Esse barco é um barco avariado e você irá afundar. Não há outra margem, não há um rio para cruzar e não há um barco – é muito difícil que você entenda isso. Você criou uma imagem e colocou a imagem no outro lado. Eu digo: “Não, pelamordedeus, eu estou na mesma margem, não há rio para cruzar e não é necessário nenhum barco!”.

Ninguém pode te guiar. Você não tem diretrizes porque eles não sabem. Se eu soubesse, eu poderia guiá-lo. Um homem desses não pode te guiar ou dirigir a lugar algum. Não que eu seja contra os gurus – de nenhum modo. Você sabe – mesmo os seus livros dizem isso – que não é o guru que poderá te ajudar. Isso não significa alguma sorte de coisas misteriosas. Os hinos dizem: “Quem ele escolhe, para ele isso acontece”. Isso não significa que há qualquer poder fora de você. Esse potencial já está em você – ele tem a capacidade de explodir. Se através de alguma oportunidade estranha, com alguma sorte, o pensamento se sustenta por si mesmo sem se dividir em dois, algo tem que acontecer com ele. É como uma explosão atômica – não uma, mas trilhões. Quando ela explode, despedaça tudo que existe. É uma reação em cadeia; uma atrás da outra, cada célula está envolvida.

Não é tão fácil – isso não acontece através da lógica, força, ensinamento de alguém ou repetição de alguns mantras (sílabas místicas). Você não pode fazer isso acontecer, mas a possibilidade desse tipo de coisa acontecer existe em todos por causa da sua natureza. Pois isso acontece com um em um bilhão. Se você perguntar por que isso acontece com esse indivíduo e não com você, significa que você não teve uma oportunidade. Isso não tem causa porque eu não posso dar a você ou dizer a você como isso aconteceu. Não há ‘como’ – essa é a razão pela qual eu digo que isso não tem causa e não pode ser reproduzido. Reproduzir como uma cópia não tem nenhum valor – por isso, ele não pode ser reproduzido. Nenhum mestre reproduziu outro mestre como ele. Não é a minha

opinião; Buda não deixou outro Buda, nenhum mestre reproduziu outro mestre como ele. Enquanto talvez ele tenha 'seguidores', ele tem algo que não pode ser reproduzido porque a Natureza não usa nada como um modelo para reproduzir outro.

Tudo o que você está fazendo para se purificar não tem nenhum sentido porque esse papo purificador não irá te ajudar de nenhum modo. Isso pode te fazer um santo, mas isso não pode tocar a outra coisa. Esse tipo de coisa pode tomar lugar apenas em espécies degeneradas (os biólogos dizem isso). Isso irá criar algo único que não foi reproduzido antes – isso é uma excentricidade biológica. Então, toda a moralidade e toda a prática disso e daquilo não tem significado. Por isso os profetas Upanishádicos nunca falaram sobre moralidade ou sadhana; considerando que os santos o enfatizaram porque são imitadores de segunda classe. Esse tipo de coisa, se tem que acontecer, irá acontecer apesar dessas coisas e eu mantenho isso fixado geneticamente; apenas um homem desses faz esse tipo de coisa acontecer.

Q: Você quer dizer que é desnecessário para qualquer um aspirar?

UG: A aspiração é parte da sua consciência. Ela precisa acabar; não há nada que você possa fazer para parar isso. Em outras palavras, você não pode, mas faz sadhana, e desse modo você está condenado. Mesmo se você se desprender do sadhana, como o segredo de JK, está cômico de que não tem escolha. Você começa a praticar esses segredos, o mesmo nonsense – as pala-

vras são diferentes, mas o jogo é o mesmo. Mas, em algum lugar ao longo do caminho, a percepção de que essa não é a coisa precisa despertar você; de outro modo, você irá continuar a ouvir e esperar que ouvi-lo fará você compreender da próxima vez. Não há oportunidade para isso. Se alguma coisa tem que acontecer, tem que ser aqui e agora.

Veja, o problema é que, quanto mais crenças você tem, mais difícil para você isso se torna porque mais uma coisa é adicionada à sua tradição. Sua tradição, que você quer preservar, ficou resistente e fortificada pela aparência de um novo homem porque você tenta colocá-lo na estrutura da sua tradição. Essa estrutura (das crenças) está interessada em proteger a tradição. Mas esse (novo homem) está interessado em quebrar a natureza cumulativa da tradição – não em manter a tradição, mas em quebrá-la. Uma certa pessoa pode quebrar isso e você faz disso parte dessa sabedoria acumulada – por isso se torna mais difícil. Até mesmo a declaração revolucionária daquele indivíduo em particular que alcançou essa ruptura já se tornou parte da sua tradição: sua própria audição destruiu a natureza revolucionária dessa ruptura e a tornou parte do seu conhecimento e tradição porque você é a tradição. O mecanismo da audição que opera em você é a tradição – é a resistência e fortificação em si através do processo de ouvir. Por isso digo que o que sai da minha boca não é diferente do latido dos cachorros, o uivo dos chacais ou o barulho dos gatos.

No momento em que isso foi aceito – o que sai de mim – foi criada a necessidade para que outra pessoa

venha e exploda. Por isso falo que a própria expressão disso criou a necessidade de algo novo acontecer – isso é a sua natureza. Esse é o objetivo (se há algum objetivo); não criar um seguidor, mas criar algo novo. Algo novo o salva do peso do passado. O momento que dá expressão a isso é velho.

Por que ser como esse homem? Segurar a tocha de uma pessoa para a outra e manter essa estrutura hierárquica – para quê? Seguir outro é uma qualidade animal. O homem não pode se tornar homem enquanto seguir alguém. O que é responsável pelo homem se parecer com um animal é essa cultura – o maior cão seguindo outros – e de nenhum modo isso te ajudou. Você quer ser uma imitação barata de Sankara ou Buda; você não quer ser você mesmo. Para quê? Eu digo a você que você é, de longe, mais único e extraordinário do que todos esses santos e salvadores da humanidade juntos. Por quê você quer ser uma imitação barata desse sujeito? Esse é um dos mitos. Esqueça-o. Sankara está morto há séculos. Você tem potencial. A primeira coisa é jogar fora Sankara. Logicamente, se você usa os ensinamentos de Sankara como um meio de ganhar o seu sustento, é outra coisa.

Agora suponha que você esteja 'lá' (vamos colocar isso desse modo). Você não irá dizer para si e outros que você é um homem livre, você não irá tentar libertar ninguém; isso apenas estará lá, como uma flor (eu não quero usar a palavra; ela tem traços místicos). A flor no amontoado de esterco tem uma beleza própria – as outras flores não podem ser comparadas a ela. Ela irá morrer um dia – mas isso não importa.

* * *

Não há nada que você possa fazer. Essa declaração não tem significado para você porque você está fazendo algo todo o tempo. Você precisa fazer uma coisa ou outra. Então, essa declaração não tem significado e nenhuma relevância para você. A descrição desse estado é uma coisa muito perigosa porque você tenta relatar isso com a maneira que você está funcionando. Para quê? Porque você quer mudar, aperfeiçoar, modificar isso ou fazer algo em relação ao que estou dizendo. Por quê você quer mudar? O quê é isso? Você pode encontrar isso? Você pode localizar isso e dizer: "Essa é a coisa que eu quero transformar e mudar. Está aqui onde quero fazer florescer uma mutação?". Como? O quê é isso? Você pode ver isso? Você pode descobrir isso? Você não pode. *(Pausa)*

O que quer que você queira, você pode conseguir - o que você quiser - qualquer experiência que você queira, você pode vivenciá-la. Se você não sabe, há sempre alguém que pode te ajudar - em algum lugar - e você precisa descobrir. Tudo o que você quiser, você pode vivenciar. Mas o que quer que você vivencie é inútil - não é isso - porque isso é uma coisa que não pode ser vivenciada; não é uma experiência.

Iluminação (se há algo como a iluminação) de nenhum modo é uma experiência. Então, isso desperta em você - essa realização (se você quer colocar isso desse modo) de que não há nada para se realizar. Autoconhecimento ou auto-realização é constatar por e para você que não há um self para constatar - isso será um florescer que estilhaça.

Q: Quem?

UG: Aquele que o possui. Por isso acontece com um em um milhão, um em um bilhão – não por causa do que ele faz ou deixa de fazer – todo o fazer é a sua barreira.

* * *

Ao menos que você esteja 'lá' você de nenhum modo pode entender a insignificância dela (da busca). Quando você está 'lá', você vê que a única busca é o self, a única coisa da qual você quer se libertar. Não há um 'você' independente da busca (isto é seu sadhana para alcançar uma meta) – isso você não entende. É a meta que você colocou diante de si que criou o 'você'. Se a meta desaparecer, se você a remover para longe, você substitui uma com a outra. Você não pode ficar sem ilusão; você substitui uma ilusão com outra. Se a ilusão desaparecer, você também desaparece.

Se você aceitar essa meta está tudo certo para mim, mas eu digo que a meta em si é falsa. Você diz que isso é o que você quer conquistar, então todo esse sadhana é necessário. Eu sustento que não há nada para ser conquistado, nada para ser realizado, nada para ser alcançado. Então, tudo o que você faz para alcançar a sua meta não tem sentido. Eu não entendi isso quando fiz todo esse sadhana. Quanto mais cedo isso é despertado em você, melhor para você. Se essas coisas produzem algumas experiências, será muito difícil para você transcender sua própria experiência. Em algum lugar ao longo do caminho isso é compelido a despertar em você – você sabe que isso não está te levando a nada.

Mas a esperança te mantém – a esperança que um dia, através da mesma coisa, você irá provavelmente atingir a sua meta – porque esse instrumento (isto é, o pensamento) nasce fora do tempo, nasce da causa e efeito e não pode conceber nada exceto em termos do tempo. Então, se o tempo não existe, não há nada para acontecer – sem falar no futuro – porque é o tempo que criou a necessidade do infinito. ‘Tempo’ significa ‘futuro’. Se esse tempo é cortado, não é como se o que você espera acontecer acontecesse agora. Não há nada para acontecer. O tempo se queima quando cessa o infinito.

O que quer que você queira que aconteça está nos termos do tempo. Se você assume por um momento que você já está em um estado de felicidade, você não irá querer estar nesse estado amanhã. Qualquer que seja o estado no qual você queira estar você não está nesse estado porque a meta existe, que é amanhã, não hoje. Então se ela (meta) não existe, o pensamento que pensa nos termos de algo que aconteça no tempo não existe. Infelizmente, não há nada para acontecer. O acontecer está no tempo. Quando o tempo não existe, não há acontecimento, nada para acontecer. *Atman é Brahman* – isso é exatamente o que isso significa - o *Brahman* que você quer no futuro já existe; não há nada para acontecer. Alcançar (não importa como você chame isso) está no tempo. Então, isso é compelido a ser apanhado em causa e efeito. Você quer produzir um resultado, mas isso não é um resultado, não é um acontecimento, não é uma conquista.

* * *

Qualquer coisa que você faça com isso te causará dor – por isso digo que a busca por moksha (libertação) é o *dukkha* (sofrimento) de todos os *dukkhas* (*gargalhada*). Não há um fim para isso – você irá buscar isso eternamente – e você não irá alcançá-lo. Mesmo que você consiga o que quer e vivencie a felicidade, beatitude, Deus saiba o que, há sempre mais e mais disso. Silencie sua experiência, mas você quer um silêncio permanente, você quer sempre estar em silêncio. Mas, na própria natureza das coisas, não há permanência de nenhum modo. Você nunca viveu com essas pessoas (libertadas) (eu não sei se há alguma).

* * *

É uma coisa muito simples. É tão simples que a estrutura complexa precisa disso. Não há nada que você possa fazer, logicamente; você está condenado (*risadas*). Você está condenado.

Q: Então, abandonemos isso.

UG: Abandonemos.

Q: Nós não podemos fazer um ou outro.

UG: Você não parece ser apto para fazer qualquer um.

Q: Se nós podemos abandonar isso, então, nós fizemos tudo.

UG: Então, não há nada para acontecer.

Q: Nós não estaríamos aqui se tivéssemos abandonado isso. Mas ele disse: “Você não conseguirá nada vindo aqui”.

UG: Você pode ficar com esse homem toda a sua vida – nada irá acontecer.

Q: Nós não tínhamos percebido que nada podemos fazer...

UG: Você não pode dizer: “Não há nada que eu possa fazer”. Veja, no momento que você chega a esse ponto “não há nada que eu possa fazer sobre isso”, então, você não precisa fazer nada, nem abandonar ou... Nenhuma ação externa pode ter qualquer serventia.

Q: Nem ações internas?

UG: Então, não há interno aqui, nem externo – o interno está sempre relacionado com o externo, entende?

Então você nem ao menos completa a sentença: “Não há nada que eu possa fazer sobre isso”; mesmo antes de completar essa sentença: “Não há nada que eu possa fazer sobre isso” (*estala seus dedos*) o truque foi feito. O aparato de disparo é parte de você – ele existe.

* * *

Q: Eu tenho talvez uma questão tola a fazer. Você pratica meditação?

UG: Nada – nenhum tipo de meditação. O que há para ser meditado? Eu descobri todas essas coisas antes – os mantras, as meditações, o que a meditação faz. Eu não pratiquei, logicamente, Meditação Transcendental ou qualquer coisa do tipo; mas algumas meditações. Então, isso eu descobri por mim mesmo: a meditação é uma atividade centrada no *self*. Ela fortifica o próprio *self* do qual você quer se libertar. Para quê você medita? Você quer se

libertar de algo. O quê é você para meditar? Certo, o pensamento é um barulho, som. O quê é o som? Você olha para isso e diz: “Isso é um gravador de fita”, então, o pensamento é som. Há um fluxo contínuo de pensamentos e você lixa todos esses pensamentos todo o tempo e esse é o barulho que você não pode suportar. Por quê você não pode suportar esse barulho? Então, ao repetir mantras, você cria um barulho mais alto, cobre o barulho do pensamento e, então, fica em paz consigo mesmo. Você pensa que algo maravilhoso acontece com você, mas toda meditação é uma atividade centrada no self.

Eu não falo de um estado meditativo. Isso é da alçada de Krishnamurti – ele fala sobre estado meditativo: “Não é isso; não é aquilo”. Tudo bem se isso é um estado meditativo. No quê estou meditando? Estou meditando nisso (indica algum objeto) nesse momento – olhando para isso. O reflexo disso existe. Algo se move – movimento – e a vida é movimento. Todo o tempo alguma coisa ou outra está acontecendo – todo o tempo – e o movimento lá é o movimento cá. Não há momento quando alguma coisa ou outra não acontece. Mesmo de noite, quando tudo está em silêncio por um momento, você ouve animais, como lagartixas, fazendo barulho. Você precisa escutá-los. Se não há som de nenhum tipo ao seu redor, você precisa ouvir o ‘tum-tum-tum’ do seu coração ou o fluxo do seu sangue através de suas veias, como um rio. Isso é barulho. Você pode se iludir e imaginar que isso é omkara (o som místico ‘om’). Isso não é omkara. Esse (corpo) é uma máquina. A máquina humana produz barulho, assim como o motor de um carro de corrida produz. Por quê você

precisa dizer que isso é omkara, brahmanadam e tudo isso? Isso é o barulho da máquina humana. Você irá enlouquecer se escutar o 'tum-tum-tum' do seu próprio coração. Mas isso tudo existe para ser escutado ao menos que outra coisa aconteça - alguém tussa, alguém ronque ou tenha pesadelos.

* * *

Não há nenhum momento de aborrecimento para esse homem. Por horas e horas eu posso sentar aqui e olhar o pêndulo do relógio se mover – eu não posso ficar entediado – eu realmente não sei o que é isso. O pêndulo se move e todo o meu ser é esse movimento. Por horas e horas eu posso me sentar aqui e olhar para ele. Você não está interessado nessa coisa; você está interessado em outra coisa, alguma meditação. Esse indivíduo sempre está no estado de meditação. "Onde está esse movimento?", eu gostaria de saber – é a meditação acontecendo. Não que eu esteja querendo saber no sentido usual da palavra; esse indivíduo permanece em um estado de querer saber pelo resto de sua vida. 'Fora' e 'dentro' são criados pelo pensamento. Quando não há movimento do pensamento, você não sabe se ele está dentro ou fora. É como um espelho. É um espelho vivo que reflete as coisas exatamente como elas são. Não há ninguém: eu não vejo nada; todo o meu corpo reflete coisas do modo que elas são.

O reconhecer e nomear o mecanismo reside no background exceto quando há uma necessidade dele. Essa ausência do movimento do pensamento que reconhece e nomeia coisas é o estado de samadhi, sahaja (natural)

samadhi. Você imagina que samadhi é algo que entra e sai. De nenhuma maneira; ele sempre existe. Esse homem não sabe para o que olha quer os olhos estejam abertos ou fechados.

Uma pessoa que entrou em um estado de samadhi deste modo é como um louco e uma criança em um. Doídos funcionam exatamente do mesmo modo – os pensamentos estão desconectados e as coisas deslocadas, assim como as ações também estão desconectadas e os sentimentos também estão desconectados. Mas seus pensamentos estão acompanhados de alucinações e imagens mentais e vêem algo que não existe – essa é a única diferença. Esse estado é sempre um estado que provoca espanto; ele não sabe o que cheira e, ainda assim, seus sentidos trabalham no ápice de sua capacidade, extraordinariamente sensitivos, e absorvem tudo.

* * *

Q: Por quê eu não estou no estado que você descreve?

UG: Porque há uma demanda constante da sua parte para vivenciar tudo que você olha, tudo o que você sente internamente. Constantemente, porque se você não faz isso, você chega a um fim - 'você' como você se conhece, 'você' como você se vivencia, chega a um fim – e você não quer que isso chegue a um fim; você quer a continuidade. Então, todas as buscas espirituais buscam fortificar essa continuidade. É uma atividade centrada em si. Através dessa atividade que se centra em si mesma, como você pode se libertar das atividades do self? (eu uso a palavra 'self' com marca de citação). Então, todas as suas experiênci-

as, todas as suas meditações, todo o seu sadhana, tudo o que você faz é uma atividade centrada em si mesma – ela fortifica o self, adiciona momentum, reúne momentum. Então, isso te leva para a direção oposta. O que quer que você faça para se libertar do self também é uma atividade centrada em si. Você não pode dividir essas coisas em duas; o processo que você adota para alcançar o que você chama de ‘essência’ também é um processo de transformação. Eu não sei se fui claro. Então, não há algo como essência e transformação. Você está sempre nesse processo de transformação, não importa como você queira chamá-lo. Se você quer ser você mesmo, e não outra pessoa, isso também é um processo de transformação. Não há nada a fazer com relação a isso. Qualquer coisa que você faça para se colocar nesse estado essencial é um processo de transformação – isso é tudo que aponto.

Q: Isso nunca poderá levar ao processo da essência?

UG: Não, qualquer coisa que você faça, qualquer movimento em qualquer direção e em qualquer nível é uma atividade centrada em si. É uma coisa muito engenhosa – sobreviveu por séculos – e conhece todos os truques do mundo.

Q: Como essa ilusão de uma entidade chamada de ‘self’ pode ter se sustentado conosco por todo esse milênio, a despeito de todas essas pessoas que alcançaram o que quer que seja isso, realização e tudo o mais?

UG: Como? (*risadas*). Isso existe. Todas as vezes que você faz algo, quer seja uma boa ou má ação, você fortifica

isso. Veja, todos funcionamos nessa 'esfera do pensamento', se posso usar essa palavra. O que você seleciona dessa 'esfera do pensamento' é o seu background particular, a sua cultura. Então, isso é como uma antena. A 'antena' é o produto da cultura. Você seleciona pensamentos que são benéficos para que você proteja o pensamento. O pensamento é um mecanismo protecionista. O quê é isso que ele protege? Ele está se protegendo. Ele fará todo o possível para impedir que se rompa. Então, mesmo que você insira as chamadas buscas espirituais, isso é apenas uma fortificação disso – não está na direção oposta. Então, você está no caminho errado. Não há um caminho positivo nem negativo. O tão chamado caminho negativo também é um caminho positivo. Qualquer caminho, todos os caminhos, quer você os chame de 'negativo', 'positivo' ou o que seja, são caminhos. Então, não há caminho: não há nada que você possa fazer.

* * *

Você adotou o caminho negativo porque seus caminhos positivos provaram ser muitos frustrantes. Você sente que há uma distinção entre os dois, mas mesmo o que você chama de 'caminho negativo' é um caminho positivo – você transforma isso em um caminho certo – porque o objetivo que você quer alcançar é um objetivo positivo. Você quer conseguir algo, você quer concluir algo, alcançar Deus sabe o que, o estado de 'não saber', através de um caminho negativo.

O caminho negativo precisa se negar por si. Isso não é um caminho negativo com um objetivo positivo, que

tem a idéia de chegar a alguma conclusão. Eu sempre nego o que digo. Eu faço uma declaração, mas essa declaração não expressa tudo o que é dito. Então, eu a nego. Você diz que me caio em contradição. Mas de nenhum modo eu sou contraditório. Eu nego a primeira declaração, a segunda declaração e todas as outras declarações – isso soa muito contraditório algumas vezes. Eu estou negando todo o tempo, não com a idéia de chegar a qualquer ponto; apenas nego. A minha conversa não tem objetivos. Eu apenas indico a situação básica que faz com que você não possa entender o que estou falando. Não é possível que você me ouça sem me interpretar. Eu estou o tempo todo tentando liquidar o ponto de referência. Quando o ponto de referência está ausente, não há necessidade de me entender, entende? - digo isso todo o tempo. Um velho camarada fala sobre a 'arte de ouvir', o 'real ouvir' e você pensa que existe uma maneira de ouvir, uma arte de ouvir. De nenhum modo há algo parecido com isso. Você nem ao menos sabe do que estou falando.

* * *

Você não está em uma posição de aceitar ou rejeitar o que digo. Você aceita uma declaração porque ela se encaixa no seu ponto de referência e nas suas suposições como 'auto-realização', 'a realização em Deus', etc. O ponto de referência é você. Não há nada além do ponto de referência – isso é você. Se o ponto de referência desaparece, você também desaparece com ele – é o seu fim.

* * *

Então, há outro modo de ouvir? Há um modo de ouvir totalmente independente das palavras, mas ele não está no nível da consciência (isso não significa que é inconsciente – devo deixar isso muito claro). Isso é uma resposta física pura e simples ao som: o som coloca o tímpano em movimento. Então, ele é apenas uma vibração – você realmente não sabe o que ele está falando. É um fenômeno fisiológico. Então, o expresse apenas em termos fisiológicos. Não em termos psicológicos, religiosos ou espirituais porque é muito importante expressar esse estado em termos fisiológicos e psicológicos puros e simples.

* * *

Se você voltar a fita no qual essa conversa está sendo gravada, ela não fará sentido para mim. Ontem eu ouvi uma fita na qual eu falava em Bangalore – “O que esse sujeito diz? Tudo isso é uma tagarelice sem sentido. Eu não ouviria esse camarada”. Essa fita é uma coisa morta. Podem ser as minhas palavras, mas elas não têm sentido para mim. Esqueça isso! Queime isso! Jogue isso fora! Isso é apenas uma máquina respondendo ao estímulo das suas perguntas. Você criou o problema das ‘respostas’; eu não estou envolvido nele. Eu não tenho nenhum compromisso com a consistência, eu não tenho um ponto

de vista para colocar em evidência, nenhuma tese para expor; eu apenas respondo ao seu estímulo.

* * *

Quando você faz uma pergunta, ela é imediatamente assimilada. Eu nem ao menos decodifico; antes mesmo de você fazer a pergunta, a resposta existe. Você pode fazer isso; não é nada incomum. Se você não está preocupado com qualquer coisa, é uma coisa fácil. Não é leitura de pensamento; é apenas uma câmara com eco: o que acontece nela também acontece aqui. Você não pode fazer isso; você quer decodificar cada pensamento, traduzir tudo.

* * *

O que digo não pode ser vivenciado por você exceto através da ajuda do pensamento. Em outras palavras, contanto que o movimento do pensamento exista, não é possível que você entenda o que digo. Quando isso não existe, não há necessidade de você entender. Nesse sentido, não há nada para entender.

* * *

A vida é um movimento unitário, não dois movimentos diferentes. Ela está se movendo, é um fluxo contínuo, mas você não pode olhar esse fluxo e dizer: "Isso é um fluxo". Então, por que eu digo que isso é um fluxo? Eu uso essas palavras apenas para te dar uma sensação disso. Mas se você traduzir essas palavras nos termos dos seus conceitos e abstrações, você está perdido. Realmente, você

não sabe nada sobre o que está sendo dito, você de nenhum modo entende isso – então, se você percebe isso, o que acontece? Não há mais o movimento do pensamento (tentar entender significa que há um movimento do pensamento). Você realmente não sabe nada sobre o que esse camarada fala. Então, o que acontece dentro de você é que você apenas repete essas frases, frase por frase, palavra por palavra, sem as traduzir, sem as interpretar nos termos dos seus conceitos – sua conversa é apenas barulho; você é uma câmara de eco – isso é tudo o que acontece. Você não existe (quando o ‘você’ existe, você traduz). Isso é apenas funcionamento fisiológico puro e simples do organismo. Porque há vida, há uma resposta. A resposta e o estímulo não são dois movimentos diferentes: você não pode separar a resposta do estímulo (no momento que você separa a resposta do estímulo, há uma divisão, uma consciência divisível entra em operação). Então, isso é um movimento.

* * *

Pensamento e vida são, juntos, um movimento confluyente, mas parece haver um movimento do pensamento, paralelo ao movimento da vida que acontece todo o tempo em você. Parece haver; de outro modo, não haveria necessidade de sentarmos e falarmos sobre isso – me ouvir, ou tentar me entender, não existiria. Se não houvesse continuidade do pensamento em você, essa situação que criamos por nós mesmos nesse quarto não iria mais existir. Você não iria querer ouvir nenhum camarada descrever como ele funciona – por quê você deveria? Se ele

funciona desse modo, tudo bem, extraordinário. Por quê você está interessado nisso? Por quê você estabelece qualquer relacionamento?

Contanto que você me ouça, você está perdido. Você me ouve porque você quer entender o que falo. Não que isso seja algo abstrato ou difícil; mas o seu entendimento se dá através desse instrumento (o mecanismo do pensamento) e ele não é o instrumento (para entender isso). Você chama o instrumento refinado e sensitivo de 'intuição', mas não há outro instrumento. Se ele não é o instrumento e não há outro instrumento, a conclusão lógica para essa declaração é: há algo para se entender? Não há nada para se entender.

De alguma forma, esse entendimento existe. Eu não sei como ele surge – por isso eu não posso te guiar até ele – e ele não tem causa. Você está interessado em descobrir a causa porque você quer que isso aconteça em você; de outra forma, você não estaria interessado na causa.

Então, não é uma questão de me entender; não é possível me entender. Apenas não é possível me entender. Apenas não é possível entender. A única coisa que você pode entender é o que está dentro da estrutura e o que está relacionado àquele ponto de referência. Você pensa que quanto mais você ouve, mais as coisas se tornam clara para você; mas a claridade do pensamento está tornando mais difícil que você entenda o que falo. Então, você volta ano após ano e pensa que as coisas estão se tornando mais claras para você; mas, na verdade, você destrói a possibilidade de você entender qualquer coisa.

Não há nada para entender – esse entendimento, de alguma forma, existe e, como ele surgiu, ninguém sabe e não há nenhum modo de fazer você ver isso. E você pergunta: “Por quê você fala?”. Você vem aqui.

* * *

Contanto que você pense que pode ver claramente, eu digo que você não viu nada. Jiddu Krishnamurti diz: “Ver é o fim”. Se você diz que viu, você não viu porque ver é o fim da estrutura que diz isso. Não há visão que você possa conhecer. Em outras palavras, não há como ver. Contanto que você pense que pode entender mais isso, ver o mundo ao seu redor mais claramente, eu digo que você não verá e não entenderá nada. Essa conversa não irá te levar a lugar algum. Meu único interesse é acabar com tudo isso.

* * *

A diferença entre você e eu é que você está tentando entender. A ausência do que acontece lá é o que está aqui. A discussão apenas adiciona confusão – ela é completamente inútil. Eu apenas posso apontar o obstáculo e isso é tudo.

Q: É algum tipo de preparação?

UG: Não é. Eu repito incessantemente: “Indagação é inútil”, mas você quer aplicar as técnicas que você aprendeu na vida a isso. Você diz: “Buda sentou sob uma árvore e disse que não iria se mover”. Ele fez tudo e descobriu que nada poderia ajudá-lo. Ele sabia que nada poderia ajudá-

lo e, provavelmente, algo aconteceu a partir de então. Você argumenta: “Ele fez isso. Então, porque não posso seguir o mesmo caminho?”, mas, para você, é totalmente diferente; você não está naquela posição; você ainda espera que algo vá acontecer. O ponto é que não há nada para entender.

* * *

Q: Quando você diz “Não sei de nada”, isso não implica que você saiba?

UG: Veja, não é que eu saiba que estou em um estado de não saber; a declaração “Eu não sei de nada” é uma expressão desse estado. Que fique claro. Não é que eu diga para mim mesmo que não sei para o que olho; esse estado faz florescer a expressão “Eu não sei” – essa é a expressão, a descrição do estado por si. Não que haja alguém que fale “Eu não sei”; o estado por si diz: “Eu realmente não sei nada sobre isso”. Isso é assim.

Q: “Isso é assim” soa como uma declaração dogmática.

UG: Quando toda as tentativas e esforço da sua parte fracassam em se enquadrar no que está sendo dito em uma estrutura lógica, em uma estrutura racional, eu tenho que dizer que de nenhum modo você pode entender sobre o que é isso; isso está além da lógica, além da racionalidade, isso é assim. Você tem que aceitar ou rejeitar a declaração que eu não sei nada sobre isso. Não é uma declaração positiva. Você nunca poderá vivenciá-la. Não tente! Isso não irá te ajudar de nenhum modo. Isso é assim. Não há dois caminhos para entender isso. Não

que eu esteja sendo dogmático. Não é uma declaração dogmática. Eu realmente não sei nada. Isso é assim porque você, a estrutura que tenta entender, não irá entender – nesse sentido, isso é assim. Isso é assim: eu não posso entender nada sobre isso. Isso é assim; deve ser assim em outro lugar. Isso não é assim porque você ainda tenta entender, vivenciar algo que você nunca poderá entender.

Há uma dificuldade de entendimento aqui (nós estamos usando o inglês coloquial. Eles (os sábios Upanishádicos?) falaram em um tempo que as palavras tinham significados completamente diferentes – não havia gravadores de fitas, nenhum taquígrafo; seus alunos ouviam e passavam isso adiante). Por isso digo constantemente: “O quê é o meu ensinamento? Me diga, por favor”. Eu não sei nada sobre os meus ensinamentos. Eu não sei nada sobre o meu estado – não que eu possa; eu sei que não posso – existe uma limitação. Isso tem a sua própria limitação e isso entendeu sua limitação. Isso de nenhum modo pode vivenciar isso – é tudo o que digo. Desde que eu não saiba nada sobre o meu estado eu não posso fazer nenhuma declaração, quer positiva ou negativa, porque ambas as declarações, positiva e negativa, estão dentro do campo do pensamento. Mas você fala um monte de coisas sobre o meu estado: você parece saber muito mais sobre o meu estado do que eu. Como você pode dizer algo sobre o meu estado? Você não está dizendo nada sobre o meu estado; tudo isso é uma interpretação do que digo. Veja, o seu ouvir é uma interpretação. Você não pode ouvir o que digo. Se você está nesse estado onde há apenas um eco do que digo, que repete as pala-

vras sem entendê-las, você realmente não sabe o que esse camarada fala e você nem ao menos tenta entender. Se houvesse qualquer ouvir, tudo o que você diz estaria ausente – por isso eu digo que você não ouve.

Eu digo a você o simples fato que de nenhum modo você pode me ouvir. Você me ouvir ou não ouvir não é o objetivo; de nenhum modo você pode ouvir o que digo. O que quer que você compreenda do seu ouvir é o seu próprio ouvir, não o que digo. Você não sabe o que digo. Eu não sei (*gargalhada*). Eu não digo nada sobre isso; a única coisa que digo é que você não ouve porque você não pode ouvir. Você não pode ouvir, então, não tente! – é tudo o que digo.

* * *

O que digo não é lógico. Se isso tem lógica, tem uma lógica própria – eu não sei nada sobre ela. Mas necessariamente você tem que me encaixar na estrutura lógica do seu pensamento; de outro modo, a estrutura lógica, a coisa racional, chega a um fim. Veja, você precisa racionalizar – isso é o que você é. Mas isso não tem nada a ver com racionalidade, não tem nada a ver com a sua lógica – isso não significa que isso é ilógico ou irracional.

* * *

O que você quer entender? Não há nada para entender – esse é o entendimento do qual falo. Se você entende sobre o que é isso, o que digo, você já está lá. Isso será algo novo, algo totalmente novo. Você dará

expressão a isso de um modo totalmente novo. Você não irá repetir o que Buda disse, o que Jesus disse, o que JK disse ou o que algum outro Krishnamurti disse. Isso será novo e irá se expressar de um modo totalmente diferente. Como isso irá se expressar, eu não sei, você não sabe, ninguém sabe. Se outros me encaixam em suas estruturas, é problema deles; nós não temos nenhum interesse fixo nisso.

Você provavelmente irá me encaixar em alguma estrutura que esse fulano disse isso antes – esse é o meu infortúnio onde quer que eu vá. As pessoas de Krishnamurti vêm, as pessoas de Ramana Maharshi vêm, outra vêm e dizem: “Você diz a mesma coisa!”. Como diabos você sabe que digo a mesma coisa? Você sabe de algo que ele fala? Primeiro de tudo, você deve saber do que ele está falando, o que há por trás disso e, então, você pode comparar o que digo com o que ele diz. Eu não digo nenhuma dessas coisas.

Eu não me comparo com ninguém. Por quê me comparar com sábios, santos e salvadores? Seria a maior tragédia da minha vida, não seria? De nenhum modo eu me comparo. O que digo não é a mesma coisa que disseram antes. Não é. Como eu sei? Veja, você tenta me encaixar naquela estrutura. Você necessariamente precisa fazer isso. Se você não fizer isso, você chega a um fim – é uma circunstância perigosa. Então, você tem que me rejeitar totalmente, dizendo “Ele fala coisas *nonsense*, lixo, bobearas!”, ou você precisa me enquadrar no seu background particular ou na estrutura de outra pessoa e dizer: “Ele diz a mesma coisa” - de outro modo, s deuses

de estanho que você criou a partir dos ensinamentos de alguém irão entrar em colapso. Você precisa necessariamente fazer isso – ou um ou outro.

* * *

Q: Senhor, qual é a sua mensagem?

UG: É totalmente simples. Você não irá conseguir nada. Você está perdendo o seu tempo. Pegue suas coisas e vá! Essa é a minha mensagem. Eu não tenho nada para dar; você não tem nada para adquirir. Se você continuar sentado aqui, você irá perder o seu tempo. A única coisa que você tem que fazer é levantar e ir. Se você ainda pensa que eu posso te dar algo, você terá que continuar sentado aí até morrer. Eu não tenho nada para dar. Não há nada para ser dado.

* * *

Eu não estou no 'negócio sagrado'. Não quero nada. Não tenho nada para dar. Então, não há quebra de contrato. Nada – eu não quero nada. Você pode pensar que eu falo para a minha auto-satisfação – se eu o fizesse, isso seria a minha tragédia, a minha miséria – então, você está fora; você não está interessado em se envolver na minha tragédia.

* * *

Q: Você está aqui para *lokasangraha* (elevar o mundo espiritualmente?).

UG: Eu não estou aqui para *lokasangraha*; eu não dou a mínima para você; eu sei que você está condenado. Se

você pensa que algo está para acontecer e sentar aqui dia após dia, semana após semana, ano após ano, esperando até o além, mesmo se o além não chegar, eu não me importo. Vá aonde quer e faça o que quiser! Eu digo claramente a você, em voz alta e por meio de uma linguagem clara e inconfundível, que não há nada para ser comunicado agora ou em qualquer hora. Eu estou realmente surpreso – apesar da declaração positiva, você continua aqui. É o seu funeral. Você está perseguindo algo que não existe. Não há nada para ser transformado, nada para ser mudado, nada para ser entendido. Contanto que você queira ser como eu, você irá continuar o que é e fazer as mesmas perguntas. Você irá conseguir a mesma resposta – e a única resposta para todas as perguntas é: “Pare de fazer perguntas!”.

Q: Como você acha que as pessoas deveriam ser?

UG: De nenhum modo elas podem ser diferentes do que são. Um assassino irá permanecer um assassino – claro que ele tem que pagar o preço. Você tem um assassino fora da lei e ele ainda está em alta. Eu vejo um assassino à sua espreita. Se você não pode conseguir o que quer e alguém fica no caminho do que você quer, e você quer isso ardentemente, então você não irá hesitar em remover essa pessoa através de qualquer meio – isso é tudo. Toda a sua conversa sobre cultura não significa nada para mim. Toda a cultura está construída sobre a fundação de matar e ser morto – eles até ensinam isso nas universidades. Eu não estou com medo de você. Você pode me matar – é um privilégio seu.

Você não pode ser outro além do que você é. O que quer que você tente fazer para mudar, você não será bem sucedido. Pare de fugir de si mesmo! Qual é a vantagem de dizer isso? Não há utilidade em te dizer isso porque você não irá parar. Eu digo para você parar. Você não tem certeza: "Talvez haja algo que possa ser feito". Eu estou certo de que você não tem liberdade de ação. Nesse sentido, eu dou um passo além e digo que você é controlado geneticamente. Naturalmente, você dirá que essa declaração é uma teoria. Você tem a esperança de que pode fazer algo. Há muitas pessoas no 'negócio sagrado' que asseguram que você pode fazer algo, então você irá – simples assim. Minha certeza permanece. Você a chama de 'teoria'. Tudo bem, você pode ir e tentar a sorte. No final, você irá descobrir por si e por você mesmo: "Esse camarada está certo!". Eu irei cantar a minha canção e ir.

Do meu lado isso é muito claro. Há tantas pessoas que disseram que podem te ajudar – iria te fazer bem ir e tentar a sua sorte. Mas eu quero adicionar esse aviso de estatuto (como o que você encontra em maços de cigarros): você não irá conseguir nada de ninguém porque não há nada para se conseguir. Por isso eu digo que, desde que não haja algo como a iluminação, de nenhum modo a questão se X ou Y é iluminado ou não surge. Você todos são pessoas de mesma opinião que estão atrás de coisas como essas e isso é tudo. Essa é a sua projeção, sua concepção sobre essas pessoas e isso é tudo o que digo. Pode não haver nada mais do que você projetou.

* * *

Q: Uma pessoa que esteja no estado natural é compassiva?

UG: Essa é a sua projeção; elas são insensíveis, indiferentes, desinteressadas. 'Compaixão' é um dos recursos publicitários do 'negócio sagrado', conversa com o único objetivo de vender. Você pensa que esse indivíduo é consciente e que ele é cheio de compaixão? Se ele é, isso não é compaixão. Você está dando nomes. Como isso opera? Diga-me. Que tipo de compaixão você vê nele? É pela sua presunção que eu sou compassivo.

Isso não é uma coisa para ser falada e louvada. Se você começa uma organização, noventa por cento do que é coletado será usado pela administração. Há tantas organizações na América – todas as mulheres ricas da sociedade vão, coletam fundos e noventa por cento dos fundos são usados na administração dessa organização. Isso é tudo o que você pode fazer; você não irá mudar o mundo. Você não foi chamado para mudar esse mundo.

* * *

Eu não estou interessado em mudar a sociedade. O que digo não tem absolutamente nenhum conteúdo. O que está errado no mundo? Por quê você quer mudar o mundo? É um mundo extraordinariamente bonito! Você quer mudar esse mundo para que você possa viver em um mundo com as suas próprias idéias. O problema real é que você quer mudar a si mesmo e você irá descobrir que isso é impossível e, então, você quer mudar o mundo para que possa encaixá-lo no seu próprio modelo.

* * *

Q: Não há conteúdo social? Eles falam sobre lokasangraha. Eles querem dizer que a presença de um homem realizado purifica, dá vibrações puras e a atmosfera é limpa.

UG: Houve isso? Realmente houve? Mais sangue foi derramado em nome do homem que falou sobre amar o próximo como a si mesmo do que em todas as guerras recentes juntas. Você chama isso de 'conteúdo social'? Todos eles estão lutando, disputando. Como pode haver algum conteúdo social? Você quer ser um homem bom, um homem simpático, um homem inocente e todas essas coisas; você quer ser algo diferente – sempre amanhã ou no dia seguinte – mas, mesmo assim, você irá dizer exatamente a mesma coisa – a vida após a morte. Isso é o que todos os mestres prometem a você (e eles apenas prometem a você) – a vida após a morte. Até lá, ele está ocupado, ele está seguro. Se ele diz que não há nada, você o deixa. Por isso, eu não preciso me incomodar: você irá embora de qualquer modo porque o que o traz aqui certamente te levará a algum outro lugar. Você está interessado em conseguir algo. Você não irá conseguir isso. Há algum tipo de falsa esperança ou promessa. Eu não dou falsas esperanças e não faço promessas. Mas eles criaram alguma esperança, então você continua – como se estivesse montado em um tigre, você não pode sair.

Não há uma jornada. Ambos estão brincando consigo mesmos – aqueles que levam ou pretendem levá-lo em uma jornada e aqueles que tentam. Você não pode caminhar comigo. Como você pode caminhar comigo?

Você está tão assustado com os espinhos e as pedras que quer um guia treinado. Eu não conheço o terreno. Você nunca ouviu falar do provérbio que avisa você para nunca caminhar com um homem que tem sandálias porque ele sempre anda em espinhos? Você se meterá em confusão. Eu não conheço o terreno; apenas vou.

* * *

Você pode falar de tantas coisas – como verdades familiares: “Seja bom. Seja sábio”. Mas isso de nenhum modo tem conteúdo social: isso não pode ser usado para mudar o mundo, reformar o mundo, criar um novo homem, um novo mundo – tudo isso é lengalenga. Talvez algumas pessoas façam isso apenas para ajudar outras pessoas – isso está certo – faça algo – se isso der certo, deu. Mas sugerir algo como isso, sabendo muito bem que não irá funcionar, não está certo – “Vamos dar a eles alguns brinquedos novos para brincar. Todas as coisas tradicionais fracassaram, então, aqui estão novos brinquedos, especialmente importados do Japão” (ou Deus sabe de onde). O quê você faz? Você não está fazendo nada; você está repetindo frases novas, palavras novas, idiomas novos – é tudo o que você faz.

* * *

Você não aceita o fato de que tudo isso contamina a consciência. O que quer que você considere sagrado, o que quer que você considere extraordinário – a Consciência de Buda, a Consciência de Cristo, a Consciência de Krishna –contamina essa consciência. Isso precisa se puri-

ficar: tudo isso, todo esse refugio – tudo o que é sagrado, tudo o que é divino – deve acabar. Quando isso tiver desaparecido, você é você mesmo. De outro modo, há dependência: você vivencia algo extraordinário e começa uma organização, a Consciência de Krishna ou alguma outra. Essas organizações coletam vinte milhões de dólares e publicam livros. Assim, elas podem transmitir, fazer outras experiências, essas coisas tolas.

* * *

Q: Há alguma diferença entre ir à igreja e vir aqui?

UG: Basicamente, a motivação é a mesma: você busca um novo mestre, uma nova Bíblia, uma nova ordem, uma nova Igreja – isso é tudo o que você pode fazer. Basicamente, ainda é a mesma coisa; você não moveu um passo da Igreja Católica. Se religiosidade é tudo no que você está interessado, não há necessidade de procurar em nenhum outro lugar diferente do Cristianismo. As declarações profundas dos grandes mestres de nenhum modo são diferentes em religiões diferentes. Tudo o que digo é que procurar por regiões alienígenas ou religiões não significa nada. Você aprende novas técnicas, sistemas e frases e, então, começa a pensar e falar nos termos dessa nova linguagem e, provavelmente, você se sentirá bem. Mas, basicamente, isso não significa nada.

Q: Você destruiu todos os meus jovens sonhos.

UG: Não, não, você não pode ter certeza; eles ainda existem. Há um emplastro muito poderoso – se há uma pequena rachadura na sua estrutura, você irá camuflá-la.

Ele é muito poderoso – tem milhões e milhões de anos de momentum. Ele conhece todos os truques – pode inventar qualquer truque para ganhar momentum. É a sua natureza. Não há nada que você possa fazer com relação a isso. Você pode discutir isso por quarenta anos, mas eu prometo a você que você não irá chegar a lugar algum. Se alguém faz você acreditar que pode chegar em algum lugar, ele o está levando para passear. Ele pode ser honesto. Desconfie de todos os sujeitos honestos! Jogue-os fora! Não há ninguém que seja honesto nesse campo. Nenhuma ação externa pode te ajudar.

* * *

Q: Você descarta totalmente os ensinamentos dos swamis (homens sagrados)?

UG: Eu não descarto; te digo: “Vá a um swami e ele te dará algo. O que você quiser, ele te dará. Boa sorte!”. Isso é tudo. Eu posso te dizer que de nenhum modo você irá conseguir isso; isso não é algo que você possa conseguir. Eu desejo a você a maior sorte. Eu conheço muito bem que isso não é algo que você ou outra pessoa pode conseguir ou que alguém possa dar. Eu não posso dar isso. Se há alguém que promete, ele apenas promete e ele irá te levar para um longo passeio. Ele apenas brinca com você. Ele não pode entregar os bens e então dizer: “Próxima vida” ou “Daqui a dez anos” – ele está seguro.

Q: O quê você pede para fazermos? O que deveríamos fazer?

UG: Eu não estou pedindo que façam nada. O meu pro-

blema é que eu realmente não sei onde você está – eu não posso te ajudar nesse caso – você precisa me dizer. Onde você está? O quê faz você pensar que é diferente de mim? Eu não sou diferente de você – eu não posso ser.

Você não pode estar interessado nisso. Como você pode estar interessado nisso? – essa é a minha pergunta. Como você pode estar interessado nesse tipo de coisa? No que você está interessado é uma coisa totalmente diferente, uma ilusão, fantasia. Você pode ceder em todos os tipos de fantasias – isso é problema seu. Se isso não é uma fantasia, você ficará interessado em outro tipo de fantasia. Como você pode estar interessado em se liquidar? – essa é a minha pergunta. Tudo o que você conhece – ‘você’ como você se conhece, ‘você’ como você se vivencia – está interessado em continuidade. Isso conhece todos os truques: você não pode tocar isso.

As pessoas fazem a pergunta – e todas as perguntas se reduzem a uma só – “Como? Como irei conseguir o que quero? Como?”. E através do ‘Como?’ essa estrutura se estabelece permanentemente e consegue a sua continuidade. ‘Como?’ Não há ‘como’. Se você está interessado em ‘como’, esses swamis irão te ajudar.

* * *

Q: As pessoas que permanecem com você por algum tempo não são, com grandes diferenças, o tipo de pessoa com as quais gosto de estar. Associar-me com você significa encorajar a falta de generosidade, frieza e presunção. Eu gosto de pessoas que são calorosas, sociáveis e afetivas.

UG: Eu não estou interessado em todo o campo da auto-

expressão, entrar em contato com os sentimentos de alguém, superar inibições, etc; eu respondo ao que as pessoas buscam ao me procurarem: coisas sobre o estado natural. Se as pessoas estão interessadas em mudanças psicológicas, a chamada expansão da consciência e tudo isso, deixe-as irem a grupos de encontros ou verem psiquiatras e se ocuparem do que chamam de 'fraude Freudiano'. No final, o seu chamado crescimento não irá trazer felicidade nem melhorar vidas sexuais (se as suas vidas sexuais puderem melhorar); na melhor das hipóteses, eles simplesmente terão aprendido a serem infelizes em um caminho novo e mais rico. Eu não estou preocupado com isso; meus interesses residem no tema no qual as pessoas vêm me ver em primeiro lugar. Meu interesse é indicar a total impossibilidade de fazer qualquer coisa para alcançar o estado natural.

De qualquer modo, as pessoas que vêm me ver não ficam muito tempo. Elas vêm algumas vezes ou ficam à toa por alguns meses. Então, ou elas voltam para as suas vidas ordinárias ou vão a algum sujeito que promete a elas o que buscam. Algumas delas se tornam devotas de Bubba Free John, o último avatar Americano. De qualquer modo, para mim está tudo bem.

Mas uma coisa que nunca irei fazer é enganá-las. Eu de nenhum modo irei sugerir que eu posso dar alguma coisa a elas. Eu nunca irei prendê-las em alguma idéia fiada falsificada sobre praticar a consciência indistinguível, o observador que é a mesma coisa que o observado e tudo isso.

Q: Então está tudo certo para você se seus seguidores são tristes e perturbados?

UG: Tudo está certo para mim. Se você tem um milhão de dólares e oito namoradas, está tudo certo para mim. Se você é solitário, desagradável, paupérrimo e está morrendo de câncer, também está tudo certo para mim. Eu sou perfeitamente feliz com tudo como é. Eu sou feliz com a miséria, pobreza e a morte; eu também sou feliz com a prosperidade e a realização psicológica. Eu penso que a solução para seus problemas reais não é, em nenhum caso, possível para você, ao menos que você se submeta a uma sorte de transformação biológica que aconteceu comigo. Não digo que eu já me considerei superior a você ou qualquer outra pessoa por causa disso; completamente o contrário: a idéia de superioridade ou inferioridade nunca nem ao menos entrou na minha cabeça por um momento. A ausência total dessa idéia é uma das características de toda essa transformação.

* * *

Q: Se você pudesse resumir o seu ensinamento em uma frase, qual seria?

UG: A frase seria: "Eu não posso te ajudar".

Q: Ainda assim, as pessoas vêm te ver, tanto aqui na Suíça como na Índia. Você deve ajudá-las de algum modo ou elas devem acreditar que você as ajuda de algum modo. De outro modo, elas não viriam.

UG: Algumas vêm por curiosidade, mas para aquelas que vêm porque desejam seriamente me entender, tudo

o que posso dizer é que não tenho nada a dizer. De nenhum modo eu posso te ajudar nem qualquer outra pessoa. Você não precisa de ajuda; pelo contrário. Você precisa ficar totalmente desamparado – e se você buscar adquirir esse desamparo através da minha ajuda, você está perdido.

Q: Você pode falar da diferença entre o seu estado e o estado existencial da maioria das pessoas?

UG: Eu acredito que seja muito insignificante; há apenas um fio de cabelo que os diferencia.

Q: Mas o seu corpo passou por mudanças biológicas.

UG: Sim, mas eu não tenho um segredo escondido em um lugar secreto. Eu não tenho nada a oferecer. Tudo que posso oferecer é a garantia de que toda indagação, como toda discussão filosófica, é inútil, que nenhum diálogo é possível e que as suas perguntas, como a de toda pessoa, não servem a um propósito. Entendimento no sentido que eu digo é o estado existencial onde as perguntas não existem mais.

Q: Você quer dizer que é um estado de não pensar?

UG: É um estado no qual o pensamento e a vida não são duas coisas, mas uma. Não é um estado intelectual; é mais parecido com um estado emocional (apesar de usar a palavra 'emocional' em um sentido diferente do qual você usa a palavra). É um estado onde não há busca. O homem sempre busca algo – dinheiro, poder, sexo, amor, experiência mística, verdade, iluminação – e é essa bus-

ca que o mantém fora do seu estado natural. E apesar de estar no estado natural, eu não posso ajudar outra pessoa porque é o meu estado natural, não o dele.

Q: Você quer dizer que, se parar de buscar, acontecerá uma mudança em mim?

UG: Sim, acontecerá. E quando eu disse: “Sim, acontecerá”, e daí? Quão boa é a minha garantia para você? De nenhum modo ela é boa – ela é completamente inútil – então, você não me ouve ou a alguém. Ouvir outra pessoa é o que você fez e fará por toda a sua vida – isso é a causa da sua infelicidade. Você é único. Não há razão para você querer ser como outro sujeito. De qualquer modo, você não pode ser como ele. Esse querer – querer ouvir, querer entender, querer ser como esse e aquele indivíduo – surgiu porque a sociedade está interessada em criar um homem perfeito; mas não há algo como um homem perfeito – esse é o nosso problema. Tudo o que podemos fazer é sermos nós mesmos e ninguém pode nos ajudar nisso. Ele pode te ensinar como esquiar ou consertar um motor de um carro, mas ele não pode ensinar nada importante para você.

Q: Nada, nem mesmo Buda ou Cristo?

UG: Por quê você se preocupa com esses sujeitos? Eles estão mortos. Você deveria arremessá-los no rio e você ainda não o fez; você continua ouvindo alguém (não faz diferença quem) e continua esperando que, de algum modo, amanhã ou no dia seguinte, ouvindo mais e mais, você irá sair do carrossel. Você ouve os seus pais e seus professores na esco-

la e eles te dizem para ser bom e obediente, não ter raiva, etc. Isso não te faz nenhum bem e você vai aprender a fazer Yoga. Logo, algum velho camarada vem e diz a você para ter consciência de que não possui escolhas. Talvez você ache alguém no 'negócio sagrado' e ele faça um milagre – ele faz aparecer alguns adornos no ar e você se rende a isso – ou talvez ele te toque e você veja alguma luz azul, uma luz verde, uma luz amarela ou Deus sabe de que cor. Então, você espera que ele te ajude a vivenciar a iluminação, mas ele não pode te ajudar. Não é algo que possa ser capturado, contido ou expresso. Eu não sei se você vê e como vê o total desamparo da situação. Se alguém pensa que pode te ajudar, ele irá inevitavelmente iludir você e, quanto menos falso ele for, mais poderoso será, mais iluminado, mais miséria e dano irá criar para você.

Q: Você tem algum interesse na questão da reencarnação?

UG: Eu estou mais interessado na pergunta: "Você nasceu?". Você pode me dizer? Você, por si mesmo, pode ter certeza de que nasceu? Você pode vivenciar o seu próprio nascimento? Você não pode. Você pode vivenciar o nascimento dos outros e a morte dos outros e pensar que algum dia você irá vivenciar a sua própria morte, mas não há garantia que você irá vivenciar sua própria morte. Sua estrutura que está interessada em entender sua própria morte e seu próprio nascimento não existirá. Então, a vida não tem começo nem fim; é um movimento sem começo ou fim e você é apenas uma expressão dele. Você é apenas uma expressão da vida, como um pássaro, uma minhoca ou uma nuvem.

Q: Mas com a diferença singular de que tenho consciência e a minhoca não.

UG: Você tem consciência de si através do pensamento (que não é apenas o pensamento consciente, mas o condicionante que transforma a vida que passa através de você em sentimentos, prazer e dor). E esse pensamento não é seu; ele é o que você aprendeu dos outros, de segunda mão, pertence a todo mundo. Você pertence a todos. Então por quê você não aceita essa coisa natural? Se você aceitar essa coisa natural, tudo entrará em seu ritmo próprio: não há nada a se fazer, nada para se controlar, nada para se perguntar. Você não precisa fazer nada. Você está acabado.

* * *

Q: Uma pessoa não pode apenas se sentar em uma colina e apodrecer. Bem, é o que eu estou fazendo.

UG: Você continua apodrecendo, não importa onde você esteja. Não precisa ser necessariamente em uma colina; o apodrecer continua no meio de todas as suas atividades. E o peso é que você pode um dia, de alguma forma, através de algum milagre ou da ajuda de alguém, fazer algo com relação a isso. Você não pode fazer nada com relação a isso, encare. Nenhum milagre! Ninguém pode te ajudar!

Q: Então, se ninguém pode ajudar...

UG: Você não sabe como se ajudar – esse é o ponto. Sabe, não são duas coisas diferentes. Se você realmente chegar ao ponto que nenhuma ação externa pode ser útil, automaticamente o seu desamparo total também desaparece. Há

o verso e o reverso da mesma moeda. Você ainda tem alguma esperança – o fato de que você está aqui significa que você não desistiu da esperança. Ou, se você não vem aqui, você irá ver outra pessoa na Índia – o próprio avatar, o próprio Deus andando na Terra. Provavelmente, ele irá produzir alguns adornos no ar, mas quão bom é isso? Não importa quem ele seja, se você não tivesse esperanças, você não o ouviria, você não tocaria em um livro, você não ouviria ninguém nesse mundo. Não que você seria orgulhoso ou nada; mas toda ação externa, em qualquer forma e em qualquer nível, acabaria de uma vez por todas.

“Eu não sei o que fazer. Estou desamparado, totalmente desamparado” – contanto que você pense que está totalmente desamparado você dependerá de uma ação externa. Isso pode acabar com apenas um golpe: em apenas um florir sua dependência de alguma ação externa acaba e, com ela, a idéia de que você está desamparado, que você não sabe nada sobre isso, também acaba. Mas você está esperando que algo aconteça ou que alguma graça irá vir de você – você ainda depende de uma ação externa. Eu posso te dizer que não há poder fora de você – nenhum poder. Isso não significa que você tem todos os atributos que lê sobre os super Deuses; mas não há poder fora de você. Se há algum poder no universo, ele está em você.

Q: Estou convencido do que você diz.

UG: Não é uma questão de convicção; é um fato e esse fato não pode ser vivenciado por você. Contanto que você diga a si mesmo que você está convencido, você não tem tanta certeza.

Q: Não há poder fora de mim, aqui e agora?

UG: Você não deixa o poder se expressar porque é uma coisa que você não pode vivenciar. Você quer vivenciar isso. Como isso é possível? O poder é algo vivo, vital – é o pulsar, o pulso, a batida da vida – você é uma expressão dessa vida e isso é tudo. Como você pode vivenciar isso? Essa estrutura do pensamento, pela qual você vivencia, está morta; ela de nenhum modo pode vivenciar a vida porque ela é algo vivo, a outra está morta e não pode haver nenhuma relação entre as duas. Você apenas pode vivenciar coisas mortas, não coisas vivas. A vida precisa se expressar. Isso é uma coisa que ninguém pode te ensinar. Você não tem que conseguir isso de alguém; o que você tem está em você.

Q: Sim. Mas e se...

UG: Não há um 'sim, mas'. Você não pode dizer 'sim' e começar a próxima sentença com 'mas'. Não há 'mais'. Se o 'sim' é um 'sim' verdadeiro, ele liberta – o 'sim' murcha porque está vazio e, então, o que existe começa a se expressar. Se você diz 'mas', você dá continuidade àquela estrutura morta, à experiência e à esperança. 'Sim!' é algo que faz florescer toda a estrutura em pedaços.

* * *

Nenhuma ação externa pode te ajudar – ninguém – nem mesmo esse sujeito que fala tanto sobre tudo isso; ele não pode te ajudar (ao menos ele é honesto – “Tudo bem, eu não posso ajudar”). Então, todas as ações externas acabaram – esse é um ponto muito difícil de se

chegar – “Todas as ações externas acabaram para mim!”. Você não vai ouvir ninguém, não importa quão divino ele seja. Ele pode ser o Deus dos Deuses, ele pode dizer: “Eu vim para libertar toda a humanidade!”, mas você não irá vê-lo, entende? (se você vai apenas para satisfazer a sua curiosidade, é uma coisa diferente). Você não procura algo de qualquer fonte externa e, então, você cai em si e realmente não quer saber. Você quer descobrir. Você faz a pergunta de novo – você está preso a ela – “Como eu posso entender essa coisa?”. Quando você acaba com todas as respostas de fora e nenhuma resposta aparece de dentro, o que acontece com a pergunta? Essa pergunta não pode permanecer; ela se dissolve. A ionização do pensamento toma lugar porque isso não pode escapar e isso é energia, é vida.

* * *

Q: Nós ouvimos falar que você passou sete anos com Jiddu Krishnamurti. Você quer dizer que a sua influência não foi um ponto de apoio para o seu estado atual? É um grande zero para você?

UG: Absolutamente. Algumas pessoas vêm e me perguntam: “Você permaneceu com Krishnamurti por sete anos. Você quer dizer que isso não teve nenhum impacto?”. Eu digo: “Apesar de Krishnamurti, essa coisa aconteceu”. Se ela tem que acontecer, tem que acontecer apesar de mim e dos meus mestres. Nenhum impacto, nada; pelo contrário, isso tornou tudo mais difícil para mim. Eu posso dizer que isso impede e destrói a possibilidade de você ser você mesmo, de se livrar do seu passado.

Como você pode se livrar do passado? Veja, a linguagem... A palavra 'livrar' implica que há algo que você pode fazer para se livrar. Não há nada que você possa fazer para se libertar do passado. Essa é apenas uma descrição do estado onde o passado não opera mais – ele não pode influenciar as suas ações. Essas ações – elas não são mais as suas ações. Você não sabe nada sobre essa ação – a ação da vida em si é uma coisa que de nenhum modo pode ser manipulada por você. Ao mesmo tempo, eu quero indicar que não é uma coisa mística ou religiosa ou uma ação pura e espontânea; isso não tem nada a ver com isso. A vida está atuando todo o tempo nesse sentido e, contanto que a atividade sensorial esteja em operação, algo acontece. Não uma, mas milhões e milhões de sensações atacam o organismo humano. Esse organismo humano não está separado disso; isso é um campo eletromagnético. Isso é um campo e o que o isola, separa você e cria um pequeno campo eletromagnético é o pensamento.

* * *

Q: Uma pessoa pode condicionar o pensamento de outra através da sua consciência?

UG: Como você vê o pensamento? Você realmente tentou isso ou você apenas aceitou a idéia? Aquele que busca o pensamento condicionado também está condicionado. Então, você vê como é absurdo fazer isso? Eu não acredito. Você não pode fazer nada. Não entre nessa jornada para se libertar do condicionamento do seu próprio pensamento.

Mas você ainda tenta. Você aceita essas idéias; você nunca questiona a validade dessas declarações. Não importa quem diga isso, isso é falso para você. Não apenas isso, isso te falsifica porque você não testa a validade dessas declarações por você mesmo.

* * *

Veja, você nunca se libertará do condicionamento. Não acredite em ninguém. Não há algo como a mente sem condicionamentos; a mente é condicionada. É um absurdo... Se há uma mente, ela está a um passo de ser condicionada. Não há algo como uma mente aberta. Na Sociedade Teosófica costumávamos repetir: "Uma mente aberta". Quão absurda é essa declaração! A mente nunca pode ser aberta; é uma coisa fechada. Eu não aceito que haja algo como a mente sem falar em uma mente aberta ou sem condicionamento. Não há uma totalidade desses pensamentos e experiências; todos eles são coisas desconectadas e deslocadas.

O estado de não pensar, o silêncio... Como você pode vivenciar o silêncio? – essa é a minha pergunta. Como você pode vivenciar o estado de não pensar? Você nunca se libertará do pensamento. Se há algo como o estado de não pensar, ele nunca poderá ser vivenciado por você ou por ninguém. O que quer que você vivencie é criado por esse pensamento.

O infinito... Nós costumávamos escrever ensaios, como "Tempo e o Infinito", essas coisas ridículas. É o tempo que cria o infinito e então o possui – e, através dessa posse, o tempo continua – e a continuidade é tudo no que você está interessado.

* * *

Abstrações são muito enganosas. Se você começa a falar em termos de 'inocência', em termos disso, daquilo ou do outro, você está perdido. Abstrações são muito enganosas, muito. Você fala de inocência. O quê você sabe sobre a inocência? Nesse estado, você realmente não sabe para o que você olha. Você não sabe se o que você olha é a sua mulher. Pode haver algum relacionamento? Pode haver uma esposa? Pode haver uma criança? Veja, você pode falar de inocência, mas quando não há uma mente, por quê falar da mente inocente? Onde está a mente ou a mente sem condicionamentos? Essas frases são muito enganosas; elas de nenhum modo irão te ajudar.

* * *

Para mim não há algo como a mente; a mente é um mito. Desde que não haja algo como a mente, a 'mutação da mente' sobre a qual J. Krishnamurti fala não tem significado. Não há nada para ser transformado radicalmente ou de outro modo. Não há um self para ser compreendido. Toda a estrutura da religião que foi construída nessa fundação entra em colapso porque não há nada para ser compreendido. Para mim, Krishnamurti está jogando exatamente o mesmo jogo que todos esses santos feios que temos hoje no mercado. Os ensinamentos de Krishnamurti são conversa fiada. Não há nada nos seus ensinamentos e ele não pode produzir nada. Uma pessoa pode ouvi-lo por sessenta, setenta ou cem anos, mas nunca irá acontecer nada com esse homem porque toda a coisa é conversa fiada. Se o número de seguido-

res é o critério para que um mestre espiritual seja bem sucedido, JK é um pigmeu. Aqui está um mero escritor prolífico. Ele criou uma nova armadilha.

Você quer fumar cigarros e há sempre traficantes vendendo as suas próprias marcas de cigarro. Cada um diz que é o único, o melhor cigarro; e Krishnamurti vêm e diz que o dele é sem nicotina. Então, o problema não são os gurus, mas você. Se você não quer fumar, todas essas marcas irão desaparecer. Esses gurus são os piores egotistas que o mundo jamais viu. Todos os gurus são organizações prósperas que provêm experiências insignificantes aos seus seguidores. O jogo do guru é uma indústria lucrativa: tente lucrar dois milhões de dólares por ano de qualquer outro modo. Mesmo JK, que reivindica não ter posses, é o presidente de um império de oito milhões de dólares.

* * *

A consciência de não ter escolhas é bobeira. Quem é que está cômico de não ter opções? Você precisa testar isso por si mesmo. Esse cavalheiro Vitoriano reuniu ao seu redor a lenha da morte espiritual por um clube de vinte, trinta e quarenta anos. O quê há de bom nisso? Eu vivi com ele por anos e eu posso dizer que ele é um grande ator. "Cavalheiros. Nós iremos fazer uma longa jornada juntos" (*gargalhada*) – mas você nunca poderá fazer uma jornada com ele. O que quer que você faça, é sempre o mesmo. O que você vivencia com ele é a clarificação do pensamento. Você é esse pensamento. Ele é um humanitário que deveria ter desistido há muito tempo.

* * *

Para isso, você deve confiar em minha palavra. Nunca surge em minha mente que eu sou diferente de você. Então, quando você senta aqui e faz perguntas, “Por que eles me fazem essas perguntas?”, de nenhum modo há respostas para elas. Ninguém nesse mundo pode responder a essas perguntas. Todas as respostas que eles te dão te enganam – você irá acabar enganado, desencaminhado e dissipado depois de quarenta, cinqüenta anos... Eu conheço muitas pessoas que seguiram esses grandes mestres – muitas delas, que permaneceram em volta de Krishnamurti por cinqüenta anos, sessenta anos, vêm e me perguntam: “Gastei quarenta anos ouvindo o homem?”. Eu tenho a resposta para essa pergunta? Você precisa responder; eu não tenho uma resposta para essa pergunta. Você gastou cinqüenta anos e você irá gastar outros cinqüenta anos. Você pode vir aqui – nada irá acontecer, nada irá evoluir – você não conseguirá nada de mim. Por isso, estou seguro – eu vivo a minha própria vida. Se alguém vem, eu digo: “Diga-me, o que eu posso fazer? Não há muito que eu possa fazer. Obrigado. *Tchau*”.

* * *

(Os participantes da seguinte conversa visitaram UG enquanto assistiam ao acampamento anual de J. Krishnamurti em Saanen, perto da casa de UG na Suíça).

Q: Nós queremos entender esse problema da tristeza.

UG: Veja bem. Não conseguir o que você quer é triste – não importa o que você queira – felicidade, boa saúde, iluminação – isso muda, você sabe. Então, não conseguir o que você quer é triste.

Q: E isso nos faz neuróticos?

UG: A própria natureza da mente (se há uma mente) é neurótica porque ela quer duas coisas ao mesmo tempo. Então, cada indivíduo é um indivíduo neurótico. Contanto que você queira duas coisas, você está em um estado de neurose. E quando você não pode conseguir isso, você se torna psicótico, se torna selvagem. Não que você tenha que, necessariamente, bater em alguém; mas você se destrói porque a violência está dentro de você.

O que te faz infeliz é a busca por uma coisa que não existe. De nenhum modo a felicidade existe. Similarmente, não há algo como a iluminação. Você pode dizer que cada mestre, todos os santos e salvadores da humanidade afirmaram século após século que há iluminação e que eles são iluminados. Jogue todos agrupados dentro de um rio! Eu não me importo. Descobrir que de nenhum modo há a iluminação é a iluminação (*gargalhada*).

O pensamento não pára. Os pensamentos sempre existirão porque pensamento e vida não são duas coisas diferentes. Não imagine que você se libertará dos pensamentos; os pensamentos podem estar lá ou não, mas você de nenhum

modo se identifica com os pensamentos – não há existe nada que se identifique com um movimento particular do pensamento. Eles podem existir ou não – eles existem porque vida e pensamento não são duas coisas diferentes – você não pode fazer nada com relação a isso. Quando você vê que esse instrumento não é a coisa a ser usada para entender qualquer coisa, então, isso, de algum modo, diminui a sua velocidade e entra em um ritmo natural. Então, ele não se torna um problema ou um peso para você.

Você está tentando entender o ensinamento de alguém através do instrumento que é um produto desse pensamento. Você não pode, enquanto ouve alguém, entender que você usa um instrumento errado. Você não pode entender através dele o que alguém diz – essa é a primeira coisa que você deve entender. O que quer que você faça é uma barreira para o que você quer conseguir, não importa o que você queira conseguir. Veja, o que quer que você faça adiciona combustível e momentum a isso. Então, como isso irá reduzir sua velocidade ou parar e quando você irá fazer isso? Amanhã ou no dia seguinte? Você diz: “Amanhã irei entender”. Não há amanhã: isso não irá acontecer amanhã; isso deve acontecer agora ou nunca. Então: “Estou determinado a ver o que me impede de entender o que eu quero entender”. O que te impede de entender o que você quer entender é a mesma coisa que você usa para entender as coisas. Isso não é o meu ensinamento ou de ninguém, mas é a única coisa: você tenta entender algo através de um instrumento que não é o instrumento para entender.

Então, a única coisa que te mantém tentando é a esperança – “Se eu discutir esse assunto com esse sujeito

amanhã, provavelmente eu serei capaz de entender” – mas esse não é o caminho. Se eu não entendo, eu não entendo: “Eu não sei, não parece de nenhum modo haver uma maneira de resolver esse problema”. Eles deram o exemplo de um cachorro perseguindo o próprio rabo – isso continua e você sente que está chegando em algum lugar. Essa é a situação desastrosa: você não está chegando a lugar algum; esse de nenhum modo é o caminho para se chegar a algum lugar. Então, qual é o caminho? Não há caminho. Qualquer coisa que eu diga você transforma em um caminho e adiciona momentum. Esse não é o caminho, essa não é a rota: ela precisa ser sua. Então, todas as rotas precisam desaparecer. Contanto que você siga a rota de outra pessoa, a rota é um produto do pensamento. Então, não é uma nova rota na verdade; é a mesma rota antiga e você joga o mesmo jogo de um novo modo. Não é um novo jogo; é o mesmo jogo antigo que você joga todo o tempo, mas que você acredita jogar um novo jogo. Quando você vê o absurdo do que faz, talvez você perceba: “Que diabos venho fazendo por trinta, quarenta, cinquenta anos!”.

Preciso de vinte anos para olhar para uma montanha? Eu não preciso de vinte anos. Eu não sei como olhar para isso (alguém explica um estado natural de ser que é seu, e não meu). Você não sabe o que acontece quando você está na frente da coisa que você chama de ‘montanha’ (eu descrevo esse estado, o que acontece na verdade – essa é a ação da qual falo). Ela age em você. Como essa ação toma lugar dentro de você, e o que acontece quando ela age em você, é uma coisa que você nunca poderá

entender. Você precisa viver através disso para entender o que digo. Se você tivesse vivido através disso, você não existiria e não iria fazer todas essas perguntas. Quer você olhe para isso, agora ou nunca, o que te mantém tentando é a esperança: “Talvez em outro momento eu serei capaz de entender”. Você tenta focar seus olhos no que você olha e ver algo com mais clareza do que você viu ontem. Então, todos os truques que você joga – que se você olhar com mais cuidado, com atenção total, há mais clareza no que você olha – tudo isso é apenas decepção porque tudo o que você faz é clarificar o seu pensamento; você não olha nada. Você não pode olhar nada desse modo; isso não leva tempo. Então: “O que irei fazer com isso?”. Alguém diz: “Olhe para uma flor”, então, você olha para cada contorno, cada pétala, para a cor, sua espessura, etc. Se essa não é a maneira, qual é a maneira e quando você irá olhar para isso desse modo? Você precisa chegar a um ponto onde diz: “Eu simplesmente não posso olhar para isso da maneira que aquele sujeito descreve. Realmente, eu não sei. Realmente, eu não pareço estar apto para olhar pra isso de nenhum outro modo do qual olho” – primeiro, você deve chegar a esse ponto. Isso significa que o que o outro sujeito diz deve desaparecer – tudo o que ele diz a você sobre como olhar para uma flor precisa desaparecer – então, você pode lidar com o modo que você olha essa flor. Então, você fica preso a isso: você realmente não sabe o que fazer com tudo isso. Você precisa chegar a um ponto onde você não pode fazer nada: “É uma tarefa impossível!”. Primeiramente, você deve lidar com isso mais do que com o que você quer ser.

'Uma percepção sem o perceptível' é um conceito. Então, a única coisa que você pode fazer é pensar nisso: "O quê isso significa – 'a percepção sem o perceptível'?" Ou 'a visão sem o profeta'... Eu não uso essas palavras. Eu digo que não há um tradutor que traduz as sensações; elas continuam sensações puras e simples; não há nem o conhecimento de que elas são sensações. Ver, experimentar, tocar, cheirar, ouvir – todas elas são sensações – esses cinco sentidos funcionam. O que acontece quando essas sensações permanecem sensações sem a tradução, você nunca saberá. Você traduz todas essas sensações. Então, "como eu paro de fazer isso?". Você está perdido se perguntar: "Como irei parar a tradução?". Você não pode parar a tradução; você é o produto da tradução. Não pode haver nenhuma interrupção. Se alguém diz que há uma interrupção, "para o inferno o que dizem. Esse sujeito ou é um tonto ou algum macaqueador interessante e excêntrico. Ele fala de coisas que não são reais para mim. Você não tem coragem. Você não quer aceitar sua própria realidade. O que digo não tem nenhuma relação com a maneira que você funciona. Amanhã, você diz, você quer olhar para as coisas do modo como as vejo. Talvez eu esteja me enganando. Então, "esse é o modo como olho para isso. Essa parece ser a única coisa que conheço; eu não conheço as percepções daquele sujeito". Então, deixe o sujeito em paz – não tem utilidade culpar esse homem ou qualquer pessoa. Nem há qualquer utilidade em culpar você mesmo. Qual a vantagem em se culpar? Esse é o modo como você funciona. Então, ele precisa parar naturalmente –

não parar; ele precisa reduzir a sua velocidade. Você não sabe. Você chega a um ponto no qual você não sabe o que fazer com todo o negócio: “Eu não posso fazer nada. Esse é o único modo que conheço; eu não conheço qualquer outro modo; o que o outro sujeito diz não faz sentido para mim”. Então, ele diz “tente” e você dá uma chance a isso, mas você parece não chegar a lugar algum. Então, a esperança te faz continuar – “Amanhã talvez eu serei apto para entender o que esse sujeito diz, talvez eu consiga fazer o que ele quer que eu faça” – mas você irá passar o resto da sua vida tentando entender. Mas, se você ver a futilidade disso tudo, talvez isso pare – não pare realmente, mas esmoreça.

Q: *(Inaudível, mas provavelmente uma tentativa de comparar os ‘ensinamentos’ de U.G e J.K).*

UG: Eu posso usar vários símiles: a flor, por exemplo. A natureza da consciência humana é se expressar em palavras – essa é a sua fragrância. Desde que haja apenas um punhado de pessoas que, não por causa do que fizeram ou deixaram de fazer, tropeçaram nesse tipo de coisa. Elas falam e, quando falam, há com certeza uma diferença porque o background do homem o influencia. Você senta e compara essa frase, aquela e a outra frase e então você diz que, comparativamente, ele diz a mesma coisa ou não. Como você sabe sobre o que esse sujeito fala? – essa é a pergunta que faço, veja. Primeiro de tudo, você não conhece o que ele diz. Você não sabe. Veja, se você soubesse, você não voltaria ano após ano. Ele pode dizer que fala pela alegria de viver – não sei; você precisa perguntar a

ele. Ele sabe que (sendo muito direto) você não chegou a lugar nenhum e de nenhum modo você irá conseguir isso (*risadas*), o que quer que você queira. Esse é um fato franco. De nenhum modo você irá conseguir isso porque não há nada para se conseguir, nada para ser alcançado. Isso é o que tentei comunicar para aqueles que vêm me ver e se importam em me ouvir: contanto que você queira conseguir, alcançar algo ou ser um homem iluminado, você não será um homem iluminado. Iluminação é jogar fora todo o negócio de querer ser um homem iluminado – isso é iluminação. Eu não quero usar essa palavra.

Q: Então, há iluminação!

UG: Se você quer chamar isso desse modo, veja. Eu não sei. Eu nunca digo a mim mesmo: “Eu sou um homem iluminado, um homem auto-realizado”. O que isso quer dizer? Isso não significa nada para mim. Então, não vejo sentido em falar sobre iluminação ou procurar dizer a mim mesmo e aos outros, com a cabeça erguida: “Venha e me ouça. Eu sou um homem iluminado. Eu irei libertar vocês” – esse é o ‘negócio sagrado’ – nunca. Talvez vocês estejam aqui por curiosidade. Talvez vocês ouvirem dizer que há um sujeito engraçado que diz a mesma coisa ou não diz a mesma coisa, que ele é brutal, é violento, está destruindo o homem e dizendo todo o tipo de coisas. Provavelmente, a curiosidade te trouxe aqui, eu não sei. Está tudo bem para mim se você veio aqui por curiosidade e se você diz que eu faço tudo isso por brincadeira. Está tudo certo para mim. Mas eu não estou fazendo isso por brincadeira. O que eu consigo com isso? Tudo bem, se eu assumir por um momento que

eu faço tudo isso por prazer, por que você se deixa ser usado por mim? Fique longe! Não se permita ser usado por mim! Fique longe! O meu interesse é te mandar tudo embrulhado. Não se permita ser explorado por mim! Eu não tenho nenhum prazer com isso. Se você não vir amanhã, dá no mesmo. Mas você não acredita nisso porque a única coisa que você conhece é o prazer. Eu não digo que há algo errado com o prazer. Não diga que há algo errado. Se você aceitar que está aqui exatamente pela mesma razão que um homem vai a um bordello, isso irá te causar um choque terrível. Não há nenhuma diferença – as pessoas vão lá todas as manhãs, dia após dia (*risadas*). Domingo após domingo, às nove horas, se precipitam para dentro da tenda (na qual JK dá suas conferências em Saanen) por exatamente as mesmas razões. Você pode colocar isso em uma linguagem refinada que você goste, você pode dizer que estou me tornando mal cada vez mais...

“Tudo isso é tagarelice?” – se você pode ver isso... Eu digo isso para mim mesmo na tenda e saio dela. Eu disse que nunca mais iria escutá-lo ou qualquer pessoa nesse mundo, não apenas esse homem. Então, isso está acabado para você – “Por quê estou aqui? Por quê estou ouvindo?”. Talvez você tenha ouvido algo sobre mutação ou um indivíduo transformado e isso é o que traz você – isso é o que te assombra; isso de nenhum modo te deixa dormir. Então, isso é uma barreira real – “Eu não quero ser assombrado por pensamentos de sexo; eu quero ser assombrado por pensamentos de auto-realização, realização em Deus, iluminação”. Você pode dizer que eles são coisas superiores; mas eles são exatamente os mesmos.

Uma coisa eu devo dizer. Isso não nasce do pensamento. Isso não é uma premissa logicamente apurada que torno pública. São apenas palavras que brotam da sua fonte natural sem nenhum pensamento, sem nenhuma estrutura do pensamento. Então, pegue ou abandone isso! Você ficará em uma situação melhor se largar isso.

Q: Essa é a mesma abordagem negativa que J. Krishnamurti usa.

UG: O problema é que o que você chama de 'abordagem negativa' é uma abordagem positiva; você apenas chama isso de 'abordagem negativa', mas você tornou a coisa toda uma abordagem positiva. Se isso é uma abordagem negativa, deve se negar em alguma parte. É essencial usar a abordagem negativa, mas você, infelizmente, tornou toda a abordagem negativa uma abordagem positiva. Esse homem não é responsável por isso; qualquer coisa que essa estrutura toque, deve tornar uma coisa positiva porque ela é produto do pensamento positivo. Então, qualquer pessoa que você ouça está transformada em um método, um sistema – você quer conseguir algo através disso. Por exemplo: alguém diz que há uma mente e que você deve tirar os condicionamentos da sua mente. Como você irá retirar os condicionamentos da mente? Você condiciona sua mente através dessa língua estrangeira – isso é o necessário para que você veja. Não culpe o outro camarada. Eu irei cantar essa canção pelo resto da minha vida até cair morto; quer qualquer pessoa ouça isso ou não, isso não tem importância para mim. Então, deixe esse camarada em paz: nunca estabeleça qualquer rela-

cionamento com esse homem. No momento que você usa isso para conseguir o que você quer ou chegar a algum tipo de destino, você se engana no mesmo jogo antigo – você precisa ver. Ver é o fim – acabou, veja. Mas você não entendeu nada; você vai lá de novo e você apenas clarificou seus pensamentos e, através da chamada clarificação, você deu força para a continuidade do pensamento – isso é tudo o que aconteceu. Então, é a esperança que faz você continuar. Você criou um hábito, uma rotina: ao invés de ir à igreja, você vai lá – isso é tudo o que você faz. Se você vê o absurdo do que você faz, então, há uma possibilidade de você dizer a si mesmo: “Que diabos estou fazendo? O que estou fazendo? Como eu sou diferente? Por quê estou ouvindo isso?”.

Q: Você parece contrapor discursos espirituais.

UG: Eu contei ontem aos meus amigos algo sobre um símile que temos em um de nossos livros de que esses que vão ouvir discursos espirituais, esses que lêem livros de natureza religiosa e esses que olham além são como macacos que sentam em volta de um objeto ocre, tentando se esquentar. Você sabe o que um objeto ocre é – é vermelho na cor, mas não tem calor. Não há nada que você possa conseguir dos discursos espirituais ou de qualquer livro religioso. Isso é o que tento indicar àqueles que se importam de me ouvir: não há nada para se compreender, nada para se alcançar. Então, o quê é esse barulho? O quê é que você quer? O quê é isso que você está procurando? – essa é a minha pergunta. Se você está buscando algo e você quer algo, a primeira coisa que você deve fazer é

jogar fora, trancar, armazenar, dependurar, alinhar e afundar todas essas coisas das quais você depende. Você deve golpear tudo isso em um chapéu surrado. De outro modo, não há chance de você ser você mesmo. Se você seguir qualquer rota, não importa qual rota seja, isso sempre te desvia e coloca na rota errada. Se você fizer qualquer coisa do que digo, você está perdido, de corpo e alma. E se há um Deus, ele deve, além da sua clemência pura, salvar vocês todos e salvar você de mim. Uma coisa eu devo deixar bem clara: eu não estou aqui para libertar todos vocês. Quem sou eu para libertá-los? O que é isso do qual você quer se libertar? Você está tentando se libertar de uma coisa que você tem. Então, eu apenas indico que você está na rota errada e você me pergunta: "Qual é a rota correta?". Quem sou eu para falar? Você está preparado para aceitar o fato de que você está na rota errada? Isso significa que o mestre que você persegue e as coisas sobre as quais você pensa devem desaparecer. Você está preparado para jogá-las pela janela? Hein? Você tem esperança de que um dia isso irá te levar onde você quiser – esse é o problema, sabe. Seu mestre deve desaparecer, não importa quem ele seja. As coisas que você lê é algo do qual você deve se libertar. Muitos de vocês ficarão magoados se eu indicar isso a vocês. Há um livro que vocês irão encontrar aqui na estante, *Freedom from the Known* (escrito por JK), não é? É um título muito fantasioso. Então, você lê esse livro. É dele que você deve se livrar para que você possa se libertar: você deve se libertar do que você lê. Se esse cavaleiro fracassou em se libertar e a te libertar do que você lê, ele fracassou.

Você pode não estar disposto a culpá-lo; você está pronto para se culpar. Essa é a situação desastrosa na qual você se encontra hoje. É o seu problema, não o dele. Deixe-o em paz.

Q: O que temos quando nos desprendemos da busca?

UG: Em primeiro lugar, você quer garantias. Veja, uma rota significa que você tenta chegar a um destino. A palavra 'rota' é uma palavra mística. Qual é a rota que você segue? Alguém te diz: "Esse é o caminho. Você precisa se livrar do condicionamento. Essa é a rota", por exemplo, mas isso sempre te desvia; isso não te leva a lugar algum. Você se distancia de si: você precisa ser você mesmo e essa rota tenta te transformar em algo além do que você é. Por quê você quer ser uma pessoa diferente do que você é? Veja, de outro modo, você não ouviria ninguém.

Olhe aqui. Eu quero ser cheio de sentimentos por qualquer pessoa. Alguém está falando sobre o amor, por exemplo. Então você quer ser cheio de amor ou o que quer que seja. Você não sabe de coisa alguma sobre o que esse camarada ou qualquer outra pessoa fala. Então, você quer ser cheio disso. Você projeta cem vezes mais o que você pensa que é o amor, por exemplo. Então, isso é o que torna difícil para você ser você mesmo. E isso que você irá ser apenas amanhã ou no dia seguinte.

Q: Não é uma rota; nós criamos uma rota a partir disso.

UG: Então, se você não quer chegar a lugar algum, qual a necessidade de procurar por uma rota?

U.G. KRISHNAMURTI NA INTERNET:

<http://www.well.com/user/jct/>

<http://www.ugkrishnamurti.org>